



**PROFHISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

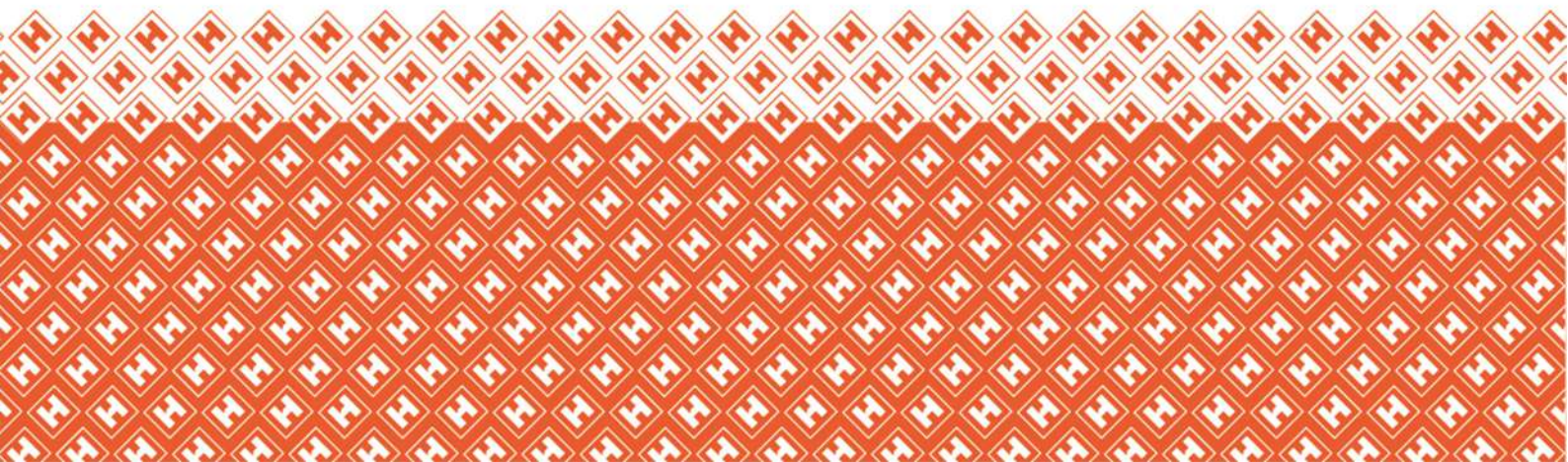
---

Luis Felipe Sanches

**Memória e Patrimônio em Tupã-SP:  
Proposta pedagógica para o Solar Luiz  
de Souza Leão (1901-1980)**

Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Agosto / 2018



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA  
NÍVEL DE MESTRADO PROFISSIONAL – PROFHISTÓRIA**

**Luis Felipe Sanches**

**Memória e Patrimônio em Tupã-SP: Proposta pedagógica para o  
Solar Luiz de Souza Leão (1901-1980)**

**CAMPO MOURÃO – PR  
2018**

**Luis Felipe Sanches**

**Memória e Patrimônio em Tupã-SP: Proposta pedagógica para o  
Solar Luiz de Souza Leão (1901-1980)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito para obtenção do título de Mestre.

**Área de Concentração:** Ensino de História  
**Orientador(a):** Dr. Michel Kobelinski.

**CAMPO MOURÃO – PR  
2018**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha de identificação da obra elaborada pela Biblioteca  
UNESPAR/Campus de Campo Mourão

S211m	<p>Sanches, Luis Felipe</p> <p>Memória e patrimônio em Tupã-SP: proposta pedagógica para o Solar Luiz de Souza Leão (1901-1980) / Luis Felipe Sanches. -- Campo Mourão, PR : UNESPAR, 2018. 94 f. : il. color.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Michel Kobelinski Dissertação (Mestrado) – UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná, Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA), 2018. Área de Concentração: Ensino de História.</p> <p>1. História-Estudo e Ensino. 2. Patrimônio Histórico. 3. História do Município de Tupã-SP. 4. Autobiografia. I. Kobelinski, Michel, orient. II. Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão, PR. III. PROFHISTÓRIA. IV. UNESPAR. V. Título.</p> <p>CDD 21.ed. 907 353.7 981.61 920.71</p>
-------	--





Luis Felipe Sanches

**Memória e Patrimônio em Tupã-SP: Proposta pedagógica para o  
Solar Luiz de Souza Leão (1901-1980)**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Michel Kobelinski

Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissionalizante em História (ProfHistória) da  
Unespar de Campo Mourão-PR

---

Prof. Dr. Bruno Flávio Lontra Fagundes

Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissionalizante em História (ProfHistória) da  
Unespar de Campo Mourão-PR

---

Prof. Dra. Viviane da Silva Araujo

Professora Adjunta do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal  
da Integração Latino-Americana (UNILA).

Data de Aprovação

\_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Campo Mourão – PR

Para minha vó Guta, que mesmo próxima de cerrar os olhos, não deixou de zelar pelo seu neto.



## AGRADECIMENTOS

Inúmeras foram as dificuldades encontradas para traçar essa dissertação, mas graças à colaboração direta e indireta de várias pessoas este trabalho se deu por realizado. Devo começar os agradecimentos ao meu professor orientador Michel Kobelinski que acreditou em mim e no meu projeto e que, com as excelentes orientações, norteou a realização desta dissertação.

Ao Museu Índia Vanuíre e a diretora do Museu, Tamimi David Rayes Borsatto, por me aturar constantemente bisbilhotando os arquivos, e que generosamente aceitou disponibilizar a documentação digitalizada em seu site. Estes agradecimentos vão também ao ex-secretário da cultura de Tupã, Anderson Medeiros, e ao vice-prefeito de Tupã Caio Aoki, que gentilmente concederam permissões para pesquisar no arquivo fechado do Solar Luiz de Souza Leão.

Agradecimentos cabem também ao historiador local Paulo José Oliveira Silva, peronista convicto, exímio conhecedor da história da região e detentor de uma memória fotográfica, que reservou seu tempo livre para debater e fornecer informações sobre a história de Tupã.

Devo também agradecer aos diretores das escolas em que trabalho por sempre compreenderem a minha ausência ou diminuição do meu rendimento. Agradeço também aos professores do programa de Pós-Graduação em Ensino de História do programa ProfHistória da Unespar de Campo Mourão, que sempre compreenderam as dificuldades de ser um docente/discente e sempre me auxiliaram na pesquisa com contribuições e intervenções.

Ao professor Gelson Costa devo agradecer pelas incontáveis dicas e correções ortográficas que prestativamente fez com a maior alegria de todas. Ao também amigo e professor Eder Dias do Nascimento, companheiro de sala, que por horas e horas dividia comigo as lamentações e conquistas da vida acadêmica. Outro grande companheiro que deve ser citado por sua bravura e amor à vida, e que me inspirou, inclusive, a ser professor, é o Prof. Ms. Fabio Augusto de Oliveira.

Os maiores agradecimentos ficam, entretanto, para aquelas que sempre me deram o apoio moral e afetivo, minha mãe Lia e para a Bia, que nesses anos árduos anos foram o meu suporte, pilar, sustento e fonte de inspiração, cujas preces me guiavam nas horas e horas de estrada.

## RESUMO

SANCHES, Luis Felipe. **Memória e Patrimônio em Tupã-SP: Proposta pedagógica para o Solar Luiz de Souza Leão (Tupã-SP)**. UNESPAR – Campus Campo Mourão, Campo Mourão, 2018.

A presente pesquisa analisa as práticas arquivísticas de Luiz de Souza Leão (1901-1980) – descendente de famílias ilustres de Pernambuco (séc. XVII) –, que, ao longo do século XX, vinculou imagens de si à colonização e à exploração dos sertões do Estado de São Paulo por meio da escrita de uma história em que este é narrador e protagonista. Tal prática autorreferente, associada à Empresa Melhoramentos da Alta Paulista e, conseqüentemente, à fundação das cidades de Tupã (1929) e Parapuã (1934), à organização do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre (1966) e do Solar Luiz de Souza Leão, levaram à problematização das subjetividades dos modos de ser de Luiz de Souza Leão: como a construção de si nutriu uma escrita autorreferente e sua ampliação para espaços de memórias? Por meio da pesquisa é possível apresentar, com base em uma intervenção museológica, produtos ou serviços a partir das seguintes questões: como é trabalhada a exposição no Solar Luiz de Souza Leão? Tendo como aportes teóricos e metodológicos os estudos (auto)biográficos, o objetivo central deste projeto é trabalhar a exposição por meio de uma cartilha pedagógica com atividades lúdicas para serem aplicadas no Solar Luiz de Souza Leão. Algumas dimensões destes arquivos do eu (escritos, arquivos e monumentos) estão presentes na proposta e são problematizados, a saber: as influências sociais (tais como a função e valor social), as práticas ou maneiras encontradas por Luiz de Souza Leão para arquivar a própria vida, a intimidade arquivística, isto é, suas intenções autobiográfico-monumentais, bem como a organização das exposições neste museu-casa. Sendo assim, a baliza temporal deste trabalho é o período da vida de Souza Leão até os dias atuais. As fontes de pesquisa, que se circunscrevem ao espaço museológico Solar Luiz de Souza Leão e às suas coleções e/ou exposições (panfletos), fotografias, recortes de jornal, mobiliário, cartas, certidões, documentos oficiais e tombamentos, além de seu texto (autobiográfico intitulado Fundação de Tupã (1968)), fornecem material indispensável a inúmeros produtos destinados aos seus visitantes. No âmbito deste estudo, a pesquisa procura ampliar o conhecimento acerca da História Local e Regional, além de refletir sobre os conceitos de patrimônio histórico, exposições de acervos em museus e (autobiografia).

**Palavras-chave:** Ensino de História. Espaços de memória. Ensino e aprendizagem em espaços não-formais. Educação Patrimonial. Nova Museologia. Solar Luiz de Souza Leão.

## ABSTRACT

SANCHES, Luis Felipe. **Memory and Patrimony in Tupã-SP: Pedagogical proposal for Solar Luiz de Souza Leão (Tupã-SP)**. UNESPAR – Campus Campo Mourão, Campo Mourão, 2018.

This research analyzes the archival practices of Luiz de Souza Leão (1901-1980), descendant of Pernambuco's illustrious families (17th century) which throughout the 20<sup>th</sup> century, linked images of himself to the colonization and exploration of the jungles of the State of São Paulo through the writing of a story in which he's the narrator and protagonist. These self-referential practices, associated with Melhoramentos da Alta Paulista Company and, consequently, with the foundation of the cities of Tupã (1929) and Parapuã (1934), the organization of the Historical and Pedagogical Museum Índia Vanuíre (1966) and the Solar Luiz de Souza Leão, lead one to the problematization of the subjectivities of Luiz de Souza Leão's ways of being: how did the construction of the self nurtured a self-referential writing and its extension to memory spaces? From the research, it is possible to present, based on a museological intervention, products or services from the questions: how are the exhibitions at the Solar Luiz de Souza Leão being handled? Having as theoretical and methodological contributions the (self) biographical studies, the central objective of this project is to work with the exhibition through a pedagogical playbook with ludic activities to be applied at the Solar Luiz de Souza Leão. Some dimensions of these archives of the self (writings, archives and monuments), are present in the proposal and also discussed, that is: the social influences, (such as social function and value), the practices or ways found by Luiz de Souza Leão to archive his own life, the archival intimacy, that is, his autobiographical-monumental intentions, as well as the organization of exhibitions in this museum/home. Therefore, the time mark of this work is the life period of Souza Leão until nowadays. The research sources, which are limited to the Solar Luiz de Souza Leão museum space and its collections and/or exhibitions (pamphlets), photographs, newspaper clippings, furniture, letters, certificates, official documents and recordings, besides his (autobiographical) text, provide indispensable material to the numerous products destined to the visitors. In the context of this study, the research seeks to increase knowledge about Local and Regional History, as well as to reflect on the concepts of historical heritage, exhibitions of collections in museums and (autobiography).

**Keywords:** History Education. Patrimony. Autobiography. Education in museums. Teaching and learning in non-formal spaces. Patrimonial Education Memory Space. New Museology

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
CAPÍTULO I: O Solar Luiz de Souza Leão: da escrita de si para a escrita da História.....	21
1.1 <i>A cidade de Tupã e o Solar Souza Leão</i> .....	21
1.2 <i>O Solar Souza Leão - Fragmentos de uma escrita autorreferente</i> .....	28
CAPÍTULO II: Patrimônio e identidade: uma problemática acerca do tema.....	42
CAPÍTULO III: A formulação da cartilha “Patrimônio e Educação: o Solar Luiz de Souza Leão (Tupã-SP) em sala de aula.” e a digitalização do acervo.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	81
FONTES.....	85
ACERVO CONSULTADO.....	88
ANEXOS.....	89
Anexo I - <i>Licença de uso de publicação e utilização dos direitos autorais</i> .....	89
Anexo II – <i>QR Code de acesso aos documentos</i> .....	90
Anexo III – <i>Documentos digitalizados da Caixa de História</i> .....	91

**Anexo IV – Cartilha Pedagógica “Patrimônio e Educação: O Solar Luiz de Souza Leão  
(Tupã-SP) em sala de aula.”**

.....94

## INTRODUÇÃO

Há muito tempo os centros são objeto de ferozes batalhas; eles não querem desaparecer sem combate, eles resistem. Parecem-me, entretanto, que a evolução age profundamente contra o centro urbano. Ele não é mais adaptado à vida econômica, à vida das relações que dominam as populações urbanas. Então, o que ele se torna? *Centro storico*, dizem os italianos. E se ele ainda brilha, é a beleza da morte. Caminha-se em direção ao centro-museu. O caso típico é Veneza, cidade muito curiosa. Na tipologia e história das cidades, ora se considera a exceção absoluta, ora, pelo contrário, se trata - como caso limite - da cidade por excelência. Creio que se trata, ao mesmo tempo, das duas coisas e de nenhuma delas. (LE GOFF, 1988, p.150)

O que os monumentos da cidade de Tupã-SP não revelam aos seus habitantes? Que intenções individuais e coletivas em disputa se ocultam aos olhares? Quais as imagens da cidade e do *Centro Storico* figuram na memória das pessoas e na historiografia da cidade? Estas questões podem ser trabalhadas por professores de História e por educadores em museus? Estas são algumas questões que nortearam o objeto desta investigação, cujo teor será explicado a seguir.

As imagens do patrimônio urbano de Tupã são plurais e, deste modo, também representam a constante batalha pela Memória e pela História. As imagens positivas que harmonizam os cidadãos e o ambiente de prosperidade e felicidade que irradiaram não são apenas objetos de discursos. As ruas, as praças, os parques, o casario, bem como os monumentos, entre outros, também são portadores de mensagens, que, embora sempre presentes no horizonte da paisagem urbana, têm seu sentido esmaecido pelo tempo. De qualquer maneira, desses mesmos blocos de concreto, ferro e rocha emanam sussurros que evidenciam lembranças de um mal-estar e colocam em dúvida sua própria preponderância. Justifica-se, pois, uma intermediação nos olhares e, conseqüentemente, ajustes nas formas de interpretação e ressignificação da complexa realidade do patrimônio urbano de Tupã.

Em contrapartida, cabe aos especialistas não só a intervenção no olhar, mas também uma participação sociocultural mais efetiva com propostas de aprendizagem a serem aplicadas junto à comunidade e a seus lugares de memória<sup>1</sup>. A partir das dimensões teóricas, práticas e de planejamento, pode-se pensar de forma mais instigante as variantes da história da cidade e

---

<sup>1</sup> A categoria lugares de memória foi criada por Pierre Nora, cujo significado é o de unir a ideia de patrimônio como preservador de memória, e do espaço como um veiculador dessa memória. Ou seja, o patrimônio material gera uma ideia coletiva de imaterialidade, segundo Arévalo (2004, p.3)

encaminhar estas reflexões para ações educativas em espaços públicos, envolvendo, quando possível, todos os cidadãos.

As narrativas históricas sobre a cidade de Tupã são multifacetadas. As versões oficiais contrastam, deste modo, com memórias esquecidas, as quais raramente figuram nos livros, sejam eles didáticos ou até mesmo nos monumentos. É importante levar em consideração que, em geral, o espaço monumental é elitizado. Este fator não deixa de ser uma interpretação deficitária da realidade histórica e, conseqüentemente, desvalorização de outros grupos sociais. Portanto, é necessário que as narrativas oficiais sobre a história das cidades, veiculadas em *lugares de memórias*, sejam objeto de atenção de todos. Afinal, as narrativas também partem do apelo aos sentimentos e à materialidade dos monumentos. A partir desta presença das narrativas justapostas aos monumentos pode-se pensar no seu oposto, isto é, nas ausências, nas vozes e no desejo de pertencimento que foram caladas e suprimidas ao longo do tempo.

Neste sentido, enfatiza-se aqui que os apelos ao patrimônio cultural devem ser objeto de atenção. A ideia de que os cidadãos vivem em harmonia no meio urbano de Tupã não é plena e a disseminação de uma imagem pode ter pontos de vista opostos. Especialmente ao sair do centro histórico e ir em direção à periferia. A referência histórica para tal tipo de ênfase recai num passado idealizado, no qual a ferrovia, a iniciativa privada e a atividade agropecuária se associaram à ideia de civilização e modernidade.

Ora, neste caso, é importante destacar, a contrapelo, algumas ilhas testemunho que deram margem a outras versões da história. A toponímia indígena é, por si, reveladora. O nome da cidade, por exemplo, indica uma narrativa paradoxal. Tupã é uma designação da mitologia tupi-guarani que se contrapõe à realidade dos conflitos entre os povos indígenas e a mitologia dos índios Kaingang, por exemplo. As denominações das ruas seguem o apelo reducionista desta toponímia, pois estas são desprovidas de uma densidade reflexiva mais ampla entre a comunidade: tapajó, botocudo, bororó, coroadó, nhambiquara, etc. São nomes, estes, com significado histórico, porém desprovidos de um sentido mais profundo, além de não serem unanimidade na nomenclatura das vias urbanas. Funcionam, então, como pálidas lembranças de um passado contraditório que se quer e se deseja mais ameno às proposições de discursos oficiais.

A exceção fica por conta do Museu Índia Vanuíre. Fundado na década de 1970 este museu pedagógico possui coleções históricas, acervos fotográficos e textuais. Sua existência, no entanto, só foi possível graças à influência política e econômica de Luiz de Souza Leão

(1901-1980), um dos pretensos fundadores da cidade que construiu a sede definitiva daquele museu.

Foi justamente este fato histórico que chamou a atenção na execução deste trabalho: o da instalação deste espaço museal, que, de acordo com o site do museu Índia Vanuíre, tem por incumbência:

“[...] valorizar, articular e difundir o patrimônio etnológico indígena por meio de programas de salvaguarda, comunicação e pesquisa voltados para diferentes segmentos da sociedade, tendo em vista a discussão e reflexão crítica acerca dos valores humanos e da cidadania”.

O problema sobre o qual esta pesquisa se debruçou partiu do binômio ausência/presença da oferta de “conhecimento e valorização da pluralidade do patrimônio cultural da cidade de Tupã”<sup>2</sup>.

É importante mencionar que em relação aos apelos tradicionais ao patrimônio cultural de Tupã, valorizaram-se as narrativas e os atos contemplativos, os quais se mostraram insuficientes para as mais diversas interpretações. Portanto, o que se enfatiza com este trabalho é a releitura de um espaço de memória dominado pelas tradições fundantes de Tupã e, ao mesmo tempo, a ação de propiciar à comunidade e aos visitantes do Solar Luiz de Souza Leão um instrumento pedagógico informativo para professores. Construiu-se assim o título do presente estudo, Memória e Patrimônio em Tupã-SP: proposta pedagógica para o solar Luiz de Souza Leão (Tupã-SP).

Articular patrimônio, a autobiografia de Souza Leão – que mescla a História de Tupã com memórias pessoais – e educação museal, se mostrou um desafio instigante. Primeiro, porque algumas possibilidades de interpretação foram vislumbradas. Entre elas a de que o Patrimônio Cultural pode ser visto em suas dimensões dinâmicas, correlacionais e sensíveis, as quais envolvem tanto a paisagem urbana e os processos históricos que a formaram, quanto as ações de personalidades históricas que, de alguma maneira, atuaram em sua elaboração. Por outro lado, com a docência em História, foram pensadas formas de atuação que promovessem a educação e a cidadania, sendo o Solar Leão um ambiente propício à pesquisa e ao desenvolvimento de práticas dentro do ambiente do museu.

Durante a elaboração do projeto de pesquisa os questionamentos eram inúmeros: que metodologia alternativa poderia ser aplicada a este espaço, a fim de complementar a exposição tradicional? Onde e como aplicá-la? Quais recursos deveriam ser utilizados para ir

---

<sup>2</sup> **SOBRE O MUSEU**. Disponível em: <https://www.museuindianuivre.org.br/o-museu/institucional/sobre-o-museu>. Data de Acesso: 20 de outubro de 2017.



além da contemplação e levar o aluno a dialogar com suas coleções? Em termos interdisciplinares, que recursos poderiam ser aplicados ao Solar Leão?

A partir deste cenário concluiu-se que era viável pesquisar a constituição do espaço da memória e, concomitantemente, desenvolver um plano de ação com o objetivo de aplicá-lo ao Solar Luiz de Souza Leão. Este direcionamento também se justifica em razão das restrições impostas às suas exposições durante seu tombamento. O Decreto-Lei nº 2978, outorgado em 23 de fevereiro de 1981, decorrente da lei nº 2 de 11 de fevereiro de 1981, e que, através de intermediador e representante *post-mortem* do pernambucano, o advogado paulistano Sr. Aloysio Raphael Cattani, estabeleceu as seguintes condições de doação:

Que esta doação é feita a título gratuito e gravada a condição de essencial de todas as peças, objetos, utensílios, e demais componentes do referido acervo permanecem em seus lugares atuais, que jamais poderão ser modificados ou alterados a fim de manter a autenticidade ambiental do “Solar Luiz de Souza Leão”, tornando-se [sic] portanto irremovíveis. (DECRETO-LEI nº 2978, 23/02/1981)

A exposição do Solar Leão se tornou, deste modo, estática e, com o passar dos anos, tornou-se pouco atrativa para o público. Ao contrário, o Museu Índia Vanuíre, que se localiza ao lado do Solar, tornou-se um ambiente interativo, especialmente por desenvolver oficinas culturais, jogos educativos, entre outros. Sem ter como ser diferente, o Solar Leão consolidou-se ainda mais como espaço das memórias tradicionais. Por assim dizer, tornou-se um complemento à visita ao Museu Índia Vanuíre, um lugar de passagem, caso os visitantes tivessem um tempo extra para atividades complementares. Outrossim, a situação financeira do Solar Leão nem sempre foi muito boa, em razão de não ter recursos próprios. Por vezes, ele se encontrou praticamente abandonado, a ponto de ser fechado por anos seguidos. Ou então, interditado por problemas estruturais, como queda de forros, muros, etc. Tudo isso teve imensuráveis impactos, os quais restringiram o acesso aos visitantes e pesquisadores. A restrição à visitação também ocorreu devido ao corte de gastos do governo municipal<sup>3</sup>, além de um caso de superfaturamento de obras de restauração<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup>Por vezes o Solar se viu fechado por completo, ou funcionando por meio período. Sempre que a prefeitura esteve em um momento de recessão os cortes na cultura se demonstram recorrentes e constantemente foram mostrados nos jornais municipais.

O caso se tornou polêmico na cidade pois, em 2013, um jornalista e renomado radialista da cidade denunciou casos de corrupção em outras obras públicas com desvio de verba, que envolviam a secretária da Cultura da Estância Turística de Tupã na época, Aracelis Gois Morales, e secretários de outras pastas, como o prefeito da época, Waldemir Gonçalves Lopes (PSDB) e o dono da Empreiteira Baderlin, que, de acordo com o jornalista, venceu por meio ilícito as licitações, e, como forma de “gratidão”, usou de verba pública para reformar chácaras e casas de secretários com a empreiteira. Disponível em: NEVES, Jota. **Corrupção administrativa e irregularidades decretam a suposta falência de empreiteira de Tupã-SP.** <http://jotaneves.com.br/2013/02/corrupcao-administrativa-e-irregularidades-em-obras-publicas-levam-ao->

Mesmo com todos estes empecilhos, o museu é um espaço fértil para a visitação, para a aprendizagem e para a pesquisa. Conforme comentado, sua exposição parte da autobiografia de seu fundador e, conseqüentemente, de sua atuação e intervenção no patrimônio cultural da cidade de Tupã. O patrimônio edificado, isto é, o Solar Leão, envolve uma infinidade de práticas autorreferentes, cujo objeto central é a cidade, seu patrimônio e as imagens históricas de sua fundação.

Luiz de Souza Leão (1901-1980) era descendente de famílias ilustres de Pernambuco (séc. XVII). Ao longo do século XX ele vinculou imagens de si   colonização e   exploração dos sertões de São Paulo por meio da escrita de uma história em que   narrador e protagonista. Além disso, suas ações implicaram na formação de um imaginário<sup>5</sup> em torno de suas atuações políticas, econ micas, administrativas e patrimoniais, que culminaram na construção de espaços memoriais. Portanto, para se pensar a educação museal no Solar Leão, bem como na elaboração das atividades educativas, foi necessário ter como objeto de pesquisa a figura histórica do fidalgo. Suas práticas autorreferentes, associadas à Empresa Melhoramentos da Alta Paulista e, conseqüentemente,   fundação das cidades de Tupã (1929) e Parapu  (1934), a organização do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanu re (1966) e do Solar Luiz de Souza Leão, levaram à problematização das subjetividades dos modos de ser e de estar do pernambucano. Sob esta perspectiva, levantaram-se os seguintes questionamentos que a presente dissertação buscou responder: como Luiz de Souza Leão nutriu uma escrita autorreferente e a ampliou para lugares de memória na Alta Paulista? Em que medida a elaboração ficcional de sua personalidade também se deu a partir de outras pessoas, já que o tecido intertextual e os monumentos também se impregnaram de outras vozes, imagens e interpretações?

Estas abordagens justificam tanto os propósitos da presente pesquisa quanto os da prática educativa em museus. Em ambas as frentes o Solar Leão tem um potencial enorme a ser trabalhado e explorado. Além do mais, considerando a Política Nacional de Educação em Museus,   possível estimular a reflexão sobre o patrimônio cultural na cidade de Tupã tendo em vista o Solar Leão e seu fundador.

Com esta abordagem pretende-se instigar a comunidade/visitantes/alunos a valorizar, refletir e ressignificar seu patrimônio cultural, abarcando suas dimensões específica, local e

---

fechamento-empiteira-investigada-pela-cpi-do-espaco-das-artes-em-tupa-sp-mais-informacoes-em-instantes/  
Data de acesso: 22 de outubro de 2016.

<sup>4</sup> O já referido caso foi uma pol mica na cidade e foi noticiado em vários jornais

<sup>5</sup> Constantemente este conceito é empregado na dissertação, portanto viu-se necessário explan -lo. Aqui será compreendido como imaginário “aquilo que se imagina, se pensa, se tem memória de determinados eventos”

regional, bem como sua inserção em campos de batalha pela história e pela memória. A pesquisa e a elaboração da cartilha são instrumentos indispensáveis para o cumprimento destes objetivos, especialmente em relação à História Local, visto que existe uma imensa lacuna historiográfica em relação a estas temáticas.

Para facilitar a compreensão da dissertação, optou-se pela divisão em três capítulos que se completam: *O Solar Luiz de Souza Leão: da escrita de si para a escrita de História; Patrimônio e identidade: uma problemática acerca do tema* e, por fim, *A Formulação da cartilha “Patrimônio e Educação: o Solar Luiz de Souza Leão (Tupã-SP) em sala de aula.” e a digitalização do acervo*. O primeiro capítulo se expressa em subtítulos a fim de facilitar e nortear os propósitos desta investigação.

No capítulo 1 foram tratados dois temas complementares. Na primeira parte, intitulada *A cidade de Tupã e o Solar Souza Leão*, analisou-se tanto a participação do dado protagonista na fundação da cidade de Tupã quanto a transformação do Solar Souza Leão em narrativa de seu proprietário.

Após a apresentação do município e de suas características surgiu a necessidade de elaborar uma análise da narrativa feita por ele, e esta foi desenvolvida criando uma separação no capítulo, desta vez intitulada *O Solar Souza Leão: fragmentos de uma escrita autorreferente*, na qual a narrativa e a construção de si é trazida à tona e devidamente debatida. Nela analisou-se a constituição de uma escrita de si e partiu-se, de maneira preliminar, à compreensão da transformação da residência de Luiz de Souza Leão em lugar de memória.

Feito isto, em seguida, no capítulo 2, *Patrimônio e identidade: uma problemática acerca do tema*, observou-se como a proposta narrativa autobiográfica criada por Souza Leão acabou por se consolidar perante os munícipes e moradores da região, através de seus feitos, discursos, participações políticas e pelos patrimônios por ele edificadas.

Tais fatos permitiram refletir sobre como a força patrimonial acabou por consolidar uma narrativa da História e, conseqüentemente, ao elaborar-se um material pedagógico, levou-se esta problemática para a sala de aula. Para isso, trabalhou-se intensamente com conceitos como “lugar de memória” e “autobiografia”<sup>6</sup>.

Por fim, no terceiro capítulo, intitulado *A formulação da cartilha: “Patrimônio e Educação: o Solar Luiz de Souza Leão (Tupã-SP) em sala de aula.” e a digitalização do acervo*, buscou-se demonstrar a necessidade de enquadrar o ambiente do Solar no conceito de

---

<sup>6</sup> O conceito de autobiografia, em suma, é a construção do eu para a contemplação dos outros, porém ele será trabalhado mais adiante.

*Educação Patrimonial*. Para isso procurou-se problematizá-lo, sob a ótica da *Nova Museologia*, junto às necessidades deste Espaço Museal. Explicou-se também como foi a concepção das atividades e todas as dificuldades que foram encontradas ao elaborá-la.

Além do plano de atividades, outro produto desta dissertação veio da necessidade de digitalizar e compartilhar com o público o acervo fechado dentro do Solar, ainda com a intenção de incentivar novas pesquisas na área. O arquivo digitalizado foi entregue ao Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre.

## CAPÍTULO I

### **O Solar Luiz de Souza Leão: da escrita de si para a escrita da História.**

#### *1 A Cidade de Tupã e o Solar Luiz de Souza Leão.*

Na introdução deste trabalho afirmou-se que a cidade é os *locus* de batalha pela memória. O mesmo pode-se dizer sobre a instalação e perpetuação de seus monumentos. O Solar Souza Leão, patrimônio histórico da cidade de Tupã, vinculou-se, simultaneamente, ao seu proprietário e à história da fundação desta cidade. Portanto, este espaço museal também é um lugar de disputas plurais.

Em suas paredes, nas coleções e em seu discurso museal estão presentes projeções ideológicas de seu autor, as quais se enraizaram na mentalidade dos habitantes da Alta Paulista. Essa força, disseminada ao longo dos anos, desde a fundação da cidade, legitimou-se tanto pela narrativa histórica tradicional, quanto pelo discurso de seu proprietário. A narrativa ganhou mais força à medida que Souza Leão contribuiu com a realização de obras de interesse social e cultural, as quais estão distribuídas pela cidade de Tupã, pela Alta Paulista e pelo estado de São Paulo. Uma parte destes registros da história da cidade e de seus monumentos, bem como os registros de uma escrita de si fazem parte do acervo do Solar.

Figura 1: Localização da Alta Paulista



Figura 2: Localização da cidade de Tupã



Fonte: [http://meninainterior.com/wp-content/uploads/2012/10/tupa\\_mapa.gif](http://meninainterior.com/wp-content/uploads/2012/10/tupa_mapa.gif)

Em relação à cidade de Tupã, a força ideológica do discurso e a linguagem patrimonial são extremadas e procuraram eliminar as ideias adversárias. Esta carga ideológica é irradiada do Solar para o Centro Histórico e para o Centro Comercial da cidade, onde as calçadas funcionam como veias nas pedras portuguesas e formam a silhueta de um leão, sua marca registrada e, conseqüentemente, a imposição de sua narrativa, agora, de forma simbólica. É necessário que o pesquisador se detenha sobre este espaço museal e sobre seu discurso, fortemente enraizado na história da cidade, e que, por vezes, sobrepõe-se a outros enunciados.

Figura 3: Croqui com a planta baixa do Solar.



Fonte: Acervo do Autor

Concretizado em 1933<sup>7</sup>, o Solar Leão foi a morada de Luiz de Souza Leão até a sua morte. O edifício suntuoso, localizado no centro histórico da cidade, chama atenção até os dias atuais, tanto pelo terreno de 10000m<sup>2</sup> quanto pela obra arquitetônica, além de toda mística que o rodeia.

Um amigo do fazendeiro, ao rememorar a morte do companheiro, escreveu sobre a residência quando visitou a cidade. No texto não é possível identificar quando ocorreu a visita, mas nota-se que ele ficou espantado com o luxo e o requinte:

A propósito valho-me da memória para recapitular o que entusiasmado fui encontrar na cidade ainda desprovida de estrada de ferro. Nessa ocasião, indo hospedar-me em péssima estalagem, à moda do sertão. O Luiz sabendo da minha chegada, fez questão de alojar-me principescamente em sua mansão, digna de figurar em qualquer Capital. Que linda casa moderna, dentro de um quarteirão inteiro, rodeado de muro de tijolos, com jardim estilizado, pomar cheio de frutas, do portal elegante e até com quadra de tênis. Lá passei dois dias confortavelmente, aprendendo com o meu anfitrião pernambucano a ser um verdadeiro lavrador, mas usufruindo a ciência ou a arte de viver no campo. (GUIMARÃES, 1980, n.p.)

O relato de Alberto Prado Guimarães, publicado no jornal Diário Popular do dia 29 de setembro de 1980, permite identificar a percepção da imponência de uma mansão construída numa cidade interiorana, a qual não tinha estrada de ferro nem energia elétrica no início do século XX<sup>8</sup>.

Figura 4: Detalhe da calçada do centro de Tupã.



Fonte: Acervo do autor

Há muitas reportagens e recortes de jornais arquivados em uma sala específica do Solar que foi adaptada para a situação. O acervo foi constituído aos poucos pelos proprietários e também pela atuação de colaboradores, como funcionários do Solar e da diretora do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre, Tamimi David Rayes Borsato.

<sup>7</sup> LEÃO, Luiz de Souza. Op Cit. pg. 21.

<sup>8</sup> O. PEDROSO. Diário de Tupan, 27 de julho de 1956, Ano I, Num. 6.

No arquivo constam fotografias do cotidiano e das fazendas do dito fundador, documentos oficiais e particulares das empresas, do imóvel e dos cargos públicos ocupados; existem, ainda, mapas e memorandos, correspondências pessoais, telegramas e convites para participação de eventos e uma pasta dedicada exclusivamente às faixas presentes nas coroas de flores do enterro do pernambucano.

A parte mais robusta deste acervo se encontra nos recortes de jornais. Este arquivamento do eu foi elaborado inicialmente de maneira pessoal; depois, seguiu-se sua organização tradicional. Os mais de mil recortes de jornais possuem, ainda assim, um altíssimo valor documental que deve ser investigado. Na sistematização, por uma série de vezes, o arquivista não teve a preocupação de informar paginação, título, datas ou o nome do veículo de imprensa. Por este motivo, por vezes, muitos documentos restringem a amplitude da pesquisa e sua correta referência.

Além disso, para ter acesso a toda essa documentação foi necessário um aval do Secretário da Cultura Municipal, pois o Solar atende ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT). A História deste museu é conhecida nos meios sociais e políticos da cidade, confundindo-se com a do município.

Quando estava em São Paulo durante as comemorações do Centenário da Independência do Brasil, Souza Leão adquiriu, com outros dois empresários, glebas de terra de oitenta quilômetros (80 km) na cidade de Marília, no ano de 1929. A intenção era fazer no espigão dos rios Peixe e Aguapeí, um loteamento em terras férteis para o plantio de café por meio da empresa criada pelos sócios “Empresa de Melhoramentos da Alta Paulista”.

Em termos historiográficos, podem ser definidas três correntes de interpretação para a História da cidade de Tupã. Na perspectiva de Vizelli (2004, p.373), a região de Tupã é vista como receptora de várias colônias de imigrantes. Entre eles, italianos, espanhóis, japoneses, letos, árabes e alemães, os quais se estabeleceram e ficaram isolados do convívio com outras comunidades. Inclusive com os índios Kaingangs. Sob esta ótica, ressalta-se o pioneirismo na colonização da região de Tupã nas primeiras décadas do século XX, que se constituiu por meio de pequenos bairros. Entre eles, o Bairro Granada ou, mesmo, o Bairro de São Martinho. Desta maneira, a história de Tupã se inicia separada de uma história indígena.

Outra obra de referência é a do próprio Souza Leão, intitulada *A Fundação de Tupan* (1968). Ali, a gênese da História da cidade compreende vínculos sociais, pois o indígena e o imigrante são coadjuvantes no processo civilizatório, o que não deixa de ser uma visão



romântica da História. O autor ressalta, também, que o planejamento urbano e os investimentos foram realizados pelos seus esforços e recursos particulares.

Deve ainda ser citado, que preocupado com a necessidade de abrir novas Fazendas e cultivar a selva, para que a cidade pudesse progredir, no começo de 1935 eu e o Dr. Gil Junqueira Meirelles, iniciamos a cultura de algodão, que propiciou um imenso desenvolvimento a esta região tendo Tupã produzido em 1943, ano de sua maior produção. (LEÃO, 1968, p.33)

Há ainda outra versão da história de Tupã, embora também romantizada. Trata-se da monografia *Os Construtores da Torre de Babel*, do historiador Paulo José Oliveira Silva. Para ele, a história de Tupã ocorre a partir de frentes migratórias, as quais são associadas à mitologia, e, com isso, a cidade se constituiria como o centro de um polo regional, a Alta Paulista. Ela seria dotada de uma diversidade ideológica, política e cultural, que culminaria na formação do tupãense e, por consequência, do brasileiro.

Silva afirma:

Todavia, os brasileiros de Tupã, vindos do Nordeste ou de outros continentes, confirmando as palavras de Darcy Ribeiro, se integram em uma única etnia nacional, constituindo um só povo, incorporando em uma nação unificada, num Estado uni-étnico, formando uma homogeneidade cultural básica, que transcende tanto as singularidades ecológicas regionais, bem como as marcas decorrentes da variedade de matrizes raciais, como as diferenças oriundas da proveniência cultural dos distintos contingentes.

Para a Babilônia da Alta Paulista, embutido no processo imigratório, foram importados ingredientes políticos que moldaram a história deste século, o anarcosindicalismo veio com os espanhóis, o anticomunismo com os letos, o imperialismo nipônico com os japoneses e, curiosamente, não se constata a ocorrência de manifestações políticas por parte dos imigrantes italianos e alemães. (2000, p.57)

Compreender a fundação de uma cidade não é fácil. Da mesma forma, seu conceito. Antônia Terra, em *História das Cidades Brasileiras*, alerta que

Diferentes autores, diante de realidades e vivências variadas, e com base em correntes teóricas distintas, têm organizado conceitos parciais e com premissas diferenciadas, que conseguem apenas aproximações, de enfoque histórico, geográfico, sociológico, arquitetônico, urbanístico, antropológico, econômico, ecológico ou ambiental (FERNANDES, 2012, p.13).

Como se pode perceber, o conceito de cidade é amplo e os princípios de denominação de cidades são complexos. Vasconcelos (2015) traçou um histórico do conceito de cidade, dividindo-o em seis períodos históricos diferentes. O estudioso conclui, no entanto, que ele é variável ao longo do tempo e do espaço, além de se referir à intencionalidade do autor que o usa.

Portanto, levando em conta a formação dos professores, é importante ressaltar duas questões essenciais. Em primeiro lugar, a aplicabilidade do conceito “cidade” em sala de aula, ou mesmo no espaço museal, o qual deve ser abrangente, para que o aluno e os visitantes dos lugares de memória compreendam a cidade como um espaço urbano socialmente construído. Outrossim, a cidade deve ser analisada como um espaço único, que possui um contexto histórico e que vive em constante remodelagem.

Por outro lado, entre as abordagens sugeridas por Antônia Terra, enfatiza-se aqui a importância da associação da História da cidade à autobiografia e à constituição do patrimônio material de uma cidade, isto é, o Solar Leão. Sendo assim, o debate sobre a fundação de Tupã é um tema deveras relevante, uma vez que futuras pesquisas podem suplantar o senso comum de que a cidade foi fundada graças à Empresa de Melhoramentos da Alta Paulista e, conseqüentemente, pela iniciativa exclusiva desta e dos demais acionistas.

Como exemplo desta interação residência-cidade-narrativa, a residência possuía uma aura de mistério devido à preservação da intimidade familiar. Mesmo tendo uma vida agitada nos meios sociais, Souza Leão era uma pessoa reservada. Sua casa era pouco frequentada e seus muros garantiam a restrição do olhar dos transeuntes. De fato, tudo isto despertava a curiosidade dos moradores de Tupã. Como exemplo, em seu enterro, no dia 21 de setembro de 1980, sua residência foi literalmente invadida pela população, que mesclava o luto com o desejo de conhecer melhor como vivia esta importante personalidade da cidade de Tupã.

Como aponta Sibilía,

[...] em contraposição ao protocolo hostil da vida pública, o lar foi se transformando em território da autenticidade e da verdade: um refúgio onde o eu se sentia resguardado, um abrigo onde era permitido ser si mesmo (SIBILIA, 2008, p.62).

Em todo caso, a espetacularização da vida incitou a necessidade da população de Tupã de se informar sobre a intimidade do tal fundador:

Por enquanto encontra-se em obras o túmulo onde foi sepultado o saudoso Luiz de Souza Leão, naquela bela e importante praça que doara à municipalidade. Ainda assim, a curiosidade popular tem sido manifestada de tal forma que, muitos, chegam a saltar aqueles muros; exigindo a presença de guardas. Na esperança de que essa curiosidade seja contida, podemos noticiar que às 9 horas do dia 1, dentro da programação alusiva a data de fundação de Tupã [...]. Será procedido ato solene de inauguração do túmulo e de um busto de sua pessoa.

Será, temos certeza, outro momento de grande emotividade, quando todos terão oportunidade de conhecer a última morada de Luiz de Souza Leão e render-lhe homenagens e oferecer orações. (Folha do Povo<sup>9</sup>, n.p.)

Impressionava, também, o fato de seu jazigo, projetado por ele mesmo, encontrar-se ao lado do Solar, no mesmo terreno. A cidade parou com a sua morte e seu corpo foi velado durante todo o domingo na Casa de Portugal, situada no centro da principal avenida comercial da cidade. O poder público municipal decretou três dias de luto oficial<sup>10</sup> e a população acompanhou o cortejo fúnebre ao longo das ruas da cidade até a sua residência.

Figura 5: Pessoas acompanhando o sepultamento de Souza Leão.



Fonte: Autor desconhecido, 1980

A morte do pernambucano consagrou ainda mais sua figura dentro do imaginário dos moradores da cidade. Posteriormente, ela foi constantemente lembrada durante os festejos de seu aniversário. Realizavam-se visitas de radialistas, personalidades, entidades políticas e mesmo de seus familiares com o objetivo de homenageá-lo.

A imagem de fundador da cidade era enaltecida em jornais, comunicados oficiais, denominações de ruas e escolas assim como em várias placas, que indicam as doações, em obras públicas, exposições museológicas, entre outros. Portanto, percebe-se que o rótulo de fundador da cidade e da colonização da região da Alta Paulista é, simultaneamente, fruto de

<sup>9</sup> É importante ressaltar que o jornal em questão, assim como outros que aparecem ao longo desta dissertação, foram consultados a partir de um arquivo pessoal e, por este motivo, nem sempre foi possível detalhar páginas. As referências, no entanto, constam aqui da forma mais completa dentro das informações que o acervo oferecia.

<sup>10</sup> **TUPÁ PERDE SEU FUNDADOR E BENEMÉRITO.** Jornal da Região, 23-09-1980.

construções intencionais, ficcionais, históricas e sociais, disseminadas tanto pela narrativa de si e de grupos políticos próximos, quanto pela materialização de obras e monumentos públicos.

Figura 6: Placa no Museu Índia Vanuïre em homenagem a Luiz de Souza Leão.



Fonte: Acervo do Autor, 2018

Com isso, tais ações influenciaram na construção da imagem de político atuante e empresário bem-sucedido e socialmente bem relacionado. O primeiro casamento, com Dona Almerinda, durou até a morte da esposa e, com ela, Souza Leão teve três filhos: Luiz de Souza Leão Júnior, Leopoldo e Guilherme. Depois, desposou Nair Ghedini, mas o casal não teve filhos.

É possível, também, notar a quantidade de convites e confraternizações nos grupos da alta sociedade tupãense. A maioria dos convites ainda se encontram no Solar, contabilizados em torno de 30 convites guardados. Alguns deles se destacam, como por exemplo, reuniões do Rotary na casa de Portugal, no Tupã Tênis Club e no Marajoara Clube – todos grupos e clubes criados por ele –, ou festas e eventos regionais em casas beneficentes e Hospitais da cidade.

### ***1.2 O Solar Souza Leão: fragmentos de uma escrita autorreferente***

A residência de Luiz de Souza Leão é uma clara referência aos tempos clássicos da nobreza portuguesa e à legitimação de poder e de valorização de sua história ancestral. Ele se

empenhou neste projeto arquitetônico buscando semelhança com os solares do século XII-XVIII, de Portugal.

Para que fosse concretizado seu desejo de ser enterrado em sua residência, foi necessário passar pela burocracia municipal para conseguir o alvará da prefeitura. Em 1972, por meio de uma petição pública<sup>11</sup>, seu desejo foi atendido pelo secretário substituto do prefeito do município na época, Walter Pimentel, o qual permitiu a realização da obra, levando em conta o argumento da perpetuação da memória de Tupã e, por conseguinte, do patrimônio cultural da cidade.

Figura 7: Solar Luiz de Souza Leão em 2014



Fonte: Acervo do autor. 2014

Figura 8: Brasão da família de Souza Leão.



Fonte: Acervo do autor. 2014

---

<sup>11</sup> Petição Pública 1.437/72 de 21 de agosto de 1972.

Historicamente o Solar é um exemplo de arquitetura residencial urbana burguesa, especialmente no século XIX. Para Duarte Pinto Gonçalves o conceito de Solar apresenta diferentes concepções entre os autores portugueses. Apesar disso, basicamente todos eles concordam que se trata de uma casa nobre, na qual os senhores de posses - rurais ou urbanas - habitavam. (GONÇALVES, 2007. p.41). No Brasil, a bibliografia sobre solares é escassa. Parte dela retoma os estudos portugueses, que, timidamente, conciliam um debate interdisciplinar entre arquitetura e história.

Nesta perspectiva, Ana Celeste Glória, investigadora do IHA – Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa – discorreu sobre os solares e as casas nobres na região de Torre de Moncorvo, distrito de Bragança, no sudeste de Portugal. Segundo a autora, a região teve sua prosperidade entre os séculos XVII e XVIII, período em que os grupos em ascensão social buscaram um status regional por meio da edificação de residências, as quais demonstravam a opulência de um determinado grupo social ligado ao comércio, “diferindo-as das restantes [camadas sociais] pelo tratamento arquitetônico e decorativo, proporcionado pelas condições econômicas, sociais e políticas de cada família” (GLÓRIA, 2015. p.15). Desta forma, estas edificações representavam a afirmação social, opulência e requinte em construções imponentes que se destacavam na malha urbana portuguesa dos séculos XVII e XVIII.

Atualmente os visitantes do Solar Souza Leão se deparam com uma construção de grande relevância histórica e, de forma indireta, com uma personalidade histórica mítica. A junção destes elementos exige um trabalho minucioso dos educadores em museus, a fim de interpretar tanto a simbologia nobiliárquica, a história de vida do dono da residência, quanto parte da História da Arquitetura.

A casa de alvenaria demorou cerca de três meses para ser construída - entre abril e junho de 1933 - e, até a data de entrega da residência, no dia 15 de junho do referente ano, o fazendeiro residiu em Marília-SP. Algumas salas da casa são enfeitadas com porcelanas e com o brasão dos Souza Leão em dourado. Além disso, há uma exposição fotográfica com a árvore genealógica estrategicamente colocada no hall de entrada, com destaque para o escudo do hall e o escudo de bronze na fachada do Solar, em cima do batente da porta.

Figura 9: Exposição fotográfica dos descendentes de Souza Leão junto com o brasão de sua família no hall de entrada de sua residência.



Fonte: Acervo do autor, 2014.

Ao redor da casa, foram plantadas árvores nativas da Mata Atlântica. Em 1995, o engenheiro agrônomo da prefeitura fez um levantamento das árvores existentes no terreno do Solar. Neste levantamento, constatou-se a presença de plantas exóticas, mas nenhuma delas era rara<sup>12</sup>. Este relatório, arquivado no próprio palacete, informa as espécies catalogadas: pau-brasil, flamboyant, sibipiru, canelinha, ipês, palmeiras, piracantus, areca bambu, faieiro, acácia, oiti, murta, arça, canudo de pito, alecrim de Campinas, abacate, sapoti, umbu, tâmara, pitanga, umburana, canelão, jenipapo, magnólia, dracena e leiteiro.<sup>13</sup>

Algumas destas árvores não constam mais no terreno do Solar. Porém, pelo referido relatório é visível a magnitude do jardim. Atualmente sua amplitude ainda é preservada, embora não exista mais o gramado. O pátio é entrecruzado por caminhos feitos de tijolos, os quais levam a vários pontos do quintal, agora adaptados à visitação e piqueniques, j a que o Solar é um espaço de visita o pública.

Em anexo ao Solar, há um salão de jogos mobiliado com a temática do local, a qual também está presente no piso de tacos de madeira originais. Nas paredes, estão coleções de fotografias, as quais estrategicamente têm a intenção de enfatizar a narrativa. Ali, nestas expografias, estão as fotos do primeiro jantar na cidade, condecorações familiares e uma enigmática caricatura de Benito Mussolini, disposta no lado interno da porta principal. O espaço de jogos de cartas e bilhar tem um acesso próprio, no muro lateral da residência.

Por meio de uma trilha de pedras portuguesas, há também uma área em destaque no jardim do Solar. Ali se encontra o jazigo e lápide, identificados por um busto feito de bronze,

<sup>12</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE TUPÃ. **Levantamento sobre as árvores do Solar Luiz de Souza Leão**. 13 de janeiro de 1995 pg. 2.

<sup>13</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE TUPÃ. Op. Cit. pg.1.

assim como uma cerca de correntes que destaca um leão ao sol, feito em pedra portuguesa, tudo isso devidamente pensado pelo dono da residência.

Figura 10: Luiz de Souza Leão e os vencedores do prêmio literário criado promovido pelo jornal Folha do Povo de Tupã e pela ACIT.



Fonte: Autor desconhecido. FACEBOOK, 2016<sup>14</sup>

Dentro da casa as influências e semelhanças que o Solar possui com as residências portuguesas são evidentes. Ao analisarmos os estudos de José Reginaldo Santos Gonçalves (2013. p.41) é notável como as casas portuguesas do século XIV demonstram todo o poderio dos nobres lusitanos, valendo-se de terrenos grandes para construir a casa bem ao centro. As residências ainda ostentavam os brasões familiares e suntuosos jardins como forma de demonstração de serem os “donos da região”.

A casa de Souza Leão também possui um vasto terreno, cômodos externos como garagem, casa de máquinas, salão de jogos, forno a lenha, jazigo e uma extensa área verde, são exemplos desta extensão. Para se ter noção da grandeza, o vasto lote já possuiu uma quadra de tênis, e, como já citado, parte do terreno – cerca de 2000m<sup>2</sup> – foram doados, no ano de 1964, pelo morador, para a construção do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre.

<sup>14</sup> Vale citar que há muito esforço para se registrar memórias em Tupã. Algumas comunidades virtuais, principalmente nas redes sociais, buscam lembrar memórias fotográficas de Tupã. Provavelmente as fotos têm origem em arquivo pessoal, ou foram extraídas do acervo do Museu Índia Vanuíre de Tupã. No caso desta imagem, a legenda foi construída a partir do recorte do jornal arquivado no Solar Souza Leão. Folha do Povo. **Um agradecimento póstumo.** 23 de setembro de 1980.



O imóvel é totalmente custeado pelo sr. Luiz de Souza Leão?

Sim este imóvel, o prédio em si em sua totalidade é todo ele feito pelo sr. Luiz de Souza Leão, porque ele ama esta terra, ele gosta deste povo e vê que o desenvolvimento cultural, com o aumento de faculdades, virão automaticamente as universidades, que necessitariam de uma grande obra que mantivesse tudo em equilíbrio e em estado normal de efetivação cultural deste povo. Então, ele resolver fazer este prédio e doá-lo ao povo, e ele sem participação externa, até o momento. Tudo está sendo feito e custeado por ele, desde o alicerce até a entrega do prédio. (Jornal de Tupã. 1980 n.p.)

Percebe-se que a intencionalidade de Souza Leão é a de se eternizar pelas feitorias, publicações, ou caprichos particulares. Além de exigir a distinção de ser enterrado em sua residência, o fazendeiro pernambucano se preocupava em vida com aquilo que iriam pensar dele após sua morte. Em 1977, o pernambucano entregou ao Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre uma ficha sobre o seu perfil psicológico e biológico para futuras pesquisas sobre o dito fundador. Elementos banais traçam um perfil psicológico de um personagem reservado e pouco sociável, entretanto, demonstram também sua construção narrativa, ou seja, a ficha explicita aquilo que ele desejava que as pessoas do futuro pensassem sobre sua figura.

Além disso, como forma de preservar sua imagem futura, toda a exposição museal deveria corroborar para aquilo que se tem na memória coletiva popular sobre Souza Leão, para isso, o secretário de Estado da Cultura decretou, em 2 de fevereiro de 1981, que a memória desta personalidade pública deveria ser cultuada e que o Solar seria um tributo à sua memória. O decreto determina também que, de início, o Solar Luiz de Souza Leão seria uma dependência do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre, cujo acervo não poderia ser alterado.

No ano seguinte, o prefeito Carlos Messas determinou que Nair Ghedini, viúva de Souza Leão, fosse a diretora *ad honorem* do Solar, graças ao “zelo, dedicação e pioneirismo na preservação da cultura e das tradições de Tupã, em toda a sua história”<sup>15</sup>. Até o momento da entrega do Solar, não se sabia ao certo qual destino seria dado à exposição museal, cabendo a ela a intenção de criar um museu que contasse a vida do marido.

O museu-casa era anexado às dependências do Museu Índia Vanuíre até o ano de 1969, quando o CONDEPHAAT o tombou em decreto número 149 daquele ano. Deste modo, ficou determinado que o Solar e suas 749 peças, bem como sua exposição, não poderiam sofrer nenhum tipo de alteração<sup>16</sup>. Conforme os anos se passaram, o Solar Luiz de Souza Leão pouco mudou e seu número de visitas sempre se manteve estável. Quase sempre as

<sup>15</sup> Decreto nº 3.131 de 24 de novembro de 1982.

<sup>16</sup> MAEDA, Elton Ritochi. **Centro de Educação e Artes: A requalificação do Antigo Mercado Municipal de Tupã (SP).** – Presidente Prudente, 2011

visitações ao museu-casa ocorreram devido às visitas no Museu Índia Vanuíre, pois o Solar é visto como complemento do protocolo do roteiro museológico dos passeios ao outro museu.

Desta forma, o museu-casa acabou caindo em desuso, tendo certo grau de interesse museológico das secretarias de cultura de Tupã e do Estado. Este descaso se atenuou quando o Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre se atrelou ao instituto Cândido Portinari, em 2010. Com essa parceria realizada, os holofotes culturais apontaram para o trabalho de modernização pelo qual passava o Museu Índia Vanuíre, momento em que ficou perceptível que, no mesmo quarteirão, duas propostas museológicas se encontram afastadas temporalmente. O Museu Vanuíre, que possui uma proposta ligada à nova museologia e com um discurso adaptado a diversas abordagens, conta com diversos recursos, dentre eles a acessibilidade dos usuários deficientes físicos. Em contrapartida, o Solar, graças ao decreto-lei, permanece com sua exposição estática, mantendo sempre a ordem de exibição e sustentando a narrativa de seu dono, cuja ideia de fundador e benfeitor encarnou em sua figura histórica.

A narrativa da exposição museal do Solar Souza Leão é, na verdade, a expressão da vontade de seu proprietário. E, por conseguinte, uma extensão de si mesmo. De acordo com Philippe Artières, tais encaminhamentos se configuram como intenção autobiográfica<sup>17</sup>. Consequentemente, entende-se que o discurso foi eternizado na narrativa do referido espaço museal. A vantagem estratégica da exposição intocável e da consagração de sua imagem teve, contudo, um alto preço ao longo da história, como pode-se constatar. Atualmente o interesse do público decaiu em razão da ausência de uma linguagem museal atrativa e envolvente.

Sem dúvida, o ato humano de arquivar a própria vida revela intenções diversificadas. A atitude de guardar determinados temas da vida pessoal vai além da sua figura social e da sua própria imagem íntima, sendo uma prática de construção de si. A escrita de si é a elaboração de uma autonarrativa, uma autoficção e criação simbólica de si. A partir disso, questiona-se: como essa simbologia fora criada e transmitida em Tupã?

Os moradores entendem que Luiz de Souza Leão, com a ajuda da Índia Vanuíre, deu origem à cidade. E, de fato, o mito pode explicar claramente que indo além da crença e de

---

<sup>17</sup> A chamada “intenção autobiográfica” foi um conceito elaborado pelo autor Pierre Ansart e designa o ato orgânico de arquivamento de si. Esta atitude está espalhada no nosso cotidiano, quando guardamos bilhetes, documentos e fotos em gavetas ou outros espaços. Por meio destes documentos é possível elaborar narrativas acerca dos arquivos e das pessoas que o arquivaram.

atos de fé toda a experiência cotidiana e o imaginário vivido são significativos, pois se estabelecem relações individuais e coletivas com o mundo e com os outros.

Figura 11: Detalhe da parede do Tiro de Guerra de Tupã com a presença da indígena Vanuíre.



Fonte: Acervo do autor.

Ao se consagrar de forma simbólica como o “fundador” da cidade de Tupã e estabelecendo relações entre seus valores e sua expressão nos monumentos da cidade, a autodesignação simbólica foi muito além do Solar Souza Leão, abrangendo vários bens patrimoniais do município:

Os jovens tupãenses, os que aqui nasceram, e muitos dos que hoje integram a população de nossa progressista cidade não sabem que não há muito tempo a nossa vasta região, compreendida [...] uma imensa floresta virgem cobria o espigão e nele viviam os últimos dos nossos indígenas, em estado primitivo. [...]

A História de Tupã é de ontem, e a de seu nascimento e fundação, ainda está viva na memória dos pioneiros, muitos dos quais ainda aqui vivem. Em 12 de outubro de 1929, Luiz de Souza Leão, entre as cinzas da primeira derrubada fundava uma cidade[...]

Após a emancipação político-administrativa[...] a cidade até então amparada pelo pulso forte de Luiz de Souza Leão, passou a se desenvolver a passos de gigante [...]

Aos estudantes e tupãenses em geral, comunicamos que o Museu Índia Vanuíre de hoje até a próximo dia 17, estará realizando a exposição sobre a fundação de Tupã com fotos e jornais. (Jornal de Tupã. Aniversário da fundação de Tupã. 12 de outubro de 1972.)

Nesta ótica, o dito fundador procurou impor uma narrativa autorreferente, que se solidificou não só nos monumentos, mas também nas colunas dos jornais, em palestras e eventos relacionados à História urbana de Tupã. Esta construção pública de si ditou, ordenou e influenciou o imaginário social, além de cercear a interpretação de seus discursos e do próprio patrimônio cultural. Ele visava projetar e ordenar o cotidiano dos moradores de

Tupã. Ao se expor como uma figura pública, dotada de força econômica, política e social, solidificou seu círculo social, além de se immortalizar junto à história da cidade.

A título de exemplo, pode-se citar o pleito eleitoral de 1959, no qual Souza Leão deu apoio à candidatura de Antônio Violante à Prefeitura de Tupã, pelo PSD (Partido Social Democrata) e pela Comissão Pró-Candidatura. Por meio dos arquivos consultados no Solar nota-se que, diariamente, eram divulgadas no jornal *Gazeta de Tupã* propagandas partidárias a favor do candidato preferido e contra o prefeito da oposição. Neste mesmo pleito, em 4 de outubro daquele ano, Souza Leão dizia ser o portador da voz do povo e que estava cansado da situação política e dos governantes que estavam no poder naquele momento<sup>18</sup>.

Uma análise desta documentação permite identificar as várias facetas da mesma personalidade, tanto pelo que ele dizia de si mesmo em seus discursos, quanto pelos discursos proferidos em sua homenagem. Em 1972, para celebrar a sua entrada no IHGSP – Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo – uma sucursal do IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – usou um dos principais periódicos de Tupã, *A Folha de Tupã*, para homenagear o seu padrinho da ocasião. A palestra foi transcrita na íntegra no referido jornal e arquivada nos seus pertences<sup>19</sup>:

Eleito por unanimidade de votos, para Sócio Honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, neste ano de 1971, indiquei o Barão de Vila Bela para meu paraninfo.

Cabe assim a obrigação de traçar [...] o retrato da figura marcante do 2º Império, época que nos deu, sem dúvidas a maiores figuras de Estadistas, que marcaram de uma forma original, a nossa maneira de ser[...]

Entroncam-se os Souza Leão de Pernambuco numa antiga família de Cidadãos do Porto, que deu Clérigos e Magistrados, bem como ourives e vinhateiros (SOUZA LEÃO, 1972, n.p.).

Também pela leitura do acervo é possível notar todo o viés ideológico e político presente na sua narrativa:

Desta época o meu afastamento da vida pública, de São Paulo, embora sempre prestando serviços a nossa Cidade, mas em caso algum aceitando cargo!...

Entre os anos de 1945 e 1950 dirigi a vida política dos Municípios de Quintana – Herculândia - Tupan - Parapan, Bastos, Rinópolis, Osvaldo Cruz, Lucélia, Flórida Paulista, Pacaembú, Junqueirópolis e Dracena, pois que eu representava todos eles, junto ao Diretório Central do Partido (PSD) em São Paulo.

Conservo desta época, bons amigos, e uma vasta experiência da vida pública no Brasil. (SOUZA LEÃO, 1968, p.53).

<sup>18</sup> Luiz de Souza Leão. *Gazeta de Tupã*. 20 de setembro de 1959.

<sup>19</sup> *Jornal de Tupã*, **Domingo de Souza Leão – O Barão de Vila Bela**, 15 de abril de 1972.

Na obra de Souza Leão não foi possível identificar a espetacularização da intimidade. Mesmo porque, esta se restringiu ao convívio familiar. O que se nota é outro direcionamento da narrativa, a qual se tornou pública. Portanto, trata-se daquilo que se chama de extimidade, ou seja, o que poderia ser revelado ao público:

Os gêneros autobiográficos integram um conjunto específico de relatos, nos quais a função-autor<sup>20</sup> opera de forma singular. Neles, o autor é também o narrador e o protagonista da história contada ou, pelo menos, o leitor se compromete a acreditar nessa identidade tríplice de acordo com o pacto de leitura que assina tacitamente ao se defrontar com uma narrativa desse tipo. (SIBILIA, 2008, p.150).

É neste sentido que a escrita autorreferente é, na verdade, algo que se aproxima da ficção, envolvendo elementos como autenticidade, originalidade, exclusividade, além de possuir verificabilidade. Pode-se notar, na citação abaixo, como Souza Leão fala de si e de sua família da nobiliarquia portuguesa:

Descendente de uma das mais antigas famílias de Pernambuco pelos Souza-Leão, descende de Domingos de Souza-Leão, que chegou a Pernambuco em 1656, vinda da vila de Penafiel, Província do Porto, Portugal e pelo lado materno do General Gaspar Van-Der-Ley, chefe das Tropas de Maurício de Nassau, e ligado por laços de sangue às principais famílias de Pernambuco (LEÃO, 1968, p.13)

Por mais que a escrita de si também se refira a uma ficção, ela é viável em razão de ter a seu favor o crédito e a confiança na identidade criada pelo narrador. Isto não falta a Souza Leão e sua família no Brasil. Seus argumentos se tornaram atrativos, pois também testemunhou o surgimento da cidade, o que não poderia, em hipótese alguma, ser contestado.

Ao se analisar as inúmeras vezes em que o fazendeiro se “apoderou” dos jornais, é notável como ele busca sempre ditar uma *verdade histórica*. Para isso, usava seu papel como defensor da verdade, exemplificado pelos atos públicos que foram decisivos na história de cidade de Tupã. A título de exemplificação, até a década de 1970, o aniversário do município se comemorava no dia 29 de junho, dia do padroeiro da cidade. No entanto, houve uma ação legal dos vereadores, principalmente de Adilson Micalli, que aprovaram com unanimidade a alteração da data para o dia 12 de outubro.

---

<sup>20</sup>Pela obra, é identificável que função-autor é um termo usado por Michel Foucault que “rege os modos de existência, circulação e funcionamento dos discursos no interior de uma sociedade” (SIBILIA, 2008. p.149)

O fundador Luiz de Souza Leão, mostrando ainda uma jovialidade impressionante e fazendo uso de sua memória, reportou ao dia 12 de outubro de 1929, quando foi realizado o almoço de confraternização pela fundação de Tupã, enumerando inclusive todas as autoridades presentes àquele acontecimento. [...] Depois de agradecer o empenho do prefeito e dos vereadores pelo restabelecimento da verdade histórica de Tupã, [...] e depois de elogiar a figura do estudioso jornalista Pio de Almeida, que teve participação decisiva através de sua pena vibrante. (Jornal de Tupã. 13 de outubro de 1973 p.1)

Cabe observar que, anualmente, eram realizados desfiles em comemoração pelo aniversário da cidade e, como forma de protesto, até a alteração da data da fundação, Souza Leão não participava dos festejos<sup>21</sup>. A alteração da data de fundação teve a participação decisiva deste, evidenciando uma experiência de si inigualável. É a partir delas que suas convicções se transformaram numa realidade consumível entre os moradores da cidade

Figura 12: Placa da inauguração do Paço Municipal.



Fonte: Acervo do autor, 2018

A dita “verdade histórica” não se limitou à região da Alta Paulista, uma vez que mantinha uma íntima relação com a Ditadura Militar e via com desprezo a figura de Getúlio Vargas. Esta relação com os militares do período de 1964 gerou polêmica na cidade, embora as fontes sejam escassas por motivos óbvios. Numa manchete de jornal, em que se noticia a

<sup>21</sup> Retirado de uma entrevista dada por Souza Leão, a uma das principais rádios da cidade, no momento da celebração do aniversário do município no dia 12 de outubro de 1974, pela primeira vez na data alterada.

homenagem póstuma a Castello Branco, também são tecidos elogios à Ditadura de 1964, dizendo que o ato militar voltaria o Brasil aos trilhos:

Para que possa afirmar o que escrevi, temos que tomar em consideração o estado de nossa Nação em março de 1964, quando a Revolução vitoriosa elevou àquele posto o Presidente, que acaba de falecer, o que todos nós pranteamos. Até 1930, vinha o Brasil na sua caminhada, observando nos seus homens públicos aquele decoro, aquela honestidade de propósitos, que foi em tese a ação de nossos Estadistas, que governavam o País, respeitando os padrões clássicos das nações do Ocidente – entravam no governo pobres, e pobres saíam ao terminar os seus mandatos!... Ninguém. Com a revolução de 1930, chegou a vez de Getúlio Vargas, o criador da ditadura no Brasil, o criador do famigerado “Estado Novo”, o discípulo de Machiavelli, que inteligentemente, sem dúvidas, trouxe para o Governo da nação um plano que iria permitir a sua permanência no poder, por prazo indeterminado. [...]. Por sorte nossa, este homem foi destruído pela Guerra Mundial de 1939-1945. (SOUZA LEÃO, 25 de julho de 1967)

Em *Fundação de Tupã*, Souza Leão também desabafa: “Com o Golpe de Estado de 10 de novembro de 1937, desferido pelo Ditador Getúlio Vargas, parou a vida política em São Paulo” (SOUZA LEÃO, 1968 p.45). Portanto, percebe-se a profusão de sentimentos particulares e coletivos, provocados pela eleição de Getúlio Vargas:

Nesta mesma eleição de 1950 ocorreu um fato que não pude perdoar: Getúlio Vargas que sempre foi o maior inimigo de São Paulo, e de seu povo, foi eleito Presidente da República, tendo vencido as eleições em quase todos os Municípios do Estado, inclusive em Tupan, fato que me chocou profundamente (SOUZA LEÃO, 1968 p.51).

É perceptível que algo peculiar aconteceu com a figura do pernambucano. Aos poucos sua imagem acabou se confundindo com a própria história do patrimônio urbano de Tupã. A ideia de *homem-monumento* (BAUER, 2015)<sup>22</sup> expressa-se de forma semelhante ao que ocorreu com a figura de Cora Coralina e sua casa-museu, em Goiás, pois sua figura se tornou, por força patrimonial, indissociável da realidade<sup>23</sup>. Andrea Delgado (2005) vê ainda a figura da escritora como unificadora de narrativas, e que, por meio de sua Casa, criou-se a imortalização de Cora, por gerar a união de identidades e valores de si no estado de Goiás.

Figura 13: Capa do livro de Luiz de Souza Leão (1968)

<sup>22</sup> O conceito faz alusão à figura de uma pessoa física cuja importância histórica acaba se vinculando e se tornando indissociável de uma determinada instituição e, no caso da referida obra, a autora buscou entender a figura de Rodrigo Melo Franco de Andrade, um dos principais nomes do IPHAN, e o processo de construção da ideia de homem-monumento.

<sup>23</sup> DELGADO, Andréa Ferreira. Museu e memória biográfica: um estudo da Casa de Cora Coralina. Sociedade e Cultura, vol. 8, n. 2. UFG, 2005.



No caso, a imagem do dito fundador fora construída a partir da disputa pela memória e por meio de sua escrita autorreferente, cuja simbologia evoca tanto a identidade quanto o imaginário do tupãense.

No dia 21 de setembro de 2017, será realizada a homenagem póstuma ao fundador de Tupã. Essa homenagem já acontece há vários anos e participam familiares de Luiz de Souza Leão, autoridades e alunos das escolas de Tupã. Nesse dia vamos manter a gravação rara de um áudio de 30 minutos do fundador, gravada em 1979, onde o mesmo relata sobre a fundação e desenvolvimento do município. O projeto e pesquisa do áudio foram feitos pelo funcionário e historiador, Luiz, que trabalha desde 1981 no Solar monitorando as visitas” (TUPÃ NOTÍCIAS, 2017).

Portanto, em Tupã, o lugar de memória<sup>24</sup> conhecido como Solar Souza Leão serviu para a reafirmação de si e da história do Brasil. Assim, a figura mitológica do morador da casa se expressou em seu próprio lugar de dominação. O espaço museal, ou sua antiga residência, possui um aspecto fundamental de interação dos aspectos materiais, simbólicos, funcionais e ficcionais para a reinvenção de Souza Leão.

Para que a imagem de indivíduo-monumento ocorresse, a exposição museal e o trabalho dos funcionários conferiram autoridade ao discurso proposto pela narrativa. A exposição do cotidiano eterniza a vida do fazendeiro, dando continuidade e imortalidade à sua memória. Exemplo semelhante se encontra na exposição da casa-museu de Cora Coralina.

Márcia Arévalo ao analisar a obra de Pierre Nora, busca compreender a:

<sup>24</sup> Lugares de Memória é uma categoria criada por Pierre Nora, que une a ideia de patrimônio como preservador de memória, e do espaço como um veiculador dessa memória. Ou seja, o patrimônio material gera uma ideia coletiva de imaterialidade. (ARÉVALO. 2017, p.3).



[...]ritualização de uma memória e como este processo necessita de um espaço físico como âncora na formação de um tipo de memória exigida na sociedade contemporânea” para que essa consiga se identificar com a sociedade em que vive. (ARÉVALO. 2017, p.3).

No caso do pernambucano, as memórias fundem-se e, deste modo, incorporam-se a outros discursos:

Prezado Senhor:

A Brilhante conferência que Vossa Senhoria proferiu aos nossos alunos, no dia 05 próximo passado, deu às nossas comemorações da “Semana da Pátria”, um destaque todo especial, graças, a sua magnífica oratória, e aos seus abalizados conhecimentos. Diante disto, estamos cumprindo a honrosa missão [...] por esta valiosa contribuição que Vossa Senhoria nos prestou, demonstrando ao mesmo tempo o seu alto espírito patriótico. Atenciosamente, José de Oliveira, Diretor.

Por outro lado, Arévalo (2004) deixa explícita a necessidade da sociedade contemporânea constantemente buscar um significado para o presente. O “Lugar de Memória” é uma mescla de história e memória, na qual rituais são usados para lembrar uma sociedade de suas regras sociais, mantendo a coesão e estabilidade de um grupo social, totalizando uma narrativa. Ao citar Pierre Nora, completa-se o sentido de lugares de memória que são:

espaços criados pelo indivíduo contemporâneo diante da crise dos paradigmas modernos, e que com esses espaços se identificam, se unificam e se reconhecem agentes de seu tempo, isto é, a tão desejada volta dos sujeitos. (ARÉVALO 2004, p. 6).

Em síntese, os Lugares de Memória são espaços de história-memória, cuja função é autolegitimar ações no presente de um determinado grupo. Deste modo, pela impossibilidade de se recuperar uma memória plena, os lugares de memória condensam suas mensagens e iconografia em prol de uma rememoração de um passado. É neste sentido que o Solar Luiz de Souza Leão é um lugar de destaque, pois preserva o culto à figura do fundador, visto como benfeitor e promotor do desenvolvimento e da cultura da cidade e da região da Alta Paulista. Por essa linha de raciocínio é necessário separar a entidade do ser humano do espaço material e físico, para fins de análise. A tarefa é bastante árdua. No entanto, apesar da escassa bibliografia sobre o assunto, é possível refletir além do que é narrado pelo Solar e pelos outros agentes de sua memória. Afinal, sua influência política foi extraordinária e ressoa até os dias atuais.

Pelos recortes de jornal, percebe-se ainda a participação ativa de sua figura na política. Ao usar seu status de fundador e fazendeiro poderoso na região, apoiava alguns grupos

políticos da sociedade. Ele mantinha contato com classes diversas por meio de telegramas e cartas que fazem parte do acervo do museu.

Por fim, pode-se perceber que as várias narrativas que constituem a história de Tupã foram tecidas ao longo dos anos por personalidades que, cooptadas ou mesmo simpáticas aos discursos da narrativa de fundação, ao patrimônio histórico, ou mesmo, amparadas em acervos e monumentos, procuram perpetuar-se no imaginário coletivo, ressignificando-o constantemente.

O discurso está, indubitavelmente, impregnado de uma carga ideológica que se construiu para a consolidação de uma imagem que se tornou ícone na região. A idealização de Luiz de Souza Leão é constantemente evocada em momentos distintos da História da cidade de Tupã e da região da Alta Paulista. Sua autoridade se personificou no conceito de “homem-monumento”, eternizando-se em museus, praças, obras públicas, festejos, entre outros. Portanto, é imprescindível que a população de Tupã e seus visitantes conheçam melhor a figura plural do fazendeiro e compreendam os lugares de memória desta cidade.

Após a reflexão sobre os temas cidade, monumentos e escrita autorreferentes, no capítulo seguinte será analisado como esta escrita autorreferente também foi nutrida por outros personagens de Tupã.

## CAPÍTULO II

### **Patrimônio e identidade: uma problemática acerca do tema.**

No primeiro capítulo enfatizou-se que a idealização do Solar Leão e de sua exposição tiveram como objetivo se tornarem um lugar de memória e, ao mesmo tempo, consagrarem a imagem de seu fundador como personalidade social de elevada grandeza, que aqui é enquadrada no conceito de “Homem Monumento”. Portanto, alguns monumentos históricos - e, por conseguinte, turísticos – de Tupã, somados à narrativa autobiográfica de Souza Leão, são, agora, objeto da presente reflexão, a qual se centra na compreensão deste processo criativo. Desta maneira, ao longo deste capítulo, pretende-se responder o seguinte questionamento: como a construção de uma escrita autorreferente do pernambucano se ampliou para espaços memoriais em Tupã-SP? Como ela se materializou no Solar?

Neste capítulo pretende-se problematizar e compreender os lugares de memória e a escrita autobiográfica de Luiz de Souza Leão presentes na História da Alta Paulista. Além disso, refletir-se-á sobre a exposição do Solar Luiz de Souza Leão a fim de compreender a pluralidade de narrativas e visando estimular professores, alunos, educadores, comunidade e visitantes a serem preceptores de uma narrativa particular de suas realidades e portadores/preservadores da noção dos benefícios da educação patrimonial.

Ao problematizar a vida do pernambucano a intenção deste trabalho foi a de refletir os feitos, as ações e as honrarias da figura em questão, além de provocar o debate e buscar compreender como parte da história da cidade foram construídas.

É possível que a população da cidade e da região da Alta Paulista tenham sido influenciadas pela *mass media*. O imaginário popular, em certa medida, foi alimentado pelas matérias de jornalistas e comunicadores, os quais expressaram seus pontos de vista sobre Souza Leão. Em razão disso, as celebrações ou lembranças da história da cidade contribuíram tanto para a exposição museal quanto para o discurso do dito fundador. Essa relação de cumplicidade é inegável.

O Solar Leão perpetuou o discurso de seu fundador enquanto sua narrativa autobiográfica, relacionada à História de Tupã, corroborou com o espaço museal, atribuindo uma aura à coleção. A exposição do museu foi montada com o intuito de sacralizar os objetos, tornando-os *semióforos*, ou seja, objetos corriqueiros que passaram a ser portadores de um

sentido de relações entre o “visível, o invisível, outros espaços e tempos, outras faixas de realidade”.<sup>25</sup>

Na presente linha de argumentação o conceito de semióforo, utilizado por Krzysztof Pomian, permite analisar essa relação de maneira mais aprofundada, pois possibilita a identificação da associação entre os objetos da exposição museal e a maneira como as narrativas foram direcionadas aos mitos da fundação de Tupã. Portanto, é vital refletir sobre a reciprocidade entre o objeto, entre as exposições deste lugar de memória e a representação que este local tem. Ou seja, é crucial que se disserte sobre as formas discursivas de Souza Leão e outras que seguem a mesma linha de raciocínio em que se expressa uma verdade histórica e “monumental” para o município de Tupã.

Compreende-se que a representatividade é algo que deva ser problematizado, visto que um fato nunca é um fato (MAKOWIECKY, 2003) e, seja qual for o discurso, o que se tem é a representação desta realidade. Deste modo, ao se falar em representação, considera-se aqui a tentativa de aproximação de um determinado episódio.

Aquilo que uma sociedade imagina é utilizado nas representações, pois estas são evocadas por imagens e discursos. Para se falar desta representação, Sandra ainda trabalhará com o conceito em questão a partir da perspectiva de vários autores. Ao se sintetizar aqui o seu trabalho, concluiu-se que a sociedade é a construtora de sua própria ordem simbólica, gerando ao mesmo tempo concretudes e representações, além de toda representação apresentar texto e contexto dentro da sociedade em que esta se encontra inserida. Assim, acredita-se que a relação entre indivíduo e sociedade ocorre devido à necessidade de se crer em uma força invisível superior. Para que isto ocorra, de acordo com a autora, deve-se existir uma relação objeto – imagem para ocorrer a percepção do espectador.

As exposições museais detêm significados e, para falar desta simbologia, pode-se empregar o termo semióforos. Os semióforos são objeto cuja existência só se torna plena quando estão fora dos círculos comerciais e que possuem pouca utilidade nos dias atuais. Isto quer dizer que, mesmo os objetos mais simples, como, por exemplo, a banheira ou o conjunto de cinta e sapatos usados pelo pernambucano, tornaram-se relíquias pelo simples fato de serem exibidos como parte do acervo e por representarem o cotidiano ou o modo de vida do dono da residência. Quando um espectador contempla determinados objetos, inconscientemente e de maneira intuitiva, o raciocínio do espectador é direcionado à linha

---

<sup>25</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 9-42, jan. 1994. ISSN 1982-0267. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5289>>. Acesso em: 04 dec. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47141994000100002>.

narrativa do museu. A mesma ideia pode ser observada por Meneses (1994), ao se falar sobre o que ele chama de *insignificância do excepcional*<sup>26</sup>, pois os aspectos ideológicos da narrativa autobiográfica de Souza Leão são potencializados no Solar.

Aparentemente, os objetos podem não ser valiosos para a produção de conhecimento, visto que estes possuem a função de excluir de si o efeito reflexivo enquanto objeto histórico dentro de uma sociedade. Desta maneira, não basta olhar, mas dirigir o olhar para as relações entre objetos, sujeitos e acontecimentos. É justamente neste ponto que a contribuição desta pesquisa se torna significativa e resulta em um produto destinado à comunidade.

Portanto, percebe-se que foi urgente a elaboração de uma proposta educativa para o Solar Leão materializada por meio do produto da dissertação. Isto porque não há um plano de visitas ou de ações pedagógicas destinado a estimular os visitantes a conhecer melhor o Solar e sua história. O ostracismo do Solar se agravou com a modernização do Museu Índia Vanuíre. Isto inibiu ainda mais a vocação patrimonial e educativa que o Solar possui e, pensando em uma forma de contemplar o trabalho docente em qualquer escola, elaborou-se aqui um material pedagógico com o plano de trabalho para ser utilizado nos estudos dos alunos e para o usufruto da comunidade em geral.

Além disso, é necessário citar que todo o acervo do Solar foi digitalizado e colocado como parte do produto desta dissertação, sendo posteriormente disponibilizado para a população. Parte do acervo deste museu se tornou manipulável e mais visível do que outros em razão de existir um consumo relacionado a celebração do cotidiano do antigo morador. Em contrapartida, os documentos impressos, por exemplo, cuja valoração não é tão evidente, são restritos ao olhar e consumo do visitante devido às suas menores significâncias para o espetáculo da exibição.

E, de fato, como coloca Pomian (1984, p.71), os objetos têm utilidades e significados exclusivos, de modo que, quanto maior for sua carga de significado, menor sua utilidade, e vice-versa. A partir desta reflexão surgem várias possibilidades de interpretação e interação, as quais são propostas com este trabalho.

A dificuldade de acesso ao acervo sacralizou objetos nas prateleiras, tornando-os, de certa forma, inócuos. E por se tornarem “insignificantes” ao olhar menos apurado, devem ser objeto de atenção, especialmente ao se pensar nas funções didáticas da educação museal e, também, na produção historiográfica. É claro que a limitação da exposição do acervo

---

<sup>26</sup>MAKOWIECKY, Sandra. **Representação:** a palavra, a ideia, a coisa. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis, v. 57 2003.

contribui com este tipo de congelamento do olhar, pois a atual linguagem museal não estimula a reflexão dos visitantes.

Considere-se ainda que parte do material pessoal é limitado ao acesso do público, na figura abaixo (Figura 14) pode-se notar a cristaleira fechada e toda sua documentação preservada, sofrendo com a ação do tempo devido ao arquivamento irregular. Deste modo, tanto as exposições quanto os objetos se tornaram sacralizados, uma vez que, fechados à visitação pública, só são desvelados por pesquisadores.<sup>27</sup> Pouco problematizado devido à limitação de acesso, o acervo revela-se como detentor de um enorme potencial de pesquisa e aprendizagem.

Figura 14: Espaço do Solar dedicado à documentação pessoal de Souza Leão.



Fonte: acervo do autor.

Esta exposição pode ser discutida com o que se pode chamar de antropologia dos objetos em exposição. Para José Reginaldo Santos Gonçalves todos os objetos expostos em determinadas coleções ou museus possuem uma “função simbólica do objeto material”, ou seja, eles formam uma autoconsciência individual e coletiva, gerando a ideia de que “[...] sem os objetos não existiriam: ou pelo menos não existiríamos enquanto pessoas socialmente constituídas” (GONÇALVES, 2007, p.27).

Por este fio de raciocínio, percebe-se que as coleções museais possuem imagens socialmente constituídas e pressupõem relações dentro de uma sociedade, na qual museu e imagem criam uma noção de História Municipal.

<sup>27</sup> Por opção pessoal denominou-se aqui como “documentos” todo o acervo fechado de papéis, recortes, documentos oficiais, bilhetes, cartas e livretos que compõem o acervo fechado de Souza Leão.

Por conseguinte, a narrativa museal com orientação autobiográfica convida seus espectadores a testemunharem algo verossímil, pois os objetos expostos sugerem que não houveram manipulações e que o tempo se congelou em determinado momento.

O visitante do Solar, ao se deparar com alguns destes objetos, como, por exemplo, o “chapéu de Souza Leão” ou o “primeiro aparelho de TV da cidade de Tupã”, poderá associá-los a “ícones legitimadores de ideias, valores e identidades assumidas por diversos grupos e categorias sociais”<sup>28</sup>. No caso de Tupã e do Solar estes valores dão à narrativa museal elevado grau de veracidade. Assim, os objetos corriqueiros da vida de Souza Leão comprovam a narrativa da fundação do município e das benfeitorias regionais que realizou na cidade de Tupã e na Alta Paulista.

Pela análise documental, percebe-se que as memórias e os documentos arquivados buscaram sempre ser associados às verdades históricas de Souza Leão. Traços desta busca podem ser exemplificados com as reportagens presentes no acervo. Ainda em 1941, quando a cidade estava se consolidando, a primeira passagem do trem da Companhia Paulista de Estrada de Ferro causou uma movimentação regional com a presença de repórteres da Alta Paulista. Na ocasião, um deles escreveu com otimismo sobre a cidade, seu fundador e as potencialidades que uma estrada de ferro das melhores do mundo alavancaria em uma cidade que, na época, contava com cerca de cinco mil habitantes.

De todas as cidades visitadas pelo repórter, Tupã, talvez, seja a mais singular, e, sem dúvida, a mais vigorosa. Toda plana, de traçado simétrico tipicamente moderno, com notáveis construções, avançadas para seus 2 anos de vida, graças ao espírito audaz e empreendedor de seu dinâmico fundador, Luiz de Souza Leão, com largas avenidas arborizadas, ostentando, nas placas de suas vias públicas a nossa nomenclatura indígena –“Tupis, Tupã, Carijós...” e na de seus prédios principais –“Tamoios, Moema, Marajoara...”, o que bem atesta o sadio nacionalismo de quem rege os seus destinos, Tupã é uma cidade envolvente. (Jornal A Noite, “Honrando a capacidade idealizadora dos bandeirantes” p. 33 02/12/1941).

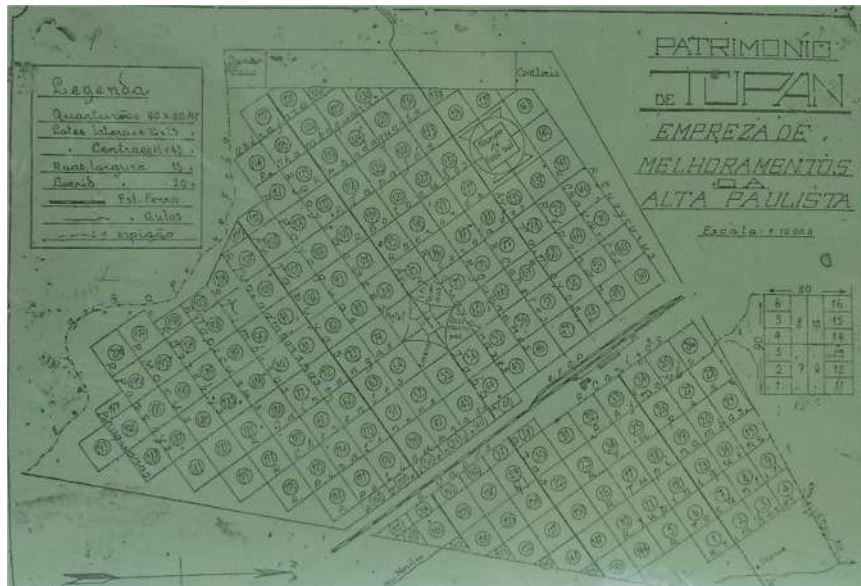
A reportagem deixa algumas arestas que permitem reflexões, é notável, por exemplo, a ausência dos outros sócios fundadores da Empresa de Melhoramentos da Alta Paulista, recaindo o título de fundador apenas à figura de Souza Leão. O fato de ele ter sido o empreendedor que lançou mão dos planos de um loteamento da cidade já era propagado nos anos 1940, quando o município não tinha nem vinte anos de idade. Uma cópia do plano encontra-se na (Figura 15), na qual se pode ver o plano de venda dos lotes da cidade. Em

---

<sup>28</sup> GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônio. Rio de Janeiro, 2007

destaque e no centro encontra-se a Praça da Bandeira, Igreja Matriz e as localidades da residência.

Figura 15: Planta original de Tupã, loteada pela Empresa de Melhoramentos da Alta Paulista.



Fonte: Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuíre; documentação do Solar Souza Leão

A forma como foi planejada a venda, estimados os valores e as divisões dos lotes, foram detalhadamente descritas no livro-testemunho.

Chegado a Marília em 4 de abril de 1929, encontrou o Fundador de Tupan, o seu amigo Coronel João do Val, que por sua vez apresentou o Sr. Euripedes Soares da Rocha. Em conversa com eles expôs as razões de sua vinda para Marília, os planos para construção de uma nova Cidade, que deveria fugir o mais possível de Marília[...] e finalmente adquirida em maio de 1929, 100 alqueires de terras de propriedade do Sr. Manoel Diaz.

[...]

Acertada de forma definitiva a localização do imóvel adquirido, foi convidado o Agrimensor Jorge Streit, velho conhecido do Fundador da Cidade, para executar a planta da Cidade que ele já planejara com todas as ruas de 15 metros e avenidas de 20 metros, além de todos os lotes de 15 metros de frente para as ruas, e áreas maiores para a Praça Principal, Praça de Esportes, e tudo mais que torna Tupan hoje, uma cidade com traçado bem melhor, do que as outras Cidades, feitas até aquela época (1929. A Fundação de Tupã – Luiz de Souza Leão p.17-19.)

Pelo texto, é possível perceber que nos arredores da Praça da Bandeira foram construídas várias obras<sup>29</sup>. Entre elas a Igreja Matriz de São Pedro. Em 1949, a praça passou a contar também com o Colégio Bartira<sup>30</sup>.

<sup>29</sup> Atualmente, devido às diversas reformas urbanas, apenas duas ruas ainda cortam a praça.



A localização e o desenho da praça são estratégicos. Seu formato semelhante à bandeira do Brasil foi imaginado com componentes que ditam o que se espera de uma civilização (religião, ordem e civilidade), condizentes com uma mensagem patriótica bem própria para a época de sua criação<sup>31</sup>. Este discurso esteve presente também em vários outros textos e reportagens feitos em homenagem a Tupã por Souza Leão, por outros políticos, jornalistas e celebridades regionais.

Figura 16: Imagem de satélite da praça da bandeira atualmente



Fonte: Google Maps

Os planos urbanos atuais descaracterizaram o formato original da Praça da Bandeira; das quatro ruas que compunham o losango alusivo à bandeira do Brasil, restam apenas duas e uma rua foi acrescentada para se chegar até a Igreja Matriz, como é possível identificar na figura acima (Figura 16). Além disso, o Colégio Bartira, não abriga mais um grupo de escolas, mas sim a Diretoria de Ensino Regional de Tupã.

Próximo à escola foi colocada uma estátua em homenagem à padre Anchieta, considerado na época como um patrono dos professores. O monumento ainda apresenta, sob o busto do evangelizador, as imagens da índia Bartira e dos indígenas Poti e Peri, bem como uma placa indicando a data de inauguração da obra. A edificação da estátua se enquadra com a narrativa da relação sertão e civilização. A alusão a este conto civilizatório está presente no

<sup>30</sup> MAEDA, Ritochi Elton. **Centro de Educação e Artes: A requalificação do Antigo Mercado Municipal de Tupã**, Unesp, Presidente Prudente, 2011.

<sup>31</sup> AZZI, Riolando. **A igreja católica no Brasil durante o Estado Novo**. Síntese, vol. VII, n.º 19, p. 49-71, 1980.

busto e se encaixa perfeitamente no contexto social dos arredores do município de Tupã. Os indígenas se depararam com a “civilização superior”, cujos “benefícios” de serem civilizados foram dados pelo homem branco, assim como no conto de Anchieta<sup>32</sup> e os indígenas. As posições em que se encontram os rostos na estátua sugerem isto. No centro e acima de todos, Anchieta é retratado como um professor enquanto se sobrepõe aos índios Poti, Bartira e Peri.

Figura 17: Estátua do Padre José de Anchieta, localizada na praça da bandeira.



Fonte: Acervo do autor

Além do formato da praça, idealizou-se o indígena como símbolo do município. O brasão e a bandeira da cidade ostentam um desenho feito por Washt Rodrigues, que até hoje caracteriza sites, panfletos e propagandas do governo municipal. A Índia Vanuíre é outra nativa que ganhou destaque no quesito identidade regional.

Figura 18: Brasão do Município de Tupã.

<sup>32</sup> Fazendo referência à pacificação dos índios tupiniquim e a criação do Pateo do Colégio em São Paulo, o relato de padre Anchieta comenta como foi difícil a edificação de uma escola no alto da colina para catequizar os indígenas. Disponível em: <http://netleland.net/hsampa/Colina/historia%20pateo.htm> Data de acesso: 21 de agosto de 2018.



Fonte: Wasth Rodrigues

A História de Vanuíre é pouco conhecida e o site do museu Índia Vanuíre relata:

Desde então, a índia Vanuíre faz parte do imaginário da população da região, sendo considerada uma heroína. De acordo com a lenda, Vanuíre subia em um jequitibá de dez metros de altura, onde permanecia do nascer do dia ao cair da tarde entoando cânticos de paz. (Museu Índia Vanuíre)

A própria postura do museu reconhece a visão mitificada que foi construída da índia de etnia Kaingang, que também corrobora para esmaecer a imagem selvagem que foi dada aos nativos antes do contato com o homem branco por lutarem pela terra.

Vanuíre é considerada por muitos como a grande “pacificadora”, imagem que o museu quer desconstruir, pois reforça a visão negativa dos Kaingang implantada há um século. O museu respeita o simbolismo que envolve essa personagem, mas atua crítica e historicamente.<sup>33</sup>

Composta de uma narrativa mítica, a História da Índia Vanuíre acabou por compor o panteão da história de Tupã. Por conseguinte, “emprestou” seu nome a várias empresas, pontos comerciais e de referência na região. O nome Vanuíre consta em uma escola, uma rede de postos de gasolina, museu, ótica, edifícios, loja de automóveis, agência de banco, rotary, entre outros exemplos.

Outrossim, o nome também está presente no Aldeamento Indígena localizado na cidade de Arco-Íris-SP. Nesta reserva indígena encontram-se etnias Kaingang, Krenak e Tereno. Vale citar que existe profundo ressentimento dos indígenas do assentamento para com Souza Leão<sup>34</sup>. A imagem que se tem do pernambucano para com os Kaingangs destoa totalmente daquilo que foi construído pela narrativa autorreferente do fazendeiro. Este

<sup>33</sup> **Índia Vanuíre**. Disponível em: <https://www.museuindiavanuire.org.br/india-vanuire> data de acesso: 15 de fevereiro de 2018.

<sup>34</sup> As fontes sobre o tema são extremamente escassas devido aos receios de serem perseguidos. Na maioria das vezes, aparecem em relatos orais de pessoas que viveram o período ou de terceiros.

ressentimento, que perdura até os dias de hoje, começou no século XIX com a chegada das empresas capitalistas à região, que se instalaram nas terras dos indígenas e os expulsaram das terras<sup>35</sup>. O impacto sofrido por estes povos foi extremamente elevado, sem contar com o apoio do governo da época, que incentivava as empresas. Coube aos indígenas recuarem de suas terras e, principalmente, tentar resistir. A resistência se dava por meio de ataques aos acampamentos das empresas ou, de maneira passiva, escondendo-se floresta adentro. O resultado não poderia ser outro, confrontos entre jagunços e os nativos que acabaram por dizimar os povos. Um especialista no aldeamento aponta que, entre os anos de 1908 e 1911, a população Kaingang fora reduzida a apenas 500 membros<sup>36</sup>.

Tanta morte e tanta violência dificultaram uma maior compreensão da organização social desses índios, levando em consideração que suas vidas, suas casas e de tudo que lhes relacionasse foram destruídos. Entretanto, foi através de etnocídio e genocídio que se deu a aproximação entre os Kaingang e civilizados, *graças* ao avanço econômico. (CRUZ, 2006)

Atualmente o aldeamento possui cerca de 200 habitantes de três etnias indígenas, Kaingang, - da terra -, Krenak - alocados de Minas na década de 1940 -, e mais recentemente indígenas Terena.

Figura 19: Grafite de Mariana Pavanelli, localizada na Praça da Bandeira, rememorando a natureza e indígenas do Brasil.



Fonte: Acervo do autor, 2018

<sup>35</sup> CRUZ, Leonardo O. **Grupos étnicos e identidade**: a conquista pela diferença entre os índios kaingang e krenak do posto indígena Vanuíre no oeste de São Paulo. I Simpósio Lutas Sociais na América Latina. UEL. 2006.

<sup>36</sup> Op. Cit. 2006.

Conforme comentado, os ressentimentos perduram até os dias de hoje e os indígenas buscam restaurar e preservar sua cultura em meio ao avanço da “civilização”. Recentemente a relação Indígenas contra governo se demonstra abalada, sendo o Museu Índia Vanuíre a linha tênue que ainda os une com lembranças e festividades indígenas. Mesmo sendo um tema muito relevante, não cabe nesta discussão um maior aprofundamento teórico acerca da representatividade indígena para com Souza Leão nesta dissertação. O exemplo serve, no entanto, para ilustrar como o imaginário sobre o pernambucano é diversificado e nem sempre está de acordo com aquilo que se concebe sobre ele.

Porém, estas vozes são escassas, sobrepujadas pelos ecos das narrativas oficiais.

Lendo, um dia destes, o que escreveu o meu compadre Gabriel da Silva Teixeira, e o que dele dissera num sincero depoimento o meu amigo Luiz de Souza Leão, uma onda de alegria, de pleno contentamento encheu o meu velho coração. A Isso, eu chamaria o reencontro, o que nem sempre acontece, de dois homens, de duas almas, que se identificaram, em gestos generosos, idealistas, comuns a todos que como nós ajudaram a construir esta nossa, repetimos, muito querida cidade.

A Criatividade congênita de nosso povo e que tem facilitado a busca de soluções para os problemas, mesmo os mais complexos que enfrentamos. (JORNAL DE TUPÃ, Os Homens e os caminhos se encontram, 2 de abril, 1977)

A crônica acima elucida bem aquilo que passa de Souza Leão. Na crônica de Pio de Almeida, duas coisas podem ser notadas: primeiramente, é latente a proximidade que Pio tinha com o pernambucano e, em consequência, a visão que o jornalista tem de Souza Leão. Na reportagem, ele chama o amigo de idealista, generoso e construtor de uma cidade que sofre com complexos problemas, e que somente por meio da criatividade do povo tupãense iriam superá-los.

É notável que, pelas palavras de Pio, a narrativa ganha mais vida e poder. Por exemplo, a iniciativa de alterar a data de fundação de Tupã foi liderada por ele. Percebe-se que a construção desta “verdade histórica” possui um elevado viés político/ideológico que contém uma série de disputas entre os parlamentares, mas infelizmente, o tema é carente de fontes e não há nenhuma referência documental no Solar. No entanto, pelo arquivo presente no museu-casa, percebe-se ainda que, quando necessário, a pena de Pio de Almeida era utilizada para proteger a integridade de Souza Leão.

Faz amanhã precisamente 45 anos que numa clareira da mata recém abatida, nascia sob o signo da Cruz a cidade de Tupã. [...] marcando, em definitivo, a marcha de

uma cidade que naquele instante nascia para a assombrosa realidade de seu progresso[...]

Por muito tempo sustentamos uma luta para que a verdade histórica da cidade, que é imutável, fosse restabelecida. A nossa luta encontrou pela frente a incompreensão de um lado, e a teimosia dos que por simples capricho ou ignorância total dos fatos, se opunham à nossa esclarecedora, patriótica, e acima de tudo cívica campanha.

[...] Tínhamos brasão, tínhamos bandeira, mas não tínhamos a nossa história calcada na verdade, cimentada na realidade dos fatos, dos acontecimentos ocorridos. (Jornal de Tupã 1974-10-11 Feriado de Amanhã)

Mesmo após a morte do jornalista, os veículos de imprensa continuaram a tecer a narrativa referente à história de Tupã. Traçar uma biografia do jornalista é difícil, visto que as fontes são escassas, mas ao se analisar o acervo do Solar, foi perceptível a influência do jornalista, pelo o que consta, Pio de Almeida trabalhou nos dois maiores veículos de comunicação da região: foi redator do Jornal de Tupã por um vasto período de tempo, e um dos chefes da Rádio Tupã.

Os veículos de imprensa oficiais do governo municipal (poder executivo<sup>37</sup>, legislativo de Tupã)<sup>38</sup>, os órgãos relevantes da cidade como o do Museu Índia Vanuíre<sup>39</sup>, os jornais (Diário de Tupã e Folha do Povo), as web notícias (Mais Tupã! e Tupãcity) e os rádios municipais (Radio Tupã, principalmente) também são veículos essenciais que reverberam a narrativa histórica.

Assim, a narrativa oficial da cidade, prolongada nas palavras de Pio de Almeida, foi uma das responsáveis pela manipulação do imaginário tupãense e daquilo que se fala sobre Souza Leão. Deste modo, no imaginário popular, a narrativa autobiográfica de fundador da cidade perdura até os dias de hoje. As notícias da década de 1980 são semelhantes às notícias atuais. Nelas, constantemente há a alusão imagética de Souza Leão, por exemplo, na figura a seguir (Figura 20), em que o panfleto faz homenagem póstuma ao pernambucano. A homenagem é realizada em sua residência anualmente no dia 21 de setembro, sendo o evento cultuado e noticiado na cidade. Com o visual moderno e trazendo uma foto antiga dentro de uma arte gráfica, as cores dão destaque ao flyer e ao logo recém-inaugurado do Solar. O brasão da cidade é colocado no topo do panfleto e o destaque se dá também no direcionamento do folder para o convite do governo municipal.

<sup>37</sup> **História.** Disponível em: <http://www.tupa.sp.gov.br/conteudo/1/2/historia.html>. Data de acesso: 10 de março de 2018.

<sup>38</sup> **Breve Histórico.** Disponível em: <http://www.camaratupa.sp.gov.br/Pagina/Listar/344>. Data de acesso: 10 de março de 2018

<sup>39</sup> **Tupã.** Disponível em: <https://www.museuindianuivre.org.br/o-museu/tupa>. Data de acesso: 09 de março de 2018

Figura 20: Convite: homenagem póstuma a Luiz de Souza Leão.



Fonte: <http://www.tupacity.com/?b=73650>

Sobre a ritualização, Krzysztof trata da relação espectador/objeto, assim, é possível fazer relações entre os objetos e espectadores (POMIAN, 1984). Em seu texto o autor polonês reflete sobre as coleções pessoais e públicas, pois ele visa demonstrar a existência de uma relação do mundo visível com o invisível por meio dos objetos.

Pomian suscita a aplicabilidade de seus conceitos, os quais vão além do escopo religioso<sup>40</sup>. A ideia se vai de acordo com a análise da exposição museal do Solar. Desta forma,

<sup>40</sup> Basicamente, o texto do autor parte da ideia mística de objetos, para isto, o autor parte das relações que existem entre objetos religiosos/sociedade.

o espectador, ao contemplar o Solar, torna-se cúmplice e testemunho vivo da memória pelo simples fato de presenciar os semióforos ali expostos. Todos os objetos expostos integram e criam a narrativa viciada. Conseqüentemente, o espectador se torna cúmplice de uma narrativa que transcende aos olhos. Os objetos são cultuados pela exposição, gerando uma série de associações a nomes, histórias de vida ou a uma figura.

As ideias apresentadas acima reforçam a análise da exposição museal do Solar. As várias imagens observadas pelos espectadores ganham força ativa, fazendo com que os objetos se tornem representações de algo sagrado ou do passado. Os utensílios cotidianos da casa do fundador, a mobília, o arquivo e exposição museal em si, são os responsáveis por fazerem com que os sujeitos unam o visível (objetos e exposição) ao invisível (a sua intenção de auto-musealização).

A parte invisível de uma exposição possui uma temporalidade própria, *sui generis*, seja este tempo no passado ou no futuro, constantemente é ritualizado de maneiras variadas pelo discurso dado pelo guia do museu, ou pela narrativa proposta pela exposição. Percebe-se que há uma explicação na ritualização da figura do fazendeiro pernambucano. Como citado anteriormente, anualmente na data de sua morte, celebridades públicas e políticos o ritualizam e homenageiam em cerimônias em seu túmulo.

Seguindo nesta mesma linha de pensamento sobre as exposições, Jean Baudrillard coloca a coleção como um objeto detentor de um signo de referência, cuja interpretação é quase desnecessária.

Pelas próprias palavras do autor:

Já o objeto antigo não tem exigência de leitura, é “lenda” uma vez que é antes seu coeficiente mítico e de autenticidade que o designa. Épocas, estilos, modelos ou série, preciosos ou não, verdadeiros ou falsos, nada disso muda a especificidade vivida: ele não é nem verdadeiro, nem fala, é “perfeito” - não é nem interior nem exterior, é “alibi” - não é nem sincrônico nem diacrônico (não se insere nem em uma estrutura ambiente nem em uma temporal), é anacrônico - não é em relação àquele que o possui, nem atribuído de um verbo ser, nem o objeto de um verbo ter, mas concerne na verdade à categoria gramatical do objeto interno, que declina quase tautologicamente a substância do verbo (BAUDRILLARD, 2002. p.88-89)

O texto acima leva à seguinte questão: qual é a imagem que se faz e circula de Souza Leão nos meios midiáticos de Tupã e região? A figura acima (Figura 20) não é fato isolado quando se rememora o dito fundador. Constantemente há a vinculação das fotografias de Souza Leão no discurso de endossar um evento histórico da cidade.

Tais imagens evocam sempre o pernambucano bem vestido, arrumado e trajando terno, imagens dignas de um membro da elite política e de destaque na alta sociedade. Estas



imagens se aproximam do que se celebra nas mídias atuais. Em geral, nas homenagens ou propagandas da cidade, a figura de Souza Leão é apresentada como uma celebridade. Fica evidente que as imagens que circulam sobre o pernambucano sempre rememoram o que ele propôs em sua narrativa. No entanto, o que as imagens escondem?

Responder esta questão é difícil, pois, quando as raras fontes sobre o tema vêm à tona, acabam não tendo boa aceitação já que fogem da ideia de fundador/benfeitor. A falta de aceitação destas narrativas é perfeitamente explicada pela força ditada pelos “Lugares de Memória” que reverberam a narrativa autobiográfica.

Algumas destas memórias foram trabalhadas pela história oral. Na dissertação de Airton Souza de Lima (2010), cujo tema é sobre a militância camponesa no interior de São Paulo, o autor cita um caso pouco lembrado do assassinato de lideranças militantes adeptas ao comunismo em uma fazenda do município. O tumulto começa com uma passeata em 1949, e um dos citados é o fazendeiro Souza Leão:

João Camilo Sobrinho, segundo o relator do DOPS, teria feito o seguinte discurso: “Nós classe operária, os camponeses, estamos cansados de sofrer e precisamos acabar com os capitalistas, com o monopólio, com Souza Leão, esse capitalista carrasco”. O “fundador” da cidade e grande “coronel da política loval era o prefeito em exercício, já que Alonso de Carvalho Braga estava enfermo e em licença. (LIMA, 2010, p.99)

Os relatos que o autor colheu seguem ainda falando da violência política em Tupã. Chega a ser surpreendente como foi empregada a civilidade e o progresso no município.

“Tupã tinha uma história social tensa, porque houve muita grilagem de terra por lá [...] E griladas pela violência. Os fazendeiros contratavam jagunços para fazer esse serviço.” Souza Leão “era um homem violentíssimo”. A militante lembra que Dário (o entrevistado) contava que, ao arar a terra, encontrava “ossos de gente”. Ele avisou o Partido (PCB) e este o aconselhou que os levasse à Prefeitura. (LIMA, 2010. p.101)

Vale citar que Lima ainda revela sobre o lado violento dos fazendeiros. Porém, não consegue se alongar no assunto devido à ausência de pessoas dispostas a falar sobre o tema. O referido evento foi noticiado nos jornais da cidade, reconhecendo a presença de uma forte herança do catolicismo e do anticomunismo nas páginas dos principais veículos de comunicação da cidade de Tupã, bem típicos daquela época no Brasil<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> LIMA, Airton Souza de. **Vítima do ódio: a militância comunista e as lutas camponesas no interior paulista.** 2010 [i.e. 2009]. 147 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2010 [i.e. 2009].

Percebe-se claramente que o trecho exposto da obra de Lima é totalmente divergente com o que a imprensa e redes sociais informam sobre Souza Leão. Pelo conteúdo do texto, o ar próspero de uma cidade progressista descrita por Pio de Almeida passa a ser o de uma cidade onde a insegurança e a violência é constante, graças a ação de jagunços.

Além disso, a população é constantemente vigiada e perseguida na alegação de que sejam comunistas regionais. Isto fica claro com o exemplo dado pelo autor, em que no pleito eleitoral que colocou Alonso Carvalho Braga, elege-se o prefeito de Tupã com o discurso de perseguição ao comunismo<sup>42</sup>. O evento não é um fato isolado da historiografia. Outros atos semelhantes têm resquícios memoriais que ficaram quase extintos nos meios populares, mas que nas vias acadêmicas são brevemente analisados. Nota-se de passagem, a questão dos japoneses do Shindo Remnei na cidade.

O caso pouco é citado na literatura regional, mas houve grande circulação com a obra do jornalista Fernando Morais, *Corações Sujos* (2000). O escritor apresenta o caso dos membros das colônias japonesas que habitavam nas redondezas de Tupã e acabaram por não aceitar a derrota do país natal na Segunda Guerra Mundial. Por pressão do governo Vargas a colônia nipo-brasileira sofreu fortes repressões culturais e, conseqüentemente, foi criado um grupo de perseguições a outros membros da colônia oriental que aceitavam a derrota japonesa. Na época a elite de Tupã, temendo o movimento, exigiu medidas rudes do governo federal e estadual quanto à colônia japonesa, a ponto de pedir a implantação de campos de concentração ou mesmo a pena de morte para casos extremos<sup>43</sup>.

Em consulta a sites e livros sobre a cidade os eventos supracitados obviamente não são lembrados. Há ainda outras fontes que trazem outras narrativas sobre Souza Leão. No entanto, não tiveram a necessária difusão. Por vezes elas foram editadas, mas a venda foi extremamente limitada ou nem sequer foram vendidas. Sabe-se da publicação de livros de perseguidos pela ditadura militar de 1964-1985 que chegam a citá-lo, entretanto, temendo qualquer tipo de retaliação ou de ações judiciais, acabaram não sendo publicados.

Anulado este lado sombrio que envolve perseguições em diversas épocas, a memória que ainda hoje é cultivada é a mesma que acabou por ser perpassada pela narrativa autobiográfica. E essa narrativa se encontra bem consolidada pelos seus “lugares de memória”, principalmente no Solar, lugar que passa aquilo que se lê e se imagina de Souza Leão.

---

<sup>42</sup> Em diversas reportagens é nítida a relação existente entre Souza Leão e Pio de Almeida. Geralmente o jornalista usa do mesmo tom do pernambucano, falando sempre do tom progressista da cidade; porém, ao se tratar de oposição política, Pio de Almeida atua de maneira implacável.

<sup>43</sup> MORAES, F. *Corações Sujos*. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2000.

Assim, certamente o maior desafio do presente trabalho foi o de conciliar a ideia de que memórias, exposições, patrimônio material e imaterial são indissociáveis no Solar. Chegou-se à conclusão de que estes conceitos devem ser trabalhados como objetos da prática de Ensino de História nos meios sociais. Para que isso ocorra, é necessário que se tenha uma aplicabilidade conceitual das ideias levantadas aqui na dissertação, para serem usadas.

Sobre a utilização de conceitos no ambiente de aprendizado do aluno, Maria Auxiliadora Schimidt (1999 p.149) aponta que a utilização de conceitos “é essencial para o aluno e que esse tipo de aprendizado deve auxiliar como um conjunto de ferramentas para fazerem uma análise mais profunda da realidade social.”, pois este cria um corpo de conhecimento que permite a interação da realidade social com o convívio escolar e com a realidade individual. Em poucas palavras entende-se que o emprego de conceitos na realidade escolar do aluno permite que o jovem crie modos de organizar, explicar e ler a realidade que o cerca.

Ao longo dos anos a carga simbólica dos semióforos é alterada e quase sempre elas envolvem poder ou um status de diferenciação ou legitimação social. Tudo isto a ponto de criar no objeto uma mística supersticiosa que transforma a coleção e o zelo que existe sobre este objeto peculiar em um elo unificador do mundo visível ao invisível.

O autor atribui que para se formar uma coleção:

É a hierarquia social que conduz necessariamente ao aparecimento das coleções, conjuntos de objetos mantidos fora do circuito das atividades económicas, submetidos a uma proteção especial, em locais fechados preparados para esse efeito, e expostos ao olhar. Porque, de facto, estes conjuntos de objetos não são mais do que manifestações dos locais sociais em que se opera, em graus variáveis e hierarquizados, a transformação do invisível no visível. (POMIAN, 1984, p.74).

Uma coleção vai muito além daquilo que se coleciona. A coleção e a exposição destes objetos transmitem símbolos que, quando interpretados, dizem a respeito das preferências de seu dono e de como ele projeta e concebe o espaço que o cerca. O espaço escolhido para a implementação de uma determinada coleção se torna também um objeto de diferenciação social.

Seguindo na mesma perspectiva, o trabalho de Jean Baudrillard traz uma visão semelhante sobre os objetos. O autor concorda que uma coleção inutiliza os objetos, tirando-os de sua função prática. Assim, “ter” o objeto retira o ato de “usá-lo”. Além disso, para Baudrillard, colecionar é algo típico do ser humano. Nesta expressão de si que o humano faz em uma coleção, ele expõe seus traços de personalidade, pois o colecionador classifica,

ordena e dá sentido para uma coleção, assim como o faz em sua vida pessoal, tornando-a atemporal.

*O homem que coleciona está morto, mas sobrevive literalmente em uma coleção que, a partir desta vida, repete-o indefinidamente para além da morte, ao integrar a própria morte na série e no ciclo (BAUDRILARD, 2002, p.105).*

Sob esta ótica, o corpo sepultado no Solar permanece vivo na imaginação dos visitantes e dos habitantes da cidade. A exposição dos objetos da casa e toda coleção em si fazem com que o espectador interaja com a vida do pernambucano e, deste modo, as pessoas acabam por seguir, de maneira inconsciente, a proposta de narrativa histórica criada por ele.

Percebe-se que, em uma coleção, não é a raridade dos itens que os torna excepcionais, mas sim os sentidos que cada simples objeto traz à totalidade dos colecionáveis. Então, se aplicadas as ideias de Baudrilard no contexto do Solar, a insignificância de um sofá que não pode se sentar é a totalidade que exprime o contexto da casa-museu. A mobília e a decoração passam a ser criadoras de um sentido totalizante no museu, cuja narrativa se eternizou com o sepultamento ritualizado de Souza Leão.

Partindo destas reflexões conceituais sobre a elaboração deste lugar de memória criado a partir da narrativa (auto)biográfica de uma personalidade política, tornou-se necessário que tudo aqui apresentado fosse trabalhado nesta dissertação pela ótica da nova museologia<sup>44</sup>.

Esta abordagem deve fazer com que o espectador interaja mais e não fique apenas contemplando objetos expostos em uma sala. A nova museologia é a forma de alcançar esta mudança, pois ela permite uma maior interação museu/espectador. Para isto, é necessário a adequação tecnológica do espaço, que o lugar tenha a acessibilidade, que se crie roteiros diferenciados e que as atividades sejam realizadas na intenção de ter a exploração de outros sentidos corpóreos. Assim, parte-se principalmente dessa questão: como são trabalhadas as exposições no Solar Luiz de Souza Leão e como estimular a reflexão acerca da exposição pautada em uma narrativa (auto)biográfica? A pergunta é relevante para a reflexão sobre a exposição museal e o status adquirido pelo Solar enquanto espaço de memórias. Para isso, elaborou-se o plano pedagógico para ser trabalhado nas escolas da Região de Tupã, partindo do desafio de explorar o conhecimento prévios dos jovens. Ou seja, ao realizar a cartilha,

---

<sup>44</sup> Compreende-se aqui como “nova museologia” a interação inovadora da abordagem expositiva de um espaço museal.

partiu-se da ideia de superação das balizas que já determinam ao espectador consumir a narrativa ao invés de produzir experiências ou novos conhecimentos sobre o acervo<sup>45</sup>.

Ao se tratar da problemática que envolve a história de Tupã e de como esta foi fundida com as memórias de um personagem quase mitológico, cuja força ideológica se encontra enraizada em um Lugar de Memória, buscou-se aqui adequar esta temática dentro da realidade do aluno para que este consiga também apropriar, a partir da sua realidade, toda conceitualização feita aqui.

Como aponta a própria Schimidt (1994), a empregabilidade de conceitos em sala de aula, exige uma formação direcionada à reflexão de conceitos. Porém, é através da percepção dos conceitos que os alunos conseguem ler a sua realidade social e entender melhor a história. (SCHIMIDT, 1994, p.148).

Seguindo na mesma linha de raciocínio, Cristina Aparecida Reis Figueira defende a utilização da educação patrimonial e do ensino de História como formas essenciais da reflexão sobre diversidade cultural humana, como ferramenta de construção de cidadania, direitos humanos, alteridade, ética e compreensão da importância participativa na sociedade. (FIGUEIRA, 2015.)

Foi necessário adequar a proposta museal do Solar com uma metodologia versátil para ser aplicada a um museu com muitas limitações. A proposta metodológica que se enquadrou nestes quesitos foi a Caixa de História (local). O Projeto Caixa de História surgiu em 2004 e se concretizou em 2011 com o título de “Caixa de História: conhecer e criar” por um grupo de professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) na intenção de aproximar o trabalho do historiador dos alunos de educação básica e EJA.

Produzir um material de apoio, visando sua apropriação livre pelo professor, sem a perspectiva normativa de procedimentos adequados ou inadequados ao roteiro predeterminado. Mesmo assim, e pela característica inovadora do material, decidiu por elaborar um Guia do Professor que orientasse o docente sobre os caminhos possíveis no uso do material. A ênfase está nos documentos e na interação dos alunos com eles, a partir de fichas de atividades. (ROCHA, 2013).

Percebe-se que a versatilidade da metodologia, que vem acompanhada de um guia do Professor para nortear as adaptações, possibilitou à Caixa de História ser utilizada em várias áreas temáticas da História Local. Além disso, o acompanhamento pedagógico pelo Ensino

---

<sup>45</sup> VIDAL, F.L.K.; MARANDINO, M. **Identificando objetos em destaque em museus para análise de seu potencial educativo no ensino e a aprendizagem de ciências**. In: X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2015, Águas de Lindoia. Atas do X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências? X ENPEC, 2015.

Superior permite uma compreensão das escolhas e das adaptações feitas pelo professor em sala de aula e, permite também, que problemáticas diferentes da proposta garantam o “aperfeiçoamento da docência (básica e superior) nos aspectos curriculares e didáticos.” (ROCHA, 2013).<sup>46</sup>

Percebendo a existência de diferentes problematizações acerca do objeto, foi pensado aqui sobre como aplicar e trabalhar com essa problemática no contexto e na realidade escolar. Com este propósito, partiu-se dos conceitos em voga como Educação Patrimonial, Educação em Museus, e Nova Museologia para o trabalho com uma proposta pedagógica ao Solar Luiz de Souza Leão.

Após a reflexão acerca da associação entre os temas cidade, monumentos e escrita autorreferente, serão tratadas, no capítulo seguinte, as possibilidades de atividades escolares versando sobre este tema.

### CAPÍTULO III

---

<sup>46</sup> ROCHA, Helenice. Caixa de história local: questões na relação Universidade escola. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, natal. **XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social**. Natal-RN: Universidade Federal do rio Grande do Norte, 2013. p. 1-15. E também ver: ROCHA, Helenice. ROCHA, Helenice. Caixa de História Local: Criação e recriação na prática docente. In: XVI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2012, Campinas. **XVI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Didática e práticas de ensino na realidade escolar contemporânea: constatações, análises e proposições**. Araraquara: Junqueira&Marin Editores, 2012.

## **A cartilha “Patrimônio e Educação: o Solar Luiz de Souza Leão (Tupã-SP) em sala de aula” e a digitalização do acervo.**

No capítulo anterior, refletiu-se sobre como Souza Leão criou todo um enredo histórico a partir de uma narrativa de si. Observou-se também como esta narrativa se aliou à História do Município. Desta forma, a imagem do fazendeiro se tornou aquilo que os especialistas classificaram como homem-monumento. Passou-se a entender, então, sua residência como um lugar de memória. Este capítulo, por sua vez, partirá para as elucidações sobre o produto em foco, ou seja, será demonstrado como se realizou a aplicação e problematização destes conceitos trabalhados em atividades lúdicas.

O material pedagógico é o resultado de toda a problematização conceitual feita nos capítulos anteriores. Assim, direcionou-se a criação da cartilha ao público jovem, em idade escolar, para ser utilizada nos colégios da região. Optou-se por este público em razão da percepção da demanda existente na melhoria dos índices escolares, na falta de motivação destes e na intenção de gerar uma nova ferramenta para auxiliar as atividades docentes. Buscou-se também materializar o debate conceitual para suprir a falta de material pedagógico destinado ao Solar.

Os dados internacionais demonstram que a educação no Brasil necessita de urgente atenção. Em pesquisa realizada no ano de 2016 pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), contando com 75 países e feita com alunos de 15 anos por meio de testes de conhecimento em matemática e ciências, o Brasil ocupa apenas a sexagésima posição.

A mesma pesquisa, no ano de 2012, também não foi nada positiva, com 65 países participantes, o Brasil ocupou apenas a quinquagésima posição<sup>47</sup>. Além disso, de acordo com o site de notícias BBC:

A avaliação acontece a cada três anos e oferece um perfil básico de conhecimentos e habilidades dos estudantes, além de reunir informações sobre variáveis demográficas e sociais de cada país, oferecendo ainda indicadores de monitoramento dos sistemas de ensino ao longo dos anos. (MARTINS, 2016)<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> PALHARES, Isabela. **Brasil é o 60º colocado em ranking mundial de educação.** Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-o-60-colocado-em-ranking-mundial-de-educacao,1686720>. Data de acesso: 28 de abril de 2018.

<sup>48</sup> MARTINS, Alejandra. **Cinco dicas para que Brasil saia do fundo de ‘ranking mundial’ de educação OCDE.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38219725> Data de acesso: 28 de abril de 2018.

Percebe-se que os dados são alarmantes e a cada ano pioram. Em 2017, novamente, a pesquisa constou que de 36 países pesquisados o Brasil está à frente apenas do México<sup>49</sup>.

Os jornalistas apontam que a crise educacional brasileira ocorre principalmente pela falta de interesse no currículo e pelo distanciamento das crianças da sala de aula, assim, toda a atividade de aproximação do aluno com o acesso à educação de qualidade é bem-vinda.

Os índices de educação nacional são extremamente baixos, a qualidade de ensino no Brasil não caminha bem, assim, tornam-se urgentes novas metodologias para incentivar o desenvolvimento educacional. Contudo, mesmo com todos os empecilhos, há o esforço de muitos professores e coordenadores pedagógicos para fazer atividades diferenciadas dentro da realidade escolar. Estas atitudes são compartilhadas em comunidades virtuais como Facebook, grupos de Whatsapp ou sites que trocam informações e atividades. Por meio destas atividades o professor se vê amparado para trabalhar com abordagens diferenciadas, conseguindo com que se coloque em prática a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9394/96, que no seu artigo 26, incentiva que se explore:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (LDB - 1996).

Uma das maiores dificuldades encontradas pelos professores é a falta de apoio, quer seja financeiro, quer seja de espaço curricular para a realização desta tarefa, visto que as obrigatoriedades do cotidiano, com as cobranças por índices como o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo - SARESP, impedem que se explorem realidades que vão além daquilo que os currículos oficiais colocam.

Assim, a elaboração do produto desta dissertação, também foi pensada com o objetivo de dar apoio ao profissional de educação que esteja com a intenção de trabalhar com a Educação Patrimonial de uma maneira fácil e lúdica.

Por não contar com recursos financeiros a cartilha teve que ser elaborada utilizando ferramentas gratuitas da internet. Entre elas recursos como aplicativos online de molduras nas

---

<sup>49</sup>FUENTES, André. **Em ranking da educação com 36 países, Brasil fica em penúltimo**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/impavido-colosso/em-ranking-da-educacao-com-36-paises-brasil-fica-em-penultimo/>. Data de acesso: 29 de abril de 2018.



fotos, ferramentas de realização de atividades e bancos de imagens<sup>50</sup>. Toda a arte gráfica foi feita com programas simples como, por exemplo, o Power Point e fora revisada pela gentileza de profissionais do ramo, em trabalho voluntário. Outrossim, ao se pensar as atividades, utilizou-se como referência uma série de outros planos de atividades lúdicas aplicadas em outros Espaços Museais. A partir destes exemplos inspiradores, foram efetuadas as devidas adaptações à realidade do Solar Souza Leão, seguindo sua regulamentação de exposição e funcionamento.

É sabido que o Solar possui impedimentos legais sobre alteração da exposição, portanto, foi necessário elaborar uma proposta diferenciada sem que se alterasse o sentido dos objetos. Utilizou-se para isso, a Nova Museologia para trazer uma proposta inovadora à exposição e, conseqüentemente, impulsionar a presença de alunos na casa-museu.

A residência/museu se localiza em um ponto estratégico do Centro Histórico de Tupã, mas, infelizmente, não consegue acompanhar as inovações culturais que são feitas nos arredores do Centro Histórico<sup>51</sup>. Toda grandeza cultural que a região da praça da bandeira recebe, como a feira ao ar livre de quinta-feira, os encontros da “Quinta com Arte”, as exposições variadas do museu Índia Vanuíre e os encontros da “Feira da Bondade”, quase não conseguem adequar suas atividades com o museu Solar Luiz de Souza Leão.

Os capítulos anteriores demonstraram que o Solar possui um potencial gigantesco ao ser olhado partindo do princípio da autobiografia e da ideia de que o Solar é um lugar de memória onde se preserva uma narrativa sobre a História de Tupã. Portanto, ao serem aplicados conceitos como nova museologia, educação patrimonial, autobiografia, homem monumento e lugar de memória, o museu passa a oferecer uma valiosa oportunidade de interpretação do acervo pelos professores, alunos e visitantes.

Muitos trabalhos apontam para a importância da Nova Museologia e da Educação Patrimonial. Quase sempre as questões levantadas indicam a busca da identidade do aluno em seu contexto social. A título de exemplo, Almir de Paula Silva (2005) alerta para a importância da Educação Patrimonial para o ensino de alunos de escola pública na rede estadual de ensino de Ribeirão Preto – SP. Para a utilização da Educação patrimonial é extremamente relevante a criação de uma identidade e de como esta metodologia pode ser uma importante ferramenta para o aluno desenvolver a sua cidadania e criar o sentimento de

---

<sup>50</sup> Diversos sites foram utilizados nesta dissertação, principalmente os sites: [www.montagemfotos.com.br](http://www.montagemfotos.com.br), <https://myfreebingocards.com/bingo-card-generator> e <https://pt.dreamstime.com>.

<sup>51</sup> Por mais de dez anos a praça da bandeira é utilizada para um projeto cultural extremamente relevante, no qual há diversas exposições, festas culturais, praças de alimentação, bibliotecas e apresentações culturais diversificadas. Por isto, são valiosos os esforços da Secretaria de Cultura para a revitalização deste espaço.

pertencimento em sua vivência. O autor ainda diz que os centros históricos das cidades brasileiras foram delineados pelas classes dominantes, enquanto as classes mais baixas foram alocadas nas partes periféricas e não planejadas. A conclusão é a de que a comunidade periférica não reconhecia o patrimônio edificado no centro da cidade, nem a história do município, desconsiderando o valor monumental desses espaços. Almir propõe que uma Educação Patrimonial poderia reatá-los. Assim, entende-se então, que a educação patrimonial é uma importante ferramenta pedagógica conciliatória para determinadas situações que envolvem diferentes setores sociais dentro de uma realidade urbana.

Devido às semelhanças, o texto de Almir permite traçar um paralelo entre Tupã e Ribeirão Preto, uma vez que ambas cidades foram criadas a partir de investimentos pesados e tiveram um planejamento urbano feito por uma empresa cafeeira.

Naturalmente, as principais casas da cidade ficaram no entorno da Praça da Bandeira. Com o passar dos anos, no entanto, o progresso remodelou a cidade, mas alguns prédios ainda estão preservados, como por exemplo, o Grande Hotel Tamoios, a Igreja Matriz, o Prédio da Associação Comercial, a Escola Bartira e o Solar. Estes monumentos ainda são referências de um passado próspero na história da cidade. Contudo, estas referências ao longo dos anos perderam muito do seu significado, principalmente pelo fato da transferência de relevância do centro da cidade para os principais pontos comerciais, deslocando os principais eventos cívicos e culturais para o centro comercial da avenida Tamoios.

A intervenção, por meio das tarefas lúdicas, se tornou ferramenta útil para trabalhar a preservação e ressignificação monumental do Centro Histórico de Tupã, visto que as atividades contribuem para o reconhecimento dos monumentos e trabalham no sentido de valorizar a História Local e o protagonismo dos alunos. Ou seja, a função da cartilha não é a de exclusivamente desconstruir o espaço museal, mas sim tornar os alunos sensíveis à realidade que os cerca, criando nestes o sentimento de preservação ao Patrimônio Histórico, e consequentemente, reafirmando sua identidade.

Trabalho semelhante que corrobora com a presente reflexão é o de Staniszewski (2010). Ao usar a problemática do museu municipal de Campo Mourão-PR “Deolindo Mendes Pereira” dentro e fora de sala de aula, a autora alerta para pontos que são pertinentes ao trabalho recreativo no Solar Luiz de Souza Leão. Para ela, a intenção de visita a museus regionais possui sentido histórico, o qual é alcançado através da evocação de memórias que os objetos corriqueiros podem trazer. Além disso, a autora sugere “recursos como o uso da História Oral para incentivar as habilidades mentais, psicológicas e emocionais”. Por fim, a autora ainda propõe atividades para serem executadas no museu. Antes da realização das

propostas, incentiva-se uma visitação “clássica”, sem intervenção, para que os alunos reconheçam o espaço museal. Somente após esta visita é que devem ser aplicadas as atividades voltadas à Educação Patrimonial.

Acredita-se que a Educação Patrimonial seja uma excelente ferramenta para aproximar a comunidade e o centro histórico de Tupã. Para isso, busca-se utilizar os bens culturais do Solar como ferramenta pedagógica. Por educação patrimonial, o IPHAN entende:

[...] processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural<sup>52</sup>.

Percebe-se, pelos escritos de Maria Horta, que a Educação Patrimonial é extremamente válida para valorizar a herança cultural por meio da criação da consciência da utilização dos bens culturais e materiais como fontes primárias. A versátil metodologia da Educação Patrimonial permite o diálogo interdisciplinar, além de ser possível a sua aplicabilidade em qualquer ambiente, seja ele material ou não, basta que tenha, apenas, a existência de relações que envolvam indivíduos com o seu meio. A autora ainda revela que, para que se tenha uma Educação Patrimonial de qualidade, é necessário a valorização permanente do diálogo, pois só assim é possível criar no aluno o senso de cidadania, de respeito ao patrimônio e de sua autovalorização, por edificar nele a autoestima. (HORTA, 1999, p.6)

Pelos apontamentos acima, tornou-se de extrema necessidade a adequação do Solar à Educação Patrimonial. Visto que, como foi enfaticamente defendido aqui, o Solar encontra-se abandonado e sem propostas no âmbito da Nova Museologia. Acredita-se ser imprescindível a constante reflexão acerca das abordagens aos espaços museais.

É urgente a busca das adequações, pois a função dos museus na sociedade ocidental mudou muito desde as suas origens no século XIX. Atualmente, o museu é visto como forma de incentivar a reflexão crítica dos objetos que estão inseridos no contexto da exposição. E no Brasil a tendência é a seguinte:

---

<sup>52</sup> HORTA, Maria L. P. (et al.) **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Iphan — Museu Imperial, 1999. p.6

O museu está a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, sendo aberto ao público, para que adquira, conserve, pesquise, comunique e exiba evidências materiais do homem de sua história e de seu ambiente, para fins de pesquisa, educação e lazer (Cf. ESTATUTOS DO COMITÊ BRASILEIRO DO ICOM, art. 6º).

Partindo-se da premissa do ICOM de que o museu está a serviço da sociedade, uma questão persiste: como ler as exposições do Solar para ensinar outros a refletirem sobre estas criticamente?

A resposta aparentemente simples possibilitou extensa reflexão sobre a execução do plano pedagógico, visto que a demanda pela atualização da utilidade dos museus é emergencial. Um dos primeiros a apontar esta necessidade de mudança dentro das exposições foi o historiador francês Dominique Poulot, em sua célebre obra *Museu e Museologia*, de 2013, na qual aponta que, desde os anos de 1980, os museus passaram a se reestruturar.

Ao lado das exigências relativamente ao sucesso de suas exposições, avaliado em termos de número de visitantes ou de recursos coletados, outras demandas são formuladas aos museus no que se refere à contribuição para o reordenamento do território, para o rápido crescimento do turismo, para a redução das desigualdades culturais e para a inclusão social. A fundação de museus começou, no decorrer das décadas de 1970-1980, a se integrar no âmbito de operações de redensolvimento que afetavam desde as fachadas portuárias aos centros de cidade em estado de abandono, ou seja, espaços considerados estratégicos na recente renovação urbana. (POULOT, 2012, p.113-114)

É possível observar que, de acordo com o autor, a inclusão de novas propostas foi necessária, pois na época as exposições eram inconclusivas. Poulot enxerga que a ideia de inclusão social para os museus foi a tábua salvadora destes estabelecimentos que, por anos, sofreram com a ausência de público. Desde então, a preocupação dos museus foi a de modernizar e trazer inovações às exposições. O autor irá ainda discutir que, juntamente com as intenções de revolucionar as exposições museais, há um grande movimento acadêmico que surge também nesta mesma época, impulsionando as exposições museais.

Mas o rápido crescimento de uma literatura especializada é o fato mais notório, marcado por numerosas publicações que, às vezes, vão além das fronteiras corporativistas. Ela corresponde ao aumento das formações acadêmicas, daí em diante em número superior a quintas em cerca de quarenta países algumas das quais já antigas. (Op. Cit., 2012, p. 129)

Por fim, é possível ainda identificar que a nova onda dos museus é a de se ressignificar, acreditando que as exposições possuam uma carga ideológica. Portanto, cabe

aos educadores trabalhá-las de alguma forma. Poulot acredita que essa é a mola propulsora para não deixar os espaços museais morrerem e aproximarem camadas sociais que não se identificavam com o determinado espaço.

A elaboração das atividades recreativas é comprovadamente um elemento apropriado para impulsionar o Solar e se enquadrar nas demandas atuais da nova museologia. A cartilha foi elaborada para aproximar o espaço museal de questões sociais vigentes na realidade escolar apresentada em Tupã.

No Brasil, assim como na Europa, as necessidades museais também são expressas em artigos científicos e em debates acadêmicos em vários campos disciplinares. O Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG, em parceria com o SESC (Serviço Social do Comércio), por exemplo, também vê a emergência da ressignificação dos museus como uma forma de torná-los mais atrativos e inclusivos. O caminho adotado pelos pesquisadores é o de estabelecer relações entre os museus e a educação para o lazer. Partindo do pressuposto de que o lazer é elemento cultural socialmente construído, os autores observam na prática de atividades lúdicas em museus uma ferramenta importante para a integração social. Na proposta da mesa temática “Lazer, museus e ações educativas: reflexões e desafios no sentido de ampliar esta articulação” presente no 25º ENAREL - Encontro Nacional de Recreação e Lazer, informa-se que:

[...] nos espaços museais, pode ser desenvolvido um processo educativo no qual o sujeito não tem a obrigação, seja por regras ou leis, de aprender algo. Percebemos que os museus vêm sendo caracterizados como locais que possuem uma forma própria de desenvolver sua dimensão educativa. E, cada vez mais, visualizam o lazer como uma, das muitas, ferramentas para uma educação considerada não formal, sendo um lugar capaz de interagir com os sujeitos, favorecer a participação social e promover a democratização e a cidadania. Nessa conjuntura, a relação museu-escola traz a ideia de um espaço de encontro, um espaço de debate, que não possui produtos acabados, que se comunica e se transforma, visto que o museu já é um espaço de educação e lazer por si mesmo. (ENAREL, 2013, p.5)

Percebe-se que os anseios por aumentar as áreas de influência e incluir um público que havia sumido dos museus é uma pauta vigente também nos debates sobre a questão do espaço museal. Para isso, as ideias de dessacralização e ressignificação das exposições devem ser problematizadas por meio de atividades lúdicas.

A ludicidade associada às ações museais possibilita ampliação da atuação desse espaço na dinâmica social. Através da ludicidade, o museu pode ser ressignificado, colaborando com a participação social, podendo ser um elemento capaz de integrar

diversas faixas etárias. Afinal, as práticas culturais não são lúdicas em si mesmas, elas são construídas na interação dos sujeitos com a experiência vividas [...]

Com isso, não se pode descartar que, em muitos casos, instituições educativas buscam, através do lazer, formar sujeitos criativos, autônomos e conscientes de si e do mundo (Op. Cit, 2013, p.5).

A cartilha elaborada se torna, então, o elo perfeito para os anseios das novas abordagens que a museologia tanto clama. Trabalhar com o lúdico demonstra ser essencial e é uma forma válida para captar a atenção do aluno, garantindo um aprendizado eficiente sobre variados assuntos que vão além da exposição museal.

A relação do lúdico com o museu foi estudada pela museóloga portuguesa Maria José Miguel Messias. Ela enfatiza a importância do evento lúdico para o aprendizado dos alunos. A autora ainda fala de todos os aspectos possíveis que envolvem a relação da “evolução” do aprendizado infantil com as várias características e contribuições que as atividades lúdicas trazem para o aprendizado<sup>53</sup>.

O lúdico permite às crianças explorarem os seus limites e gradualmente expandi-los. Nas suas brincadeiras as crianças testam as suas capacidades e assunções acerca delas próprias, dos outros e do mundo, elaborando um conjunto flexível de respostas para os desafios que encontram, ajustando ou confirmando assim as assunções e teorias, num processo que envolve a curiosidade e a criatividade. (MESSIAS, 2004, p.17)

Por fim, nota-se que o aspecto lúdico do aprendizado foi de extrema relevância para a criação das atividades dentro do produto “Patrimônio e Educação: O Solar Luiz de Souza Leão (Tupã-SP) em sala de aula”. Nela buscou-se a interação de outros objetos e outros elementos que vão além da narrativa que a exposição oficial do museu propõe. Para isso, por meio de atividades que envolvem a ideia do lúdico e da recreação como forma de aprendizado, foram buscadas algumas linhas de orientação a elaboração. A primeira delas foi a ideia de criar um produto acessível e que fosse de fácil entendimento, para que nenhuma atividade ficasse com dúvidas.

Para que isto ocorresse, foram utilizados vários elementos facilitadores dentro do plano de elaboração das atividades da Caixa de História, são eles: quadro de dicas de execução, quadro de explicação das atividades, elementos necessários para a execução das tarefas, procedimentos e explicações de conceitos utilizados, índice de atividades e dicas de

---

<sup>53</sup> Este importante trabalho é feito pela USP no Museu MASP em São Paulo, por meio do lúdico, o Projeto MEL (Museu, Educação e Lúdico), cuja intenção é levar a arte para alunos de escolas. **Museu, Educação e o Lúdico**. Disponível em: <http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/mel/mel.asp>. Data de Acesso: 15 de maio de 2018.

leitura para o professor orientador. A título de exemplo, pode-se observar a atividade seis (6) do caderno de atividades do professor, intitulada: “Além dos muros do Solar: um tour ao centro Histórico de Tupã”. No início de cada atividade há um breve texto sobre o que será feito, contendo, inclusive, um histórico e uma pequena problematização sobre o exercício ali praticado.

A introdução ao exercício é necessária, pois acredita-se que as atividades possam se tornar ferramentas muito práticas, exigindo o mínimo de carga sobre a História de Tupã, visto que o quadro explicativo que elas apresentam trará todas as informações necessárias além das contidas no capítulo “Tupã: breve História”.

Este capítulo introdutório foi criado para familiarizar o leitor com a História de Tupã e com o conteúdo que irá se trabalhar na cartilha. Ali os principais conceitos são abordados, permitindo-se a consulta sempre que necessária. Além disso, marcadas sempre por fontes em itálico, as dicas são importantes referenciais para aquilo que será executado, contendo elementos que podem auxiliar o professor a executar as tarefas ou trazendo atividades e exercício alternativos a serem utilizados. É possível observar que as dicas, no caso da atividade seis (6), estarão situadas ao longo do texto para que o conteúdo desta não fique deslocado.

Destacado na página, há a apresentação dos materiais necessários para a execução do exercício. Todas as atividades estão indicadas por meio de envelopes, estes, por sua vez, têm seus conteúdos salvos em um site e são acessados por meio do QR CODE que irá junto com a cartilha e estarão disponíveis online para serem baixados e impressos.

A montagem da caixa é bem simples e recomenda-se utilizar uma caixa em que caibam os envelopes todos sem dobrá-los.

Figura 21: Atividade 6 da cartilha.

## Atividade 6: Além dos muros do Solar. Um tour ao centro Histórico de Tupã.

Nos planos de construção do município de Tupã, Souza Leão escolheu um ponto privilegiado para ser sua residência. Em um quarteirão de 2000 m<sup>2</sup> a residência foi construída em alvenaria. Próxima a ela encontra-se a histórica Praça da Bandeira. Ponto de encontro de diversas atividades culturais, a praça apresenta ainda aspectos arquitetônicos que já se foram de outras épocas.

A própria arquitetura da praça sofreu alterações conforme os planejamentos urbanos foram acontecendo.

E foi pensando nestas alterações que esta atividade foi pensada.

*Dica: Previamente peça autorização dos pais para andar com os alunos na rua. Leve sempre auxiliares e coloque monitores para ajudar a cuidar das crianças na hora de atravessar ruas!*

### Para essa atividade:

Envelope 6:

Fotos antigas com mapas e patrimônios presentes na praça.

### Objetivos específicos:

- ❖ Fazer um tour pelos pontos turísticos da praça.
- ❖ Reconhecer patrimônios antigos e situá-los no tempo.

### Habilidades a serem desenvolvidas:

Para esta atividade, o aluno irá:

- ❖ Leitura de mapa e localização espacialmente e geograficamente

Busque fazer da atividade a mais interessante possível instigando os alunos a procurarem por locais referenciados pelas fotografias. Assim, o aluno conseguirá se localizar geograficamente.

Fonte: Acervo do autor

Por fim, apresentam-se os principais objetivos e habilidades que deverão ser trabalhados na proposta de atividade, juntamente, para que não haja nenhum equívoco quanto aos materiais a serem utilizados. Há uma lista dos materiais a serem utilizados em escala de miniatura para que não fique um material demasiadamente extenso e pouco atrativo.

Sabendo das necessidades e da falta de recursos que a Escola Pública sofre, a realização das atividades requer pouco custo. Elas se resumem a folhas de sulfite e materiais impressos, que devem ser previamente preparados.



O intuito destas atividades é o de fazer com que os alunos explorem a exposição além da proposta narrativa original, fazendo com que os alunos sejam instigados a percorrer determinados trajetos e a utilizarem os órgãos dos sentidos a fim de explorar novas experiências e sensibilidades por meio da exposição museológica. Além disso, buscou-se a criação de atividades de fácil realização e que conseguissem prender a atenção de todo o público escolar sem discriminar sexo, orientação, renda ou escola que o aluno possa frequentar, permitindo-o a leitura de sua realidade com um novo olhar.

Para isto, a exposição do Solar é explorada pela percepção que os alunos têm do espaço que estão frequentando. Em consequência, suas percepções serão levadas em consideração no momento de execução das tarefas propostas, ficando a cargo do professor o estímulo para que estas considerações sejam feitas. Para que isto ocorra, as atividades foram pensadas dentro ou nas proximidades do Solar. Pode-se citar, por exemplo, a atividade cinco (5), “Souza Leão, descendente de uma família de portugueses... E nós?” em que, partindo de uma sala com retratos do Solar, os alunos são convidados a pensar no seu protagonismo e no legado que ele e sua família deixaram por meio da elaboração de uma árvore genealógica.

Muitas das fontes utilizadas para a criação das atividades foram extraídas do próprio acervo do Solar. Sendo assim, a idealização da cartilha só se tornou possível graças aos esforços de digitalização de partes do acervo do Solar e do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre. A necessidade de digitalizar se deu pois um dos principais problemas que surgiram com a criação da cartilha foi com relação às fontes documentais, não a escassez destas, mas sim com a disponibilidade deste conteúdo.

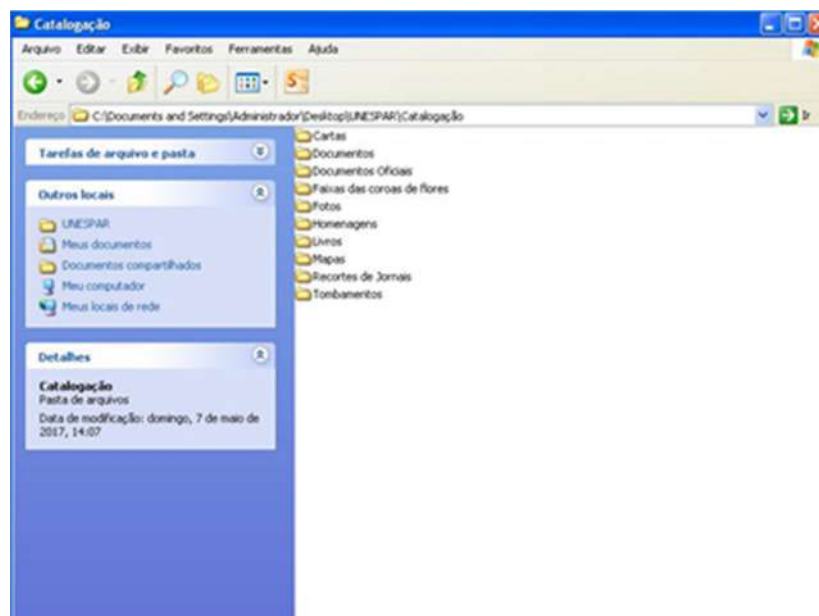
Ademais, por razões pessoais, como a falta de tempo de dedicação para a visita aos centros onde se encontram essas documentações, sentiu-se a extrema necessidade de digitalizar todo esse acervo, mesmo que de maneira amadora. Após longas horas de dedicação no acervo, utilizando apenas como metodologia os conhecimentos obtidos durante o estágio de graduação do autor deste trabalho no CEDAP (Centro de Documentação e Apoio a Pesquisa) da Unesp-Assis, e contando também com o aporte teórico do texto de Pena e Silva sobre digitalização documental e a gestão eletrônica destes, as atividades se iniciaram de forma totalmente amadora, desrespeitando alguns padrões e orientações, o que gerou algumas alterações no tamanho original do documento, por exemplo.

A técnica amadora se deu também devido à falta de suporte financeiro que impossibilitou a aquisição de materiais apropriados para a criação de microfimes ou de aparelhos de scanner. Além disso, não foi possível realizar nenhuma parceria seja ela pública ou privada, visto a emergência da necessidade da digitalização dos documentos.

Levando ainda em consideração a urgência, foram retiradas cerca de 1200 fotos que englobam desde simples bilhetes até fotografias e recortes de jornal, visto que: “A Escolha dos documentos a serem digitalizados é feita através de critérios que favorecem a praticidade do serviço e desperte o interesse de pesquisadores” (PENA, 2008, p.91).

Após a retirada das fotos, foi realizado um minucioso curamento das imagens com retoques de luminosidade e cortes de arestas e dos suportes utilizados para a digitalização. Somente após ter recortado todas as fotos, estas foram devidamente divididas, agrupadas e classificadas. Deste modo, os arquivos foram classificados por subáreas, como pode-se notar na figura vinte e dois (22).

Figura 22: Pasta de Catalogação



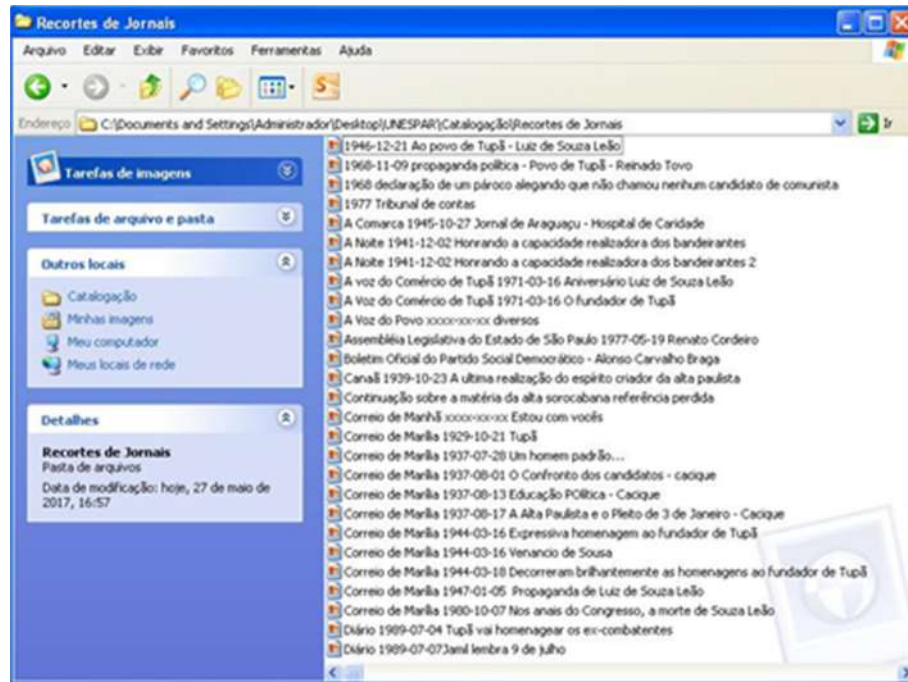
Fonte: Acervo do autor

A escolha dos grupos seguiu uma análise documental cujos critérios foram estabelecidos após a leitura dos conteúdos, afim de facilitar a localização documental. Quando possível, a imagem (.jpg) foi arquivada na seguinte ordem:

Nome do documento, data (ano, mês e dia), autor e breve descrição.

Quando uma determinada informação não era encontrada, tomou-se a liberdade de inserir a letra X no local, para que essa informação, caso solucionada, seja devidamente preenchida no futuro.

Figura 23: Arquivamento dos arquivos.



Fonte: Acervo do autor

O conteúdo foi entregue ao Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuire e jogado na “nuvem” do Google Drive. O ato de disponibilizar ao público tem como intenção abrir caminho para novos pesquisadores. Além disso, permitir o livre acesso promoverá os trabalhos acadêmicos futuros. O projeto buscará também abrir as possibilidades para a realização de parcerias com jornais e com a Prefeitura Municipal e fazer com que o acervo seja alimentado e mantido como um centro digital de pesquisa.

Percebe-se que um espaço museal é um terreno fértil para a educação infantil. Todavia, para que atividades sejam aplicadas, é necessária uma adequação à narrativa dos espaços de memória que foram frequentados. A Educação Patrimonial vem justamente na intenção de trazer inovações museais que a Nova Museologia leva por meio de adequações da exposição e da aplicação de atividades que trazem novas visões para a exposição museológica. Esta exposição também pode ser problematizada no âmbito escolar, transformando o Espaço Museal em um locus de múltiplos aprendizados.

Acredita-se que a educação patrimonial seja o caminho para uma leitura efetiva das diferentes realidades que rodeiam os alunos. Ao ser possibilitado de enxergar sua realidade com outros olhos, crê-se que o aluno ressignifique todo o contexto social em que ele está inserido, assim como entende-se que trabalhar com uma abordagem diversificada da proposta original do Solar possibilite ao aluno desconstruir certos paradigmas da sua realidade, permitindo que este se sinta protagonista da própria realidade e apto a ler a sua cidade e o ambiente que o cerca por meio de outros olhos, olhos críticos e treinados que não

se acostumam com o senso comum. A produção de uma cartilha pedagógica com a aplicação de atividades para serem utilizadas com a Caixa da História foi ideal pela aplicabilidade dos conceitos trabalhados nesta dissertação museu-casa.

Todo trabalho só foi possível com a digitalização do acervo pessoal de Souza Leão, dos documentos que constam fechados ao público no próprio Solar e do acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre. Mesmo contando com poucas técnicas de digitalização, foi feito o escaneamento amador do acervo e seu conteúdo foi entregue às autoridades responsáveis que se comprometeram a disponibilizá-las para o público e para futuros pesquisadores que desejem promover a pesquisa com tais fontes.

Partes do trabalho digitalizado constam e foram usadas como fontes para a dissertação e cartilha. Por meio da problematização deste espaço museal pelas atividades lúdicas que transcendem a proposta original da exposição, a cartilha tem como intenção promover no jovem a ideia de protagonismo histórico e fazer com que ele leia sua realidade por meio de outros olhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por diversas vezes a dissertação levou ao questionamento sobre o que os monumentos tupãenses revelam e ocultam aos habitantes da região. Estas mensagens são decodificadas e assimiladas cotidianamente pelos cidadãos e estudantes que passam pelo Centro Histórico de Tupã. Com ruas e praças estrangulando outras versões, os monumentos não deixam espaço para narrativas adversas. A intenção desta dissertação foi a de levar para a sala de aula práticas que incentivem uma leitura diferenciada destes monumentos com os quais os jovens tupãenses e da região da Alta Paulista convivem.

Muito desta narrativa que é emanada pelos patrimônios se consolidou pela aparência distinta de uma personalidade regional. Esta imagem foi criada principalmente pelo próprio Luiz de Souza Leão e por outras pessoas que, juntamente com as obras do centro de Tupã, geraram um cosmos de ser tupãense e bom cidadão.

Para isso, viu-se que ele nutriu sua imagem com argumentos que retomam as suas experiências de vida, tecendo uma narrativa de si com a narrativa sobre a cidade. Desse modo, a história criada continua vigorando como a única e verdadeira fonte da história de Tupã. Um dos *locus* principais desta narrativa recaiu sobre sua residência. A casa foi feita em pleno momento de crise e escassez mundial de recursos dos anos 1930. Souza Leão fez de tudo para que sua casa demonstrasse sua força econômica. A título de exemplo, não se importou em trazer azulejaria portuguesa ou com a construção em tijolos. A casa, que na época era pouco receptiva a visitantes, era coração pulsante de toda a carga ideológica que vinha da construção de si.

Ao falecer, as obras do fazendeiro se tornaram propagadoras daquilo que ele narrava. Seu principal livro, um testemunho do surgimento de Tupã, publicado em 1968, ainda é dado como o principal atestador da criação da cidade, o plano de loteamento da Empresa de Melhoramentos da Alta Paulista também permaneceu perpetuado como o marco inicial de uma cidade erguida em meio à mata. Assim, imigrantes, colonos e indígenas que já eram vagamente lembrados nas letras da história de Tupã, são selados no esquecimento.

Por capricho do dono, sua residência se tornou local de memória e o seu corpo foi enterrado no quintal da própria casa, isolado dos túmulos comuns. Deste modo, Souza Leão se torna mais que uma pessoa, se torna um ritual, uma celebração que ocorre até os dias de hoje.

Ao analisar a narrativa autobiográfica do fundador problematizou-se aqui sua construção de si, deparando-se assim com os pilares desta escrita. Também foi essencial a

contribuição de outras vozes, como a do jornalista Pio de Almeida e dos veículos de imprensa que, com os discursos oficiais, fortaleceram a narrativa “oficial” sobre a história do município.

Aquilo que se tornou fato aos olhos do cidadão comum, permaneceu como dúvida aos pesquisadores que se ocupam em estudar o tema. O olhar crítico sobre a narrativa revela incongruências, lacunas e se torna perceptível e forte o viés ideológico e manipulador desta construção da narrativa autobiográfica. O desenvolvimento desta dissertação possibilitou, desta forma, a percepção de como esta estrutura foi montada e alimentada ao longo da vida de Souza Leão, além disso, de como ela é nutrida até os dias de hoje por meio das mídias sociais e oficiais, das memórias das testemunhas oculares e dos monumentos edificadas pelo próprio patrono que, comumente, tem sua memória evocada em atos cívicos ou festivos da cidade. Outrossim, olhar pelo viés crítico possibilitou levar todo este debate para a sala de aula.

Sob esta perspectiva, pode-se perceber como a força patrimonial é relevante como fato verificador dos eventos e da narrativa “oficial”. Isto se torna tão evidente que extinguiu qualquer tipo de releitura destes eventos históricos.

Partindo da premissa de que a história de Tupã e os discursos oficiais sobre a história local podem e devem ser trabalhados por professores de História, por professores de outras disciplinas e por educadores em museus, a escrita dos capítulos da dissertação foi trilhada com o objetivo de mostrar que a releitura de um espaço museal por meio da problematização e desconstrução das ideias se torna fácil.

Para isso, o leitor é familiarizado com os aspectos e dados mais triviais da cidade de Tupã, da sua historiografia e das ideias que constituem a história oficial do município. O foco geral se baseou na seguinte questão: como a personalidade de Souza Leão foi nutrida por obras e feitos pela cidade? E como estas corroboraram para sufocar outras versões sobre o surgimento do município? Viu-se que o conceito de cidade é múltiplo e permitiu indagação de que ele fora construído de maneiras diferentes ao longo da história. Buscou-se, deste modo, a escassa bibliografia sobre a história do município para tentar demonstrar os fragmentos de outras possíveis versões históricas.

Fadadas ao fracasso, essas vozes foram caladas por monumentos como a calçada em pedra portuguesa com formato de leão, as placas nas ruas, os nomes indígenas das ruas e também pelos vários relatos de seus amigos que eram publicados nos jornais e que acabaram por dar credibilidade a aquilo que foi narrado.

Nesta obra, acredita-se que o Solar é o detentor desta grande carga ideológica, por isso descreveram-se os aspectos que constituem o espaço da residência, assim como os trâmites

para transformá-la em espaço museal e da batalha para conseguir os alvarás necessários para o sepultamento em sua residência.

O leitor é apresentado também a outro *locus* de carga ideológica do Solar. Totalizando mais de 1500 recortes, o acervo documental de Souza Leão, infelizmente, se encontra fechado e é composto de recortes de jornais, cartas arquivadas, memorandos, fotografias e outros objetos do gênero.

Graças à autorização prévia da prefeitura, foi concedido o acesso a todos os documentos existentes no Solar. Após uma análise profunda de uma coleção praticamente inédita, foi demonstrado o lado político e ideológico do morador do Solar, que alimentou a sua intenção de narrativa. Diante desta plêiade de abordagens que o acervo fechado possibilitou, foi necessária a busca do aporte teórico para a compreensão de como uma personalidade e sua narrativa nutriram a ideia de “Homem-Monumento”, ou seja, a figura de um homem público. Buscou-se conhecer como sua memória se tornou ritualizada. Para isso, houve embasamento nos aportes teóricos para demonstrar que coleções são narrativas e representações que são perpassadas para um público, anulando outros tipos de vozes contrárias.

Além disso, viu-se que é rico o campo a ser explorado dentro do Solar. Porém, com a ausência de medidas educativas atuais, toda essa potencialidade se desvanece. Desse modo buscou-se, após ter sido feito o devido embasamento, trabalhar a questão de como utilizar todo este levantamento conceitual no ambiente escolar, visto que os dados educacionais no Brasil demonstram uma falta de eficácia no ensino e, por consequência, um forte desinteresse pela educação patrimonial.

Para realizar a empreitada de trabalhar com abordagens diferenciadas do Solar dentro da sala de aula, optou-se por uma metodologia eficaz e simples, a Caixa de História, por ser uma metodologia versátil e facilmente adaptável que se demonstrou ideal para a realidade do museu-casa.

A elaboração da cartilha aos moldes da Nova Museologia é o tema central que fecha esta obra. Nele, pode-se perceber que ações educativas em espaços museais é um dos temas em alta nos debates sobre educação e possibilita também compreender que esta Educação Patrimonial tem como objetivo promover o conhecimento dos alunos sobre os patrimônios que o cercam, apertando os laços existentes entre a comunidade e o patrimônio.

Todo o preparo da cartilha “Patrimônio e Educação: O Solar Luiz de Souza Leão (Tupã-SP) em sala de aula” foi pensado a partir da ideia de incentivar o desenvolvimento da consciência histórica e patrimonial dos alunos. Por meio das atividades lúdicas, que são

executadas dentro e fora dos muros do Solar, os alunos são convidados a lerem o mundo ao seu redor de maneira diferente.

A cartilha pedagógica contribui para trabalhar a valorização do aluno, fazendo com que ele se sinta apto a perceber o seu protagonismo histórico, e que, por meio da educação patrimonial, seja possível levar novas abordagens e conhecimentos múltiplos ao aluno.

Enquadrar o Solar na Nova Museologia foi um dos maiores desafios desta dissertação. Devido ao fato de o Solar e sua exposição não serem manipuláveis, pois estão enquadrados no Decreto-Lei nº 2978, outorgada em 23 de fevereiro de 1981, decorrente da lei nº 2 de 11 de fevereiro de 1981, conseqüentemente, a exposição não pode ser alterada em momento algum. Desse modo, todo o desenvolvimento das ações pedagógicas teve que driblar a lei sem feri-la.

Com efeito, o Solar se tornou *locus* privilegiado para se trabalhar a ideia de valorização do aluno e dos espaços que eles habitam dentro da cidade, visto que, por meio da exposição, o jovem é levado a refletir sobre si e sobre o modo que ele constrói sua narrativa histórica, tudo isso por meio de atividades lúdicas que estimulam o aluno a se sentir pertencente ao ambiente em que ele vive.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. Desafios da relação museu-escola. **Comunicação & Educação**, Brasil, v. 3, n. 10, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4369/4079>. Acessado em 23 nov. 2016.
- ANSART, Pierre. **Ideologias, conflitos e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ARÉVALO, Márcia Conceição da Massena. **Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto**, 2004. Disponível em: <http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol3n7/marcia.htm>.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>>. Acesso em: 20 Mar. 2017.
- AZZI, Riolando. **A igreja católica no Brasil durante o Estado Novo**. Síntese, vol. VII, n.º 19, p. 49-71, 1980.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 4ª. Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002
- BAUER, Letícia Brandt. **O homem e o monumento: criações e recriações de Rodrigo Melo Franco de Andrade**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. 2015.
- BORTOLOZZI, Arlêude. Patrimônio cultural em território urbanizado e a reconstrução das cidades contemporâneas: caminhos e possibilidades da educação patrimonial. **Diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales**, 1999-2008. Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica, Universidad de Barcelona, 26-30 de mayo de 2008. <<http://www.ub.es/geocrit/-xcol/157.htm>> Acessado em: 20 de Jul. de 2017.
- CRUZ, Leonardo O. **Grupos étnicos e identidade: a conquista pela diferença entre os índios kaingang e krenar do posto indígena vanuíre no oeste de são paulo**. I Simpósio Lutas Sociais na América Latina. UEL. 2006.
- E SILVA, Almir de Paula. A educação patrimonial por meio das edificações históricas de Ribeirão Preto. **Revista Memorare**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 20-33, jul. 2015. ISSN 2358-0593.

Disponível

em:<[http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare\\_grupep/article/view/3028](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/3028)>  
 . Acesso em: 19 nov. 2018

DELGADO, Andréa Ferreira. **Museu e memória biográfica: um estudo da Casa de Cora Coralina**. Sociedade e Cultura, vol. 8, n. 2. UFG, 2005.

FERNANDES, Antônia Terra de Calazans. **Como Eu Ensino - História das cidades brasileiras**. 1. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012. v. 1. 144p.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **As Cidades Ilegíveis**. p. 61- 80. In: DEL RIO, Vicente. OLIVEIRA, Livia. (org.) – **Percepção ambiental: a experiência brasileira** – São Paulo: Studio Nobel: São Carlos-SP. 1996.

FERREIRA, Marieta Moraes. **Por um novo ensino de história: os desafios dos anos 1950-60**. In: ROCHA, Helenice. MAGALHÃES, Marcelo. GONTIJO, Rebeca. **O Ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado**. Rio de Janeiro. FGV Editora, 2015. P. 141-162.

FIGUEIRA, Cristina A. Reis. **O trabalho docente com a educação patrimonial: Conceitos e práticas nos ensinos fundamental I e II**. XXVIII Simpósio Nacional de História - Florianópolis 2015.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio**. Rio de Janeiro, 2007

JOVIANO, Carlos V. Martins. O Colono e o Índio na ocupação da Nova Alta Paulista. **Revista Científica ANAP Brasil**, V. 4, n.4, jul. 2011, p. 42-51.

LE GOFF, J. **Por amor às cidades**. São Paulo: UNESP, 1988.

LEÃO, Luiz de Souza, **A Fundação de Tupã**. Tupã, 1968.

LIMA, Airton Souza de. **Vítima do ódio: a militância comunista e as lutas camponesas no interior paulista**. 2010 [i.e. 2009]. 147 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2010 [i.e. 2009].

MAEDA, Ritochi Elton. **Centro de Educação e Artes: A requalificação do Antigo Mercado Municipal de Tupã**, Unesp, Presidente Prudente, 2011.

MAKOWIECKY, Sandra. **Representação: a palavra, a ideia, a coisa**. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis, v. 57 2003.

MORAES, F. **Corações Sujos**. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2000.

OLIVEIRA, C. H. L. S. **Museu Paulista: espaço celebrativo e memória da Independência**. In: Maria Stella Bresciani e Márcia Naxara. (Org.). Memória e (res) sentimento. 2a.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, v., p. 197-222

PENA, M.G; SILVA, A.C. A Digitalização de documentos históricos e a gestão eletrônica de documentos para disponibilização on line. In: **Saber digital**. Revista Eletrônica do CESVA/, Valença, v. 1, n. 1, p. 85-102, mar./ago. 2008.

POMIAN, Krzysztof. **Colecção**. Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984.

POULOT, Dominique Museu e museologia. Belo Horizonte: Autêntica Editora 2012.

ROCHA, Helenice. Caixa de história local: questões na relação Universidade escola. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, natal. **XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social**. Natal-RN: Universidade Federal do rio Grande do Norte, 2013. p. 1-15.

\_\_\_\_\_. Caixa de História Local: Criação e recriação na prática docente. In: XVI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2012, Campinas. **XVI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Didática e práticas de ensino na realidade escolar contemporânea: constatações, análises e proposições**. Araraquara: Junqueira&Marin Editores, 2012.

SANTOS, Corcino Medeiros. **Arrolamento das Fontes Históricas de Tupã (SP)**. In: Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História – ANPUH. Goiânia. Setembro de 1971.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Construindo conceitos no Ensino de História: "A captura lógica" da realidade social**. História Ensino, Londrina, v. 5 p. 147-163, out. 1999

SIBILIA, P. **O show do eu – a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

DA SILVA, Michel Platini Fernandes; LISBOA, Pablo Fabião. **Histórias sobre coisas e pessoas: Coleção e colecionismo em Krzysztof Pomian e Jean Baudrillard**. IV Congresso Sergipano de História e IV Encontro Estadual de História da ANPUH/SE. 2014

SILVA, Paulo José. **Os Construtores da torre de Babel**. 2000.

STANISZEWSKI, Tânia F. Moura. **Museu como Patrimônio Histórico: Possibilidade para o ensino de História Local**. O Professor PDE E os desafios da Escola Pública Paranaense. v01. Secretaria de Estado da Educação. 2010.

TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história. **Antíteses**, vol. 3,n.6, jul.-dez. de 2010, pp. 743-758.

VASCONCELOS, P.A. **As Metamorfoses no Conceito de cidade**. Mercator, Fortaleza, v. 14, n. 4, Número Especial, p. 17-23, dez. 2015.

VIDAL, F.L.K.; MARANDINO, M. **Identificando objetos em destaque em museus para análise de seu potencial educativo no ensino e a aprendizagem de ciências**. In: X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2015, Águas de Lindoia. Atas do X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências? X ENPEC, 2015.

VIZELLI, Arlindo. Et al. **Tupã: Depoimentos de uma cidade**. Tupã. Gráfica & Editora Multi-Gráfica, 2004. P. 373.

## FONTES

ACESSORIA DE IMPRENSA. **Homenagem ao fundador Souza Leão será realizada amanhã.** Tupacity. 20 de setembro de 2017. Disponível em: <http://www.tupacity.com/?b=73650> Data de acesso: 21 de setembro de 2017.

**Aniversário da fundação de Tupã.** 12 de outubro de 1965.

BARTSH, Adolpho Engracia. **Solar Luiz de Souza Leão - Bosque.** [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida pelo prefeito municipal, em 13 de janeiro de 1995, carta.

Decreto nº 3.131 de 24 de novembro de 1982.

FERRI, Thiago. **O Desbravador enterrado no Quintal.** Publicado em: 04/04/2016. Disponível em: <http://circuito.sescsp.org.br/2016/tupa-o-desbravador-enterrado-no-quintal/>. Data de Acesso: 31 de out. de 2016.

Folha do Povo. **Um agradecimento póstumo.** 23 de setembro de 1980.

**Foto da Almerinda, esposa de Luis de Souza Leão, já está em exposição no Solar.** 2013, Retirado de: <http://www.tupanoticias.com.br/site/noticias/ver/noticia/3012/foto-de-almerinda-esposa-de-luis-de-souza-leao-ja-esta-em-exposicao-no-solar>. Data da visitação: 19 de outubro de 2016.

FUENTES, André. **Em ranking da educação com 36 países, Brasil fica em penúltimo.** Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/impavido-colosso/em-ranking-da-educacao-com-36-paises-brasil-fica-em-penultimo/>. Data de acesso: 29 de abril de 2018.

GOUVEA, Irajá. **Restauração e reutilização de prédios tombados: Estudo de caso – Solar “Luiz de Souza Leão” (Tupã-SP),** 2009. Disponível em: <http://arquitetando.xpg.uol.com.br/artigo02.htm> Data de acesso: 20 de out. de 2016.

**História.** Disponível em: <http://www.tupa.sp.gov.br/conteudo/1/2/historia.html>. Data de acesso: 10 de março de 2018.

**Índia Vanuíre.** Disponível em: <https://www.museuindianuivre.org.br/india-vanuivre> data de acesso: 15 de fevereiro de 2018.

Jornal de Tupã. 13 de outubro de 1973 p.1

Jornal de Tupã. Aniversário da fundação de Tupã. 12 de outubro de 1972

Jornal de Tupã, **Domingo de Souza Leão – O Barão de Vila Bela.** 15 de abril de 1972.

**Lazer, museus e ações educativas: reflexões e desafios no sentido de ampliar esta articulação.** In: 25º Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL). 2013. Jacarepaguá - Rio de Janeiro. Mesa 07. Disponível em: <http://www.sescterritoriodeexpressoes.com.br/portal/site/enarel>

**LDB** – Leis de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em março de 2018.

**LEÃO**, Luiz de Souza. Op Cit. pg. 21

**Luiz de Souza Leão.** Gazeta de Tupã 20 de setembro de 1959.

**MARTINS, Alejandra. Cinco dicas para que Brasil saia do fundo de ‘ranking mundial’ de educação OCDE.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38219725> Data de acesso: 28 de abril de 2018.

**MESSIAS, Maria José Miguel. O Lúdico e a Aprendizagem no Museu: as Perspectivas das Crianças sobre as Visitas Escolares às Instituições.** (Dissertação em Museologia) Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia - UFHT. Lisboa Portugal. 96 págs. 2004

**Museu, Educação e o Lúdico.** Disponível em: <http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/mel/mel.asp>. Data de Acesso: 15 de maio de 2018.

**NEVES, Jota. Corrupção administrativa e irregularidades decretam a suposta falência de empreiteira de Tupã-SP.** 2013 Disponível em: <http://jotaneves.com.br/2013/02/corruptao-administrativa-e-irregularidades-em-obras-publicas-levam-ao-fechamento-empresiteira-investigada-pela-cpi-do-espaco-das-artes-em-tupa-sp-mais-informacoes-em-instantes/> Data de acesso: 22 de out. de 2016

**PALHARES, Isabela. Brasil é o 60º colocado em ranking mundial de educação.** Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-o-60-colocado-em-ranking-mundial-de-educacao,1686720>. Data de acesso: 28 de abril de 2018.

**PEDROSO.** Diário de Tupã, 27 de julho de 1956 Ano I Num. 6

**PENA, M. G.; SILVA, A.C. A digitalização de Documentos Históricos e a Gestão Eletrônica de Documentos para Disponibilização On Line.** Saber Digital: Revista Eletrônica do CESVA, Valença, v. 1, n. 1, p. 85-102, mar./ago. 2008

**Petição Pública 1.437/72** de 21 de agosto de 1972.

**PREFEITURA MUNICIPAL DE TUPÃ. Levantamento sobre as árvores do Solar Luiz de Souza Leão.** 13 de janeiro de 1995 pg. 2.

QUIRINO, Thiago. **O que representa o título de Estância Turística?** Publicado em: 10 de abril de 2012, disponível em: <http://jornalmaisnoticias.com.br/o-que-representa-o-titulo-de-estancia-turistica/>.

RÁDIO TUPÃ, **Solar Luiz de Souza Leão necessita de investimentos.** 2004. Disponível em: <http://unisite.com.br/Politica/10265/Solar-Luiz-de-Souza-Leao-necessita-de-investimento.xhtml>. Data de acesso: 19 de out. de 2016.

**SOBRE O MUSEU.** Disponível em: <https://www.museuindiavanuire.org.br/o-museu/institucional/sobre-o-museu>. Data de Acesso: 20 de outubro de 2017.

**Solar Luiz de Souza Leão deve ser reaberto no início de 2012.** 2011. Disponível em: <http://unisite.com.br/Cultura/31006/Solar-Luiz-de-Souza-Leao-deve-ser-reaberto-no-inicio-de-2012.xhtml>. Data de acesso: 21 de out. de 2016

**Souza Leão. Empresa está concluindo obras de restauro.** Publicado em: 29/12/2011. Disponível em: <http://unisite.com.br/Geral/31132/Souza-Leao.xhtml>. Data de acesso: 21 de out. de 2016.

**Solar.** Publicado em: 07/11/2014. Disponível em: <http://unisite.com.br/Geral/38416/Solar.xhtml>. Data de acesso: 22 de nov. de 2016.

**Souza Leão; Solar foi reinaugurado ontem e já recebe a visita da população.** Publicado em: 28 de novembro de 2012. Disponível em: <http://unisite.com.br/Politica/33681/Souza-Leao.xhtml>. Data de acesso: 21 de outubro de 2016.

**Tupã.** Disponível em: <https://www.museuindiavanuire.org.br/o-museu/tupa>. Data de acesso: 09 de março de 2018

**Tupã Perde seu fundador e benemérito.** Jornal da Região, 23-09-1980.

TUPÃ NOTÍCIAS. **Solenidade marcará 34 anos de falecimento do fundador de Tupã.** Publicado em: 16/09/2014. Disponível em: <http://www.tupanoticias.com.br/site/noticias/ver/noticia/3309/solenidade-marcara-34-anos-de-falecimento-do-fundador-de-tupa>. Data de acesso: 21/09/2016. Data de acesso: 15 de ago. de 2016.

TUPÃ NOTÍCIAS. **35 anos da morte de Luiz de Souza Leão.** Publicado em 30/09/2015. Disponível em: <http://www.tupanoticias.com.br/site/noticias/ver/noticia/5588/35-anos-da-morte-de-souza-leao-fundador-de-tupa>. Data de acesso: 20 de out. de 2016.

TUPÃ CITY. **Tupã pode perder o título de Estância Turística por conta dos cancelamentos de eventos em 2016.** Publicado em 06/01/2016, disponível em: <http://www.tupacity.com/?b=53066>. Data de acesso: 15 de ago. de 2016.

**ACERVO CONSULTADO.**

Acervo da Rádio Tupã.

Acervo do Solar Luiz de Souza Leão.

Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre.

Arquivo do Solar Luiz de Souza Leão.

Arquivo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre.

Jornais de Tupã ativos e inativos.



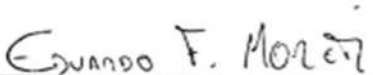
## ANEXO 1 – Licença de uso de publicação e utilização dos direitos autorais.

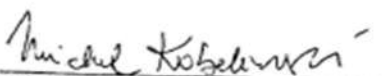
### LICENÇA DE USO DE PUBLICAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE DIREITOS AUTORIAIS

Pelo presente instrumento MICHEL KOBELINSKI, RG. n. 16829506 CPF n. 5449750900, nacionalidade: brasileira, estado civil: casado residente e domiciliado em União da Vitória, professor da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campi de Campo Mourão, Mestrado Profissional de Ensino de História (ProfHistória), União da Vitória, Curso de História, Estado do Paraná, e seu orientando no Prof.História (Campo Mourão), LUIS FELIPE SANCHES, graduado em História pela Unesp-Assis, pós graduado em História do Brasil e Ensino de História pela UCAM-PROMINAS, Mestrando em Ensino de História pela UNESPAR / Campo Mourão-PR, pelo programa Prof História. RG. n. 44.867.593-6, CPF n. 332b566548-94, nacionalidade: brasileiro, estado civil: Solteiro, residente e domiciliado em Tupã-SP, do Projeto de Pesquisa, cujo título provisório é *Patrimônio, Educação Patrimonial e a Nova Museologia: uma proposta pedagógica para o Solar Luiz de Souza Leão (Tupã-SP)*, e o Sr. JOSÉ RICARDO RAYMUNDO, na condição de PREFEITO DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE TUPÃ, representando o SOLAR LUIZ DE SOUZA LEÃO (Tupã-SP), têm, entre si, como justo e contratado, na melhor forma de direito, a LICENÇA DE USO dos direitos autorais (de imagens, sons ou textos), a exclusividade de edição, impressão e publicação, bem como a sua veiculação em meio audiovisual ou qualquer outra forma de mídia em língua portuguesa, ou outro idioma, sem qualquer prerrogativa de ônus financeiro ou indenizatório ao executor e à instituição acima nominada dos seguintes materiais: ARQUIVO DOCUMENTAL DO SOLAR LUIZ DE SOUZA LEÃO obtido(s) (lugar(es), evento(s), c data(s) especificada(s)-

A veiculação dos referidos materiais de divulgação na internet será feita por LUIS FELIPE SANCHES, que em seguida, ao fim do projeto, encarregar-se-á de passar o total controle e gerenciamento dos referidos suportes de informação aos técnicos/gestores do SOLAR LUIZ DE SOUZA LEÃO. E por estarem as partes em pleno acordo com o disposto neste instrumento, assinam-no na presença de duas testemunhas abaixo, em duas vias de igual teor e forma, destinando-se uma via para cada uma das partes dispostas neste instrumento.

  
 JOSÉ RICARDO RAYMUNDO  
 Prefeito da Estância Turística de Tupã

  
 Eduardo F. Moron  
 testemunha

  
 MICHEL KOBELINSKI/professor  
 UNESPAR, Campo Mourão/União  
 Da Vitória

  
 testemunha

Estância Turística de Tupã, 24 de 01 de 2017.

## **ANEXO II – QR CODE de acesso aos documentos.**

Link de acesso aos documentos da cartilha: <https://goo.gl/vP7dkg>





## Atividade 2: A(s) Múltipla(s) História(s): Vozes silenciadas e Agentes da História.



Fonte: Foto retirada da comunidade do facebook Memórias de Tupã II (Pessoas)



Fonte: Foto retirada da comunidade do facebook Memórias de Tupã II (Pessoas)



Fonte: Foto retirada da comunidade do facebook Memórias de Tupã II (Pessoas)



Esquina da avenida Tamoios com a rua Aimorés em Tupã (SP) na década de 1950, com a primeira rodoviária e o posto Cacique ao fundo, ambos já demolidos para a construção do Bradesco e Banco do Brasil - Foto de Janis Erdbergs

Fonte: Foto retirada da comunidade do facebook Memórias de Tupã II (Pessoas)



Fonte: Foto retirada da comunidade do facebook Memórias de Tupã II (Pessoas)



Fonte: Foto retirada da comunidade do facebook Memórias de Tupã II (Pessoas)



Fonte: Foto retirada da comunidade do facebook Memórias de Tupã II (Pessoas)



Fonte: Foto retirada da comunidade do facebook Memórias de Tupã II (Pessoas)



Fonte: Foto retirada da comunidade do facebook Memórias de Tupã II (Pessoas)



Fonte: Foto retirada da comunidade do facebook Memórias de Tupã II (Pessoas)



Fonte: Foto retirada da comunidade do facebook Memórias de Tupã II (Pessoas)



Fonte: Foto retirada da comunidade do facebook Memórias de Tupã II (Pessoas)



Fonte: Foto retirada da comunidade do facebook Memórias de Tupã II (Pessoas)



Fonte: Foto retirada da comunidade do facebook Memórias de Tupã II (Pessoas)



Fonte: Foto retirada da comunidade do facebook Memórias de Tupã II (Pessoas)



Fonte: Foto retirada da comunidade do facebook Memórias de Tupã II (Pessoas)

Elementos Relevantes a Narrativa	Elementos Secundários a Narrativa

### Atividade 3: Bingo!



Estas questões serão utilizadas para a realização do Bingo Histórico no Solar. Após o sorteio, faça o número correto da questão e peça para os alunos marcarem a resposta que eles julgarem correta em suas cartelas.

- 1.) Qual é a palavra que significa a variação sobre a vida de uma pessoa? Autobiografia
- 2.) Qual sobrenome da Família dos Deuses desta casa? Souza Leão
- 3.) Qual é o nome do estado onde nasceu Souza Leão? Pernambuco
- 4.) Qual é o nome da terra ou cidade de origem que dizem virão da família? Solar
- 5.) Onde nasceu Souza Leão? Engenho de Morenos
- 6.) Tudo atribuído a Souza Leão por ter sido um dos primeiros a fundar a cidade de Tupã? Fundador
- 7.) Falso ou Verdadero? Tupã surgiu graças a expansão do café no início do Século XX? Verdadero
- 8.) Falso ou Verdadero? Tupã foi fundada próximo da Alta Paulista? Falso
- 9.) Nome da Empresa pertencente a Souza Leão pertencente em 1932? Revolução Constitucionalista
- 10.) Qual é o ano de nascimento de Souza Leão? 1780
- 11.) Qual é o ano de nascimento de Souza Leão? 1901
- 12.) Museu fundado por Souza Leão no terreno de sua casa em 1964? Museu Índia Vinte e Nove
- 13.) Qual é o nome da empresa responsável pela fundação de Tupã? Melhoramentos da Alta Paulista
- 14.) Cidade de onde parte Souza Leão antes de vir morar em Tupã? Marília
- 15.) Étnia dos indígenas que habitavam a região onde surgiu Tupã? Kaingang
- 16.) Profissão do dono do Solar? Fazendeiro

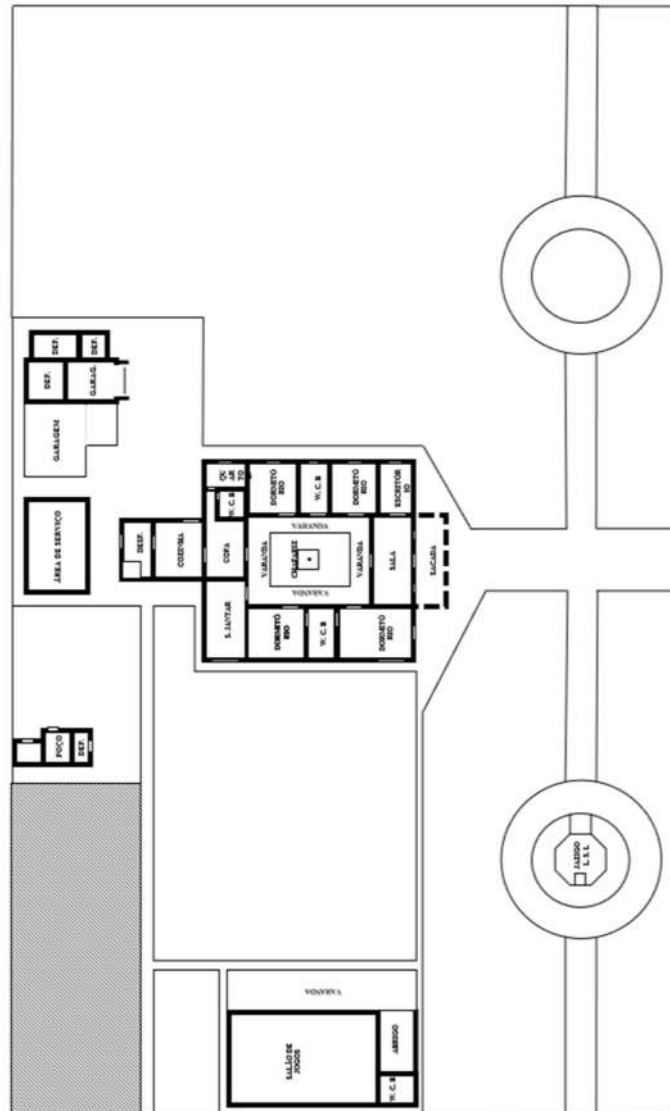
1	2	3	4
5	6	7	8
9	10	11	12
13	14	15	16



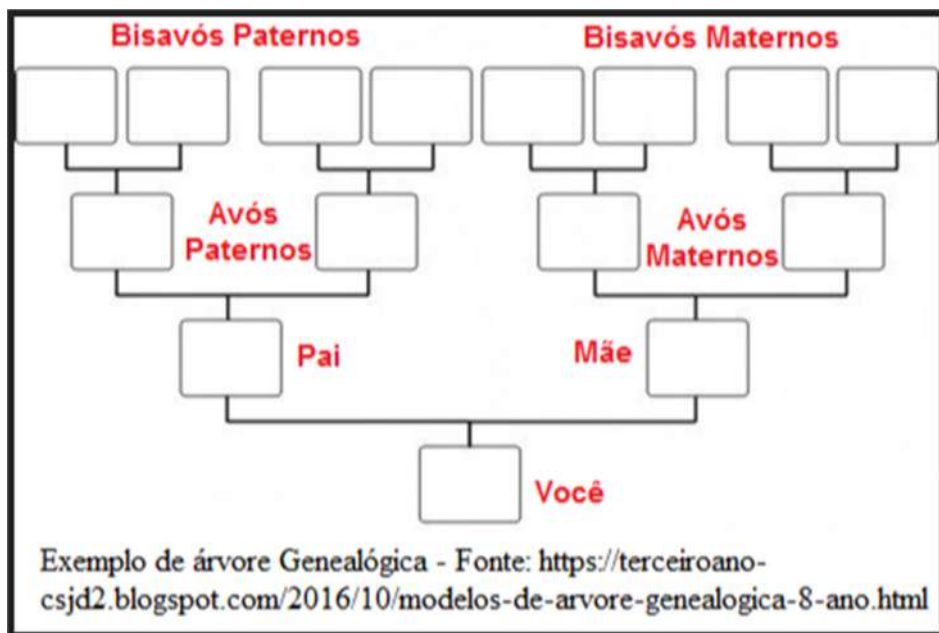


**Atividade 4: As árvores históricas de Souza Leão como um jardim sensorial.**

**PLANTA BAIXA DO SOLAR LUIZ DE SOUZA LEÃO**



**Atividade 5: Souza Leão, descendente de uma família de portugueses... E nós?**



## Atividade 6: Além dos muros do Solar. Um tour ao centro Histórico de Tupã.



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vamire



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vamire



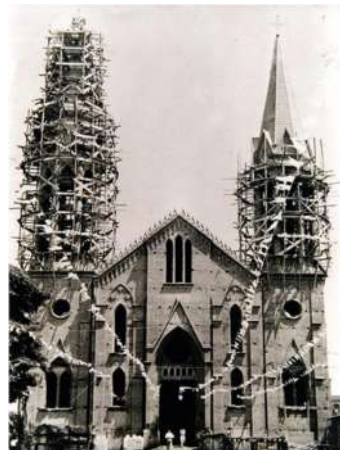
Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vamire



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vamire



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vamire



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vamire



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuie



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuie



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuie



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuie



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuie



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuie



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuie



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuie



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuêre



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuêre



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuêre



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuêre



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuêre



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuêre



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuêre



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuêre



Fonte: Foto digitalizada do acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuire



Fonte: Foto digitalizada do acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuire.



Fonte: Digitalizado do Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuire

## Atividade 8: Propaganda do Solar.

**convite**

**HOMENAGEM PÓSTUMA  
AO FUNDADOR LUIZ DE SOUZA LEÃO**

**GOVERNO DE TUPÃ**  
TRANSPARÊNCIA E RESPONSABILIDADE  
**SECRETARIA DE CULTURA**  
Av. Tupã, 1.885 - CEP 13.608-005 - Tupã/SP - (16) 3491-3315  
@tupa@tupa.sp.gov.br www.tupa.sp.gov.br

A Prefeitura da Estância Turística de Tupã, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, tem a honra de convidar vossa senhoria e família para a homenagem póstuma de 37anos de falecimento do fundador de Tupã, Luiz de Souza Leão.



**SOLAR**



**LUIZ DE SOUZA LEÃO**  
TUPÃ/SP

*Contamos com sua presença para abrilhantar ainda mais esse evento.*

**Data:** 21 de Setembro (Quinta-Feira)  
**Horário:** 09h  
**Local:** Solar Luiz de Souza Leão

  
Jairo Ricardo Raymond  
Prefeito Municipal

  
Jairo Ricardo Raymond  
Vice Prefeito Municipal

  
Renata G. Rosa  
Secretaria Municipal de Cultura

Convite: homenagem póstuma a Luiz de Souza Leão. Fonte:  
<http://www.tupacity.com/?b=73650, set., 20, 2017>.





## Atividade 10: Cartas para Souza Leão.

Luiz de Souza Leão  
Caixa 55, Alta Paulista  
Tupã

**ANEXO IV – Cartilha Pedagógica “Patrimônio e Educação: O Solar Luiz de Souza Leão (Tupã-SP) em sala de aula.”**

**Patrimônio e Educação:  
O Solar Luiz de Souza Leão (Tupã-SP)  
em sala de aula.**



*Cartilha do Professor.*



**PROFHISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA



**Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR**

**Reitor:**

Antônio Carlos Aleixo

**Vice-Reitor:**

Sydnei Roberto Kempa

**Direção Unespar - Campo Mourão:**

João Marcos Borges Avelar

**Direção Unespar - Campo Mourão:**

Carlos Nilton Poyer

**Mestrado Profissional de Ensino de História (ProfHistória)**

**Coordenação Nacional:**

Dr. Luís Reznik (UFRJ)

**Coordenação Local:**

Dr. Bruno Flávio Lontra Fagundes  
(UNESPAR)

**Solar Luiz de Souza Leão**

**Diretor:**

Renato Gonzalez (Secretário da Cultura de Tupã)

**Orientador:**

Michel Kobelinski

**Organização e Revisão:**

Luis Felipe Sanches

Michel Kobelinski

**Ilustrações:**

Luis Felipe Sanches

Bianca Bueno Nogueira

**Projeto Gráfico:**

Luis Felipe Sanches

Gabriel Aducci

Ficha de identificação da obra elaborada pela Biblioteca  
UNESPAR/Campus de Campo Mourão

S211m Sanches, Luis Felipe  
Patrimônio e Educação: o Solar Luiz de Souza Leão (Tupã-SP) em sala de aula / Luis Felipe Sanches. -- Campo Mourão, PR : UNESPAR, 2018.  
68 f : fotografias color.

Orientador: Prof. Dr. Michel Kobelinski  
Cartilha Pedagógica. Dissertação (Mestrado) -- UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná, Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História -- PROFHISTÓRIA, 2018.

1. Museu. 2. História-Estado e Ensino. 3. Município de Tupã-SP. I. Kobelinski, Michel, orient. II. Universidade Estadual do Paraná -- Campus de Campo Mourão, PR. III. PROFHISTÓRIA. IV. UNESPAR. V. Título.

CDD 21.ed. 069  
907  
981.61



**PROF HISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA



Patrimônio e Educação:  
O Solar Luiz de Souza Leão (Tupã-SP)  
em sala de aula.

Luis Felipe Sanches

Campo Mourão – PR,  
2018

Patrimônio e Educação:  
O Solar Luiz de Souza Leão (Tupã-SP)  
em sala de aula.

Campo Mourão – PR,  
2018



## ÍNDICE

Apresentação.....	7
Breve História de Tupã.....	9
Carta ao professor.....	13
Atividade 1: (Re)conhecendo Tupã.....	20
Atividade 2: A(s) Múltipla(s) História(s): Vozes silenciadas e Agentes da História...25	
Atividade 3: Bingo!.....	32
Atividade 4: As árvores históricas de Souza Leão como um jardim sensorial.....36	
Atividade 5: Souza Leão, descendente de uma família de portugueses... E nós?.....40	
Atividade 6: Além dos muros do Solar. Um tour ao centro Histórico de Tupã.....43	
Atividade 7: O que é fato e o que é opinião?.....	47
Atividade 8: Propaganda do Solar.....	49
Atividade 9: A Exposição e seus usos .....	51
Atividade 10: Cartas para Souza Leão.....	54
Considerações Finais.....	57
Indicações de Leituras.....	58
Índice de fotos e fontes.....	59
Bibliografia.....	61
Fontes.....	64
Acervo Consultado.....	67
Bolo Souza Leão.....	68

## Apresentação

Esta cartilha, produto da dissertação de mestrado intitulada “Memória e Patrimônio em Tupã-SP: Proposta pedagógica para o Solar Luiz de Souza Leão (1901-1980)” foi elaborada para atender as atividades de docentes em museus, neste caso, o Solar Luiz de Souza Leão, localizado na cidade de Tupã-SP.

O Solar Luiz de Souza Leão é um dos principais pontos turísticos da região da Alta Paulista e se tornou museu por meio de uma lei criada na década de 1960 pelo próprio dono da residência, Luiz de Souza Leão. Nesse período, Souza Leão doou, por meio de registro em cartório, o desejo de que quando morresse sua residência fosse doada como um local que se relembra a história da fundação de Tupã.

Luiz de Souza Leão (1901-1980) era descendente de famílias ilustres de Pernambuco (séc. XVII). Ao longo do século XX ele vinculou imagens de si à colonização e à exploração dos sertões de São Paulo por meio da escrita de uma história em que é narrador e protagonista. Além disso, suas ações implicaram na formação de um imaginário em torno de suas atuações política, econômica, administrativa e patrimonial, que culminou com a construção de espaços memoriais.

A exposição do Solar Luiz de Souza Leão, por letra da lei, não pode ter nenhuma alteração. O Decreto-Lei nº 2978, outorgada em 23 de fevereiro de 1981, decorrente da lei nº 2 de 11 de fevereiro de 1981, e que, através de intermediador e representante *post-mortem* de Luiz de Souza Leão, o advogado paulistano Sr. Aloysio Raphael Cattani, estabeleceu as condições de doação:

Que esta doação é feita a título gratuito e gravada a condição de essencial de todas as peças, objetos, utensílios, e demais componentes do referido acervo permanecem em seus lugares atuais, que jamais poderão ser modificados ou alterados a fim de manter a autenticidade ambiental do “Solar Luiz de Souza Leão”, tornando-se [sic] portanto irremovíveis.



## Apresentação

---

Consequentemente, com o passar dos anos a exposição se tornou estática e, atraindo menos o público ao museu. Ao contrário, o Museu Índia Vanuïre, que se localiza ao lado do Solar, tornou-se um ambiente interativo, especialmente por desenvolver oficinas culturais, jogos educativos, entre outros. Não poderia ser diferente, o Solar Leão consolidou-se ainda mais como espaço de memória tradicional. Por assim dizer, tornou-se um complemento à visita ao Museu Índia Vanuïre, um lugar de passagem, caso os visitantes tenham um tempo extra para atividades complementares.

Mesmo tendo leis que impossibilitem intervenções museais que alterem a sua exposição, o Solar apresenta potencialidades para a prática docente dentro e fora da sala de aula.

O foco da proposta está na ideia de que a organização e as exposições do Solar estão alicerçadas na *narrativa autobiográfica* de Souza Leão. Isso quer dizer que ele construiu uma imagem de si que seria propagada ideologicamente pela exposição museal do Solar após sua morte. A narrativa de Souza Leão girava em torno da ideia de fundador e benfeitor emérito da região, e tendo as penas de vários jornalistas locais como defensora da sua proposta. E é justamente esta proposta que é trabalhada no Solar, interpretar a linguagem museal que ele construiu.

Como foi destinado a um mestrado profissionalizante, esta cartilha foi elaborada e é fruto de um produto que foi defendido, juntamente com a dissertação de mestrado.

Além disso, a digitalização do acervo pessoal de Souza Leão também entregue às autoridades competentes para que seja disponibilizado gratuitamente a população.

Luis Felipe Sanches.

## Breve História de Tupã

### *Um pouco da História Tradicional de Tupã*

Situada ao oeste do Estado de São Paulo entre os rios Feio e Aguapei Estância Turística de Tupã é uma cidade localizada no interior de São Paulo, na região da chamada "Alta Paulista", microrregião ferroviária colonizada no século XX. A data oficial de fundação de Tupã é 12 de Outubro de 1929, porém a área aqui já estava vastamente habitada, tanto por indígenas, principalmente kaingangas que viviam isolados e tinham como domínio natural as áreas próximas à Bacia do rio Tietê. Na época da fundação de Tupã, já haviam sido exterminados graças a expansão capitalista da pecuária e do café do final do século XIX e início do XX, os sobreviventes foram deslocados pelo SPI, a partir de 1917 a um assentamento indígena Índia Vanuie.

Além de indígenas, a região onde se localiza Tupã recebeu uma série de colonos Italianos, Espanhóis, Japoneses, Letos, Árabes e Alemães chegaram ao longo dos anos à região e se estabeleceram isoladamente. A bibliografia quanto ao conteúdo é escassa, porém, nos principais livros relacionados à História de Tupã, relata-se o pioneirismo da área geográfica de Tupã. Pequenos bairros como o Bairro Granada ou o de São Martinho. Há pouco material bibliográfico a respeito da história de Tupã, mas ainda na primeira década do século XX já ocupavam a região, mas todo esse conteúdo encontra-se diluído ao longo das páginas do livro, situando a história da origem de Tupã separada dos indígenas e dos imigrantes que aqui pisaram.

Em célebre obra acerca do surgimento de Tupã, Luiz de Souza Leão (1968) se vê como o fundador da cidade, homem que se encarrega tanto do processo inicial de urbanização e aldeamento indígena, quanto da alocação de imigrantes. Os papéis destes sujeitos históricos são os de coadjuvantes, uma vez que seu autor se considerava protagonista, simplesmente pelo fato de ter planejado a cidade e de nela ter investido parte de seus recursos.

## Breve História de Tupã

Na monografia “Os Construtores da Torre de Babel” o historiador Paulo José Oliveira Silva afirma que a criação de Tupã se deu por várias frentes migratórias. Porém, reconhece que Tupã surgiu a partir da iniciativa da companhia Melhoramentos da Alta Paulista, através de Eurípedes Soares da Rocha, João Ribeiro do Val e Luiz de Souza Leão, os quais compraram lotes de terra e se instalaram na cidade de Marília.

Em termos gerais, as perspectivas históricas são convergentes. Valorizam o argumento de que a cidade é o resultado do empreendedorismo e do capital investido na infraestrutura urbana e no agronegócio. Portanto, o avanço da lavoura de café e das estradas de ferro, juntamente com o montante acumulado, fizeram com que Souza Leão fosse reconhecido como detentor de um poder simbólico e mitológico.

Luiz de Souza Leão, membro de família tradicional do Nordeste, em visita à exposição do Centenário da Independência do Brasil (SP), interessou-se pelas promissoras terras do sertão paulista. Ele comprou grandes extensões de terra, que mais tarde se transformaria na cidade de Tupã. Essa narrativa histórica foi vastamente vinculada por ele e por várias administrações públicas da cidade de Tupã. Porém, cabe-nos perguntar como a narrativa autobiográfica de Luiz de Souza Leão vinculou a sua imagem à fundação da cidade? E, de fato, esse título não veio ao acaso. Foi historicamente construído através de uma narrativa própria e continuamente construída por terceiros após a sua morte. Para isso, rotineiros discursos e palestras eram ministradas pelo pernambucano para (re)afirmar sua presença histórica, bem como sua vinculação a fatos marcantes da história paulista.

## Breve História de Tupã

Outrossim, os jornais de Tupã e região também eram usados para enfatizar mensagens políticas e reportagens históricas, que, pelo julgamento de Luiz de Souza, eram relevantes à História do Brasil. Em 1972 (15 de abril), o Jornal de Tupã trouxe uma reportagem sobre ele e sua família. A manchete notabilizou não apenas a celebração de sua nomeação para uma cadeira no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP, 1971), mas também retomava sua genealogia desde os anos de 1540, em Portugal.

O solar Souza Leão também contribuiu para a consolidação de uma escrita autorreferente, uma vez que materializou indiretamente uma personalidade e ações.

Este espaço de memória remete aos tempos clássicos da nobreza portuguesa, em uma clara referência à legitimação de poder. A sua existência se consagrava tanto à nobreza quanto à arquitetura, associando o uso de grandes espaços, casarão que demonstravam poder, ostentação material e suntuosos jardins. O Solar seguia os moldes portugueses do Século XII-XVIII. Estas marcas sociais, políticas e históricas integrava Souza Leão ao círculo de famílias de nobres ou mesmo de importantes comerciantes.

O “Solar Luiz de Souza Leão”, referência arquitetônica, histórica e genealógica da linhagem familiar Souza Leão, construído em 1933, transformou-se em museu. Atualmente este *lugar de memória* é administrado pela Secretaria Municipal de Cultura, que têm como objetivos a preservação e a visitação pública. Pelo que levantamos em pesquisa de campo, predomina a exposição clássica do acervo, com visita expositiva e monitorada por guias. Por outro lado, em levantamento bibliográfico, percebe-se a inexistência de trabalhos pedagógicos desenvolvidos para refletir o referido patrimônio, o que justifica a presente abordagem.

## **Breve História de Tupã**

---

Por conseguinte, o enfoque desta cartilha visa propor atividades educacionais e institucionais, envolvendo tanto o ambiente museal quanto o espaço escolar.

## Carta ao Professor:

---

Caro professor, foi pensando nos professores que elaboramos esta cartilha. Sabemos que nossa vida é extremamente corrida e quase nunca sobra tempo (ou estímulos) para buscarmos trabalhar atividades diferenciadas.

Esta proposta foi criada justamente buscando trazer uma nova metodologia aos professores que desejam trabalhar com o Solar Luiz de Souza Leão com os seus alunos, visto que este espaço museal quase sempre é utilizado como visita complementar ao outro museu, o Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre;

Ao negligenciar uma visita focada ao Solar, uma série de problematizações extremamente relevantes para a realidade escolar são deixadas de lado. Trabalhar a narrativa autobiográfica de Souza Leão permite aos estudantes perceberem que a história é uma construção feita pelo homem, e que suas atitudes constituem e fazem parte da história.

Por isso é necessário aqui fazermos uma série de esclarecimentos. Primeiro devemos partir do mais simples. Mesmo se tratando de um material exclusivo para o Solar Luiz de Souza Leão, buscamos fazer da cartilha uma inspiração metodológica universal, que inspire outros autores a buscarem a sanar ou trabalhem as necessidades metodológicas de muitos outros lugares de memória.

Essa cartilha se destina principalmente a um público específico. Isto não quer dizer que ela não seja totalmente adaptável a situação e qualquer público.

Por ser um local com índices de visitação feitos principalmente por escolas da região, o público alvo é justamente este, pois cremos que ao buscar determinado público, por consequência, pais e comunidade irão redescobrir gradualmente o solar.

Assim, com uma visita educativa, buscamos trabalhar áreas diversificadas que vão além da exposição original do Solar Luiz de Souza Leão.

## Carta ao Professor:

Partimos do princípio de que uma exposição é um princípio educativo que deve ser planejado, sendo assim, é de extrema importância que o orientador que irá guiar as atividades já conheça previamente o Solar.

Nesta cartilha, partimos do princípio de que Luiz de Souza Leão elaborou uma *narrativa autobiográfica* relacionando seus feitos à cidade de Tupã e à região da Alta Paulista. Essa narrativa de si se propagou de duas maneiras.

Por seu aspecto discursivo e por amigos jornalistas nos meios midiáticos de Tupã após sua morte, os patrimônios tornam-se os propagadores de uma carga ideológica e além disso, sua residência foi musealizada. O Solar Luiz de Souza Leão tomou o *locus* privilegiado da propagação das ideias. Ou seja, *Lugares de Memória*. (ARÉVALO, 2004)

Vale ressaltar que vozes adversas às ideias e às narrativas de Souza Leão existem, porém são poucas conhecidas e soam apenas como um sussurro que é abafado pelos muros e pelas memórias dos monumentos.

A nossa intenção é outra. Demonstrar para o aluno que, assim como Souza Leão narrou uma história de si, é possível criar uma narrativa de si e que ela se constitui também por meio dos monumentos materiais e imateriais que o cercam. Para isso, por meio da utilização de atividades simples e de fácil execução trabalhar com a problemática do museu dentro e fora da sala de aula. Porém isso não quer dizer que as atividades devam ser seguidas a risca, o tema sugere e incentiva a adaptação de acordo com as necessidades e anseios dentro da realidade escolar.

Recomenda-se também que seja feita uma visita com a turma inteira conhecendo e reconhecendo o Solar. Assim, pede-se a total contemplação do acervo e da exposição, além da completa leitura desta cartilha, e, se possível, ler sobre a história de Tupã, de Souza Leão e a dissertação de Mestrado defendida pelo autor.

## Carta ao Professor:

---

Partiremos de alguns princípios que nortearam a nossa pesquisa acadêmica. Assim, é necessário a familiarização de alguns conceitos trabalhados.

Todos os conceitos aqui demonstrados são frutos de reflexões de autores. Em anexo consta indicações de leituras e todo o embasamento teórico com os respectivos leitores que construíram e problematizaram os conceitos.

Todas as atividades do Solar estão presentes na Caixa da História. Separadas devidamente por envelopes, as atividades precisam ser impressas para que sejam realizadas.

Sempre que for realizar uma atividade, trabalhe com certo ar de suspense para despertar a curiosidade dos alunos. Dentro de cada atividade aqui, há um quadro branco com o conteúdo de cada envelope, desse modo facilita a execução da atividade.

### Conceitos:

Em poucas palavras, conceito é uma noção de um conjunto denominado por palavras. Nas ciências humanas constantemente usamos conceitos como: *burguesia, tempo, mercantilismo, etc.*

A utilização de conceitos é vital para as ciências humanas. Deste modo, sua aplicação será constantemente feita e sua reelaboração e aplicação são constantemente necessárias. Então, decidimos por fazer uma espécie de glossário explicativo dos principais conceitos trabalhados na dissertação e aqui.

### **Autobiografia:**

É orgânico o ato humano de arquivar a própria vida. Phillippe Artières (ARTIÈRES, 1998), historiador francês, classifica como “intenção autobiográfica” a atitude de arquivar determinados temas da vida pessoal.



## Carta ao Professor:

---

buscando elaborar uma imagem de si para os outros, indo além da sua imagem social e da sua própria imagem íntima, sendo uma prática de construção de si.

### **Caixa da História:**

O Projeto Caixa de História surgiu em 2004 e se concretizou em 2011 com o título de “Caixa de História: conhecer e criar”. Foi elaborado por um grupo de professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro na intenção de aproximar o trabalho do historiador com os alunos de educação básica e EJA, para isso, trabalhou com referências espaciais dos municípios cariocas e, por meio de palestras pedagógicas e do acompanhamento dos registros dos alunos, assim, a intenção do grupo era:

*Produzir um material de apoio, visando sua apropriação livre pelo professor, sem a perspectiva normativa de procedimentos adequados ou inadequados ao roteiro predeterminado. Mesmo assim, e pela característica inovadora do material, decidi por elaborar um Guia do Professor que orientasse o docente sobre os caminhos possíveis no uso do material. A ênfase está nos documentos e na interação dos alunos com eles, a partir de fichas de atividades. (ROCHA, 2013).*

Partindo desse princípio, buscamos adequar esta metodologia facilmente adaptável a vários contextos sociais ao Solar, visto que a infraestrutura do museu não permite uma intervenção mais complexa.

### **Cidades:**

Se pesquisarmos nos dicionários, a palavra cidade apresenta em comum a ideia de ser um conglomerado de casas próximas, com locais destinados a comércio, moradia e outras atividades não necessariamente ligadas a terra.

## Carta ao Professor:

O conceito "cidade" envolve uma série de questões espaciais, históricas, temporais e imagéticas. Sendo assim, todo o contexto social deve ser levado em consideração ao se categorizar uma coletividade como cidade.

Portanto, levando em conta a formação dos professores, consideramos importante ressaltar duas questões essenciais. Em primeiro lugar, a aplicabilidade do conceito em sala de aula, o qual deve ser abrangente, para que o aluno compreenda que a cidade é um espaço urbano socialmente construído. Além disso, a cidade deve ser analisada como um espaço único com um próprio contexto histórico e que vive em constante remodelagem (FERNANDES, 2012).

### **História:**

O conceito de história é múltiplo, e seu significado se alterou ao longo dos anos, aqui nesta cartilha partimos dos preceitos da escola dos Annales, de que a história é uma ciência e ferramenta fundamental para a compreensão das transformações sociais de determinados grupos ou da humanidade em geral.

### **História Local:**

O Conceito de História Local está atrelado a ideia da necessidade de conhecermos outros momentos históricos da nossa realidade social e dos espaços em que vivemos. Esse conceito está fortemente nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) devido o momento educacional de aproximar aluno e sua realidade.

"O Ensino de História proposto pelos PCNs para o 1º e 2º ciclos – Ensino Fundamental- está organizado a partir da ideia de que "conhecer as muitas histórias de outros tempos, relacionadas ao espaço em que vivem, e de outros espaços, possibilita aos alunos compreenderem a si mesmos e a vida coletiva de que fazem parte" (BRASIL, 1996: 43-44). Para tanto, deve se realizar por meio da construção da história do lugar (TOLEDO, 2010 p. 744).

## Carta ao Professor:

---

### **Homem-Monumento:**

Partiremos do princípio de Homem-Monumento pelas palavras da autora Andrea Delgado (DELGADO, 2005). Por meio de seus estudos, ela buscou demonstrar como foi constituído um imaginário sobre uma determinada pessoa por meio de espaços museais e obras relacionadas a estas pessoas. Basicamente, o imaginário coletivo se sobrepõe à aquilo que foi realmente a pessoa.

### **Lugar de Memória:**

Lugares de Memória é uma categoria usada por autores como Pierre Nora (ARÉVALO, 2004), que une a ideia de um patrimônio como preservador de memória, e do espaço como um veiculador dessa memória. Ou seja, o patrimônio material gera uma ideia coletiva imaterial.

### **Nova Museologia**

Vários autores trabalham com a ideia da Nova Museologia, em poucas palavras, seguiremos a linha de que a Nova Museologia representa as diversas ações afirmativas que buscam interagir com outros sentidos corporais além da visão. Além disto, compreendemos também como ações de diversificação das abordagens expositivas de um museu, assim, a exposição de um museu é atualizada com tecnologia, atividades lúdicas e maior interação expectador-exposição.

### **Percepção e Representação:**

Partindo da ideia da autora Lucrécia D'Aléssio Borges (FERRARA, 1997) e da tese de Sandra Makowiecky (MAKOWIECKY, 2003) compreendemos que a realidade e um fato é uma imagem que criamos, pensada elaborada. Assim cabe-

## **Carta ao Professor:**

---

nos, dentro da educação patrimonial, ler estas percepções de realidade dentro de uma cidade. Para que isto ocorra é necessário que seja criada uma percepção crítica da realidade por meio de experiências sensoriais, usando a proposta de exposição do Solar para trabalhar estas diferentes percepções de como foi construída a representação e trabalhá-la com os alunos.

### **Ritualização da Memória:**

Ritualizar uma memória é a forma encontrada para a perpetuação de uma narrativa, para isto, é necessário um espaço físico que seja uma âncora na formação da memória, e que tenha, por meio de celebrações, a rememoração dos eventos.

Assim, compreendemos que uma memória ritualizada é uma ferramenta que solidifica uma narrativa por meio de celebrações e cultos a algo ou alguém.

### **Semióforos:**

Compreendemos por semióforo os objetos que, por algum motivo, perderam seu valor, sua carga lógica original, e passaram a ser detentores de um significado, essa simbologia surge a partir do momento em que este objeto é inserido em determinado contexto. A título de exemplo, a cadeira, cujo valor se encontra no repouso e descanso, ao ser exposta em museus, deixa de ter sua função original e passa a ter um sentido totalmente novo..

## Atividade 1: (Re)conhecendo Tupã

Sempre que você quiser levantar propostas ou aplicar as outras atividades, utilize a atividade 01. Ela é a atividade responsável pelo levantamento dos conhecimentos prévios sobre :

- a-) o Solar
- b-) Luiz de Souza Leão e
- C-) conceitos a serem problematizados.

### Objetivos específicos:

- ❖ Localizar e reconhecer Tupã e região espacialmente nos mapas regional e nacional.
- ❖ Conhecer Luiz de Souza Leão e sondar o que se sabe dele e a ocupação da Alta Paulista.
- ❖ Reconhecer locais que constituem a história de Tupã.

### Habilidades a serem desenvolvidas:

Para esta atividade, o aluno irá:

- ❖ Utilizar a noção de localização e de observação
- ❖ Reconhecer aspectos da cultura local

### Para essa atividade:

Envelope 1

Figura 1 - Mapa do Monsenhor João Batista Tofólli. (1959)

Figura 2 – Mapa da Alta Paulista.

Figura 3 – Fotografia de Luiz de Souza Leão.

Figura 4 – Ponto de Interrogação.

Folhas sulfite e envelopes de cartas

### Como Proceder?

#### Primeiro Momento:

Esta atividade pode ser feita em sala de aula ou em qualquer espaço aberto

## Atividade 1: (Re)conhecendo Tupã

Nela, os alunos deverão se familiarizar, por meio da intervenção do professor, com as narrativas acerca de Luiz de Souza Leão e da história de Tupã. Para isso, você deverá, em um primeiro momento, expor para que todos consigam ver a Figura 1 e sondar os conhecimentos dos alunos sobre o que se trata aquele mapa.

Por ser um mapa pouco detalhado, feito por um padre em 1959, é normal que o aluno sinta dificuldade de localização. Espera-se que o aluno, com seu auxílio, leia e compreenda o mapa, a partir da exposição da Figura 2.

Com a exposição da Figura 2, você deverá instigar a sala a se questionar sobre o porquê de parte do mapa da Figura 1 ter a denominação de Sertão.

### **Segundo Momento:**

Exponha o retrato de Souza Leão e trabalhe com os alunos sobre o que eles sabem a respeito de Souza Leão e sua relação com a ocupação da Alta Paulista.

Após a realização desse levantamento, busque compreender com os alunos como essa História foi criada.

### **Terceiro Momento:**

Com a exposição das Figuras 3 e 4, faça um levantamento sobre os locais considerados históricos em Tupã, debata e pergunte aos alunos se conhecem o Solar Luiz de Souza Leão. Em caso positivo, pergunte sobre o que conhecem dele.

Após isso, peça para que eles apresentem, por meio de uma carta endereçada a um parente fictício que não mora em Tupã, o que eles entendem da história de Tupã e como os monumentos ajudam a contar essa história. Não fechem os envelopes.

### **Quarto Momento:**

Agora, por meio da sua intervenção, os alunos serão apresentados à ideia de serem protagonistas na História. Para isso, será necessário eles perceberem

## **Atividade 1: (Re)conhecendo Tupã**

---

que há elementos e monumentos que os cercam e que os ajudam a contar essa História.

Neste momento, peça para que eles escrevam outra carta, mas agora eles devem contar sobre si mesmos e sobre os monumentos de sua realidade significativos para as suas histórias de vida.

## Atividade 1: (Re)conhecendo Tupã

Relação de mapas utilizados na primeira atividade:





## Atividade 1: (Re)conhecendo Tupã



Figura 3 - Luiz de Souza Leão



## **Atividade 2: A(s) Múltipla(s) História(s): Vozes silenciadas e Agentes da História**

Por ser uma atividade complexa ,será dividida em duas momentos. Na primeira, alunos irão se familiarizar com o conceito de autobiografia e buscar na exposição museal do Solar os traços narrativos de Souza Leão.

Em seguida, você fará uma análise da exposição. Com uma nova perspectiva do olhar, o pensamento do aluno será levado a novas narrativas e a uma breve narrativa sobre si mesmo.

### **Objetivos específicos:**

- ❖ Compreender os aspectos da narrativa autobiográfica dentro e fora do Solar Luiz de Souza Leão.
- ❖ Compreender que a História não é feita de fatos, mas sim de interpretações e representações.

### **Habilidades a serem desenvolvidas:**

Para esta atividade, o aluno irá:

- ❖ Ler e interpretar signos que compõem a realidade social do aluno.
- ❖ Adequar a percepção na ideia de ser um protagonista da História.
- ❖ Acirrar o senso crítico.

### **Para essa atividade:**

Envelope 2

Bexigas e fita adesiva.

Fichas de catalogação.

Foto

## Atividade 2: A(s) Múltipla(s) História(s): Vozes silenciadas e Agentes da História

### Primeiro Momento:

Agora, a visita é conduzida normalmente pelo guia do Solar. Toda a ideia tradicional que se passa é a de que Luiz de Souza Leão é um benfeitor. O trajeto geralmente se inicia com a apresentação de Souza Leão no hall de entrada da casa. Ali, o visitante descobre quem foi ele e o que ele fez. Com a visita sendo feita, cabe a você contemplar a exposição e não interferir.

Feita a apresentação, você deverá provocar os alunos com perguntas sobre como o acervo ajuda a construir a narrativa que foi passada pela exposição. Use o próprio espaço museal para isso. Afinal são mais de 2000m<sup>2</sup>.

Agora, a primeira parte da ficha pode ser preenchida pelos alunos, (Ficha 1 – Envelope 2).

*Dica 1: Busque fazer com que os alunos se sintam abraçados pela proposta narrativa de Souza Leão. Peça para que exponham os itens que contribuem para a construção autobiográfica, descrevendo-os ou indicando como ele compreendeu que determinado item é parte relevante da narrativa*

*Dica 2: Caso queira, as fichas podem ser substituídas por desenhos!*

### Segundo Momento:

Para essa atividade, dispensa-se o guia do museu. O motivo é que se deve explorar, pelo uso da imaginação e de sentidos corpóreos, uma visão diferenciada do Solar.

Assim, explore uma nova narrativa no Solar.

Peça para os alunos se imaginarem como um funcionário do casarão na década de 70. Por onde ele entraria? Provavelmente ele não entraria pela porta principal, mas sim pela porta dos fundos. Mostre ao aluno que os portões laterais cumprem uma função de seleção social, pois era o local pelo qual os funcionários deveriam

## **Atividade 2: A(s) Múltipla(s) História(s): Vozes silenciadas e Agentes da História**

entrar. Se você quiser, compare-os com os elevadores sociais e os de serviço atuais.

Adentrar ao casarão pela porta dos fundos faz com que o espectador contemple a cozinha e as áreas de serviço da residência. A visão que se terá sobre o Solar com certeza será outra. Assim, questione com os alunos:

Quantas outras narrativas de vida passaram pelo Solar? O que elas pensavam acerca daquela narrativa? Quais os significados da exposição para estas narrativas esquecidas?

Após essa reflexão, passeie pelos cômodos da casa, guiando os alunos até o hall principal e saindo pela porta principal. Desse modo, os visitantes irão se deparar com a entrada do Solar e com o jardim.

Provavelmente a percepção que eles obtiveram será diferente da primeira saída do Solar. Neste momento, apresente a ideia de que cada pessoa possui uma História, uma narrativa e que, juntas, elas constroem a História.

Peça, agora, para os alunos preencherem a segunda parte da ficha (Ficha 1 – Envelope 2).



Depois, de maneira aleatória, distribua as fotografias antigas de Tupã e os balões aos alunos. Peça para espalharem e amarrarem as bexigas já enchidas com as fotos ao longo do jardim de modo que cada local, cada imagem e cada título seja escolhido por cada aluno, de modo que, cada escolha tenha um significado pessoal.

Por fim, contemplem a exposição feita pelos alunos, encerrando-a com a pergunta: “Como seria a exposição da vida de vocês?”

Abra espaço para aqueles que quiserem falar.

## Atividade 2: A(s) Múltipla(s) História(s): Vozes silenciadas e Agentes da História

Para essa atividade:

Elementos Relevantes a Narrativa	Elementos Secundários a Narrativa
	



## Atividade 2: A(s) Múltipla(s) História(s): Vozes silenciadas e Agentes da História



Foto: Foto enviada de comunidade de São Sebastião de Tapajó (Presente)



Edifício da primeira fazenda com o fazendeiro em Tapajó nos anos 1910, com a primeira fazenda de e o padre Calisto de São Sebastião, arcebispo de desobediência para a construção de Brasília e Barão de Brasília - Padre de João Eudélio  
Foto: Foto enviada de comunidade de São Sebastião de Tapajó (Presente)



Foto: Foto enviada de comunidade de São Sebastião de Tapajó (Presente)



Foto: Foto enviada de comunidade de São Sebastião de Tapajó (Presente)



Foto: Foto enviada de comunidade de São Sebastião de Tapajó (Presente)



Foto: Foto enviada de comunidade de São Sebastião de Tapajó (Presente)

## Atividade 2: A(s) Múltipla(s) História(s): Vozes silenciadas e Agentes da História



Fonte: Foto retirada do acervo do Instituto Moreira de Sá (I. Moreira)



Fonte: Foto retirada do acervo do Instituto Moreira de Sá (I. Moreira)



Fonte: Foto retirada do acervo do Instituto Moreira de Sá (I. Moreira)



Fonte: Foto retirada do acervo do Instituto Moreira de Sá (I. Moreira)



Fonte: Foto retirada do acervo do Instituto Moreira de Sá (I. Moreira)



Fonte: Foto retirada do acervo do Instituto Moreira de Sá (I. Moreira)

## Atividade 2: A(s) Múltipla(s) História(s): Vozes silenciadas e Agentes da História



Fonte: Foto retirada da comunidade do Facebook Memórias de Tapajó (Pessoas)



Fonte: Foto retirada da comunidade do Facebook Memórias de Tapajó II (Pessoas)



## Atividade 3: Bingo!

Nada como um bingo para se descontrair no Solar! A ideia desse jogo é bem simples : reprisar e assimilar, de maneira lúdica, os conceitos aplicados no museu. Transforme o ambiente do Solar em um espaço divertido para jogos!

### Objetivos específicos:

- ❖ Assimilar os conceitos trabalhados aqui na cartilha e sobre a História de Tupã e de Souza Leão.
- ❖ Compreender aspectos da História de Souza Leão.

### Habilidades a serem desenvolvidas:

Para esta atividade, o aluno irá:

- ❖ Enumerar alguns aspectos históricos do Solar.
- ❖ Trabalhar com uma perspectiva diferente de assimilar um conteúdo

### Para essa atividade:

Envelope 3

Convites para o Bingo.

Cartelas de bingo e lápis.

Folha de Respostas com os números e um saco plástico.

### Primeiro Turno:

A vantagem dessa atividade é sua versatilidade, pois ela pode ser aplicada em qualquer ambiente (escolar, no próprio solar, ou em qualquer outra situação). Sua preparação é bem simples.

Recomenda-se a utilização do Salão de Jogos da própria residência, para se criar um clima de salão de jogos como os que havia à época em que o Solar era utilizado por Souza Leão e seus visitantes.

Conte para os alunos que o Salão de Jogos era uma das salas de visitas do Solar, no qual, segundo os antigos tupãenses, eram apostadas grandes quantias nas cartas, no dominó e jogos de sinuca ou, como se dizia à época, snooker.

## Atividade 3: Bingo!

Vale lembrar que em 1946 os salões de jogos foram proibidos por força do decreto-lei 9 215, de 30 de abril de 1946, assinado pelo presidente Eurico Gaspar Dutra por causa da pressão da Dona Carmela Dutra, que era supertradicional e católica e ficou escandalizada com o ambiente.

O espaço amplo do lugar permite que a atividade seja realizada tranquilamente dentro dela, podendo ser realizada também entre as árvores, ou na área de serviço

Após a escolha do lugar, distribua o convite e a cartela do bingo solene que será realizado. Deixe os alunos se espalharem pelo salão.

### **Segundo Momento:**

Com as perguntas já separadas e misturadas dentro do saco plástico, o condutor deve sorteá-las. Cabe aos alunos buscar a palavra correta na cartela e marcar o número da pergunta na resposta. Todas as perguntas estão relacionadas ao Solar e à história de Tupã.

A intenção da brincadeira não é a de avaliar as pessoas que participam da intervenção, mas, de uma maneira lúdica, reforçar, reprisar e assimilar os conteúdos trabalhados nesta proposta.

Atividades lúdicas permitem uma fácil assimilação de conteúdos. E são totalmente aplicáveis para crianças, jovens, adultos e idosos!

Será o ganhador aquele que acertar todas as respostas na cartela, ou seja completá-la.

*Dica 1: Permita-se explorar o imaginário da atividade, ao ser realizada no Solar, utilize convites fictícios para os jogadores adentrarem no Salão de Jogos para jogar. Uma aposta iria bem, use das "quinas" e do "jogo cheio" do bingo para apostarem balas e guloseimas.*

*Dica 2: Esta atividade pode ser aplicada no final de qualquer visita ao Solar, adaptando as cartelas. Para isso, use do site gratuito de criação de cartelas e faça as perguntas de acordo com a visita..*

## Atividade 3: Bingo!

Conteúdos desta atividade:



## Atividade 3: Bingo!

Estas questões serão utilizadas para a realização do Bingo Histórico no Solar. Após o sorteio, leia o número sorteado da questão e peça para os alunos marcarem a resposta que eles julgam correta em suas cartelas.

- 1-) Qual é a palavra que significa a narração sobre a vida de uma pessoa? Autobiografia
- 2-) Qual Sobrenome da Família dos donos desta casa: Souza Leão
- 3-) Qual é o nome do estado onde nasceu Souza Leão? Pernambuco
- 4) Qual é o nome da terra ou castelo de nobres que davam título às famílias? Solar
- 5-) Local onde nasceu Souza Leão: Engenho de Morenos
- 6) Título atribuído a Souza Leão por ter sido um dos primeiros a fundar a cidade de Tupã? Fundador
- 7-) Falso ou Verdadeiro? Tupã surgiu graças a expansão do café no início do Século XX? Verdadeiro
- 8-) Falso ou Verdadeiro? Tupã fica localizado próximo da Alta Paulista? Falso
- 9-) Nome do Evento político que Souza Leão participou em 1932: Revolução Constitucionalista
- 10-) Qual é o ano do falecimento de Souza Leão? 1980
- 11-) Qual é o ano de nascimento de Souza Leão? 1901
- 12-) Museu fundado por Souza Leão no terreno da sua casa em 1964: Museu Índia Vanuíre
- 13-) Qual é o nome da empresa responsável pela fundação de Tupã: Melhoramentos da Alta Paulista
- 14-) Cidade de onde partiu Souza Leão antes de vir morar em Tupã: Marília
- 15-) Étnia dos indígenas que habitavam a região onde surgiu Tupã: Kaingangs
- 16-) Profissão do dono do Solar: Fazendeiro

1	2	3	4
5	6	7	8
9	10	11	12
13	14	15	16



## Atividade 4: As árvores históricas de Souza Leão como um jardim sensorial.

Desde sua construção, o Solar mantinha diversas árvores nativas. A ideia de conciliar de espaço natural/ espaço urbano tem no Solar um pilar, um marco divisório entre os dois espaços.

Em 1995, Adolpho Bartsch, engenheiro agrônomo da prefeitura fez um levantamento das árvores existentes no terreno do solar. Constatou-se a presença de plantas exóticas, mas nenhuma delas era rara.

Este relatório, arquivado no próprio Solar, informa as espécies catalogadas. Na época havia: pau-brasil, flamboyant, sibipiruna, canelinha, ipês, palmeiras, piracantus, areca-bambu, faicero, acácia, oiti, murta, araçá, canudo de pito, alecrim de Campinas, abacate, sapoti, umbu, tâmara, pitanga, umburana, canelão, jenipapo, magnólia, dracena e leiteiro.

Atualmente, porém, algumas mudanças ocorreram. Por causa da idade algumas árvores foram substituídas. Cabe agora a nós mapeá-las e senti-las pelos nossos órgãos sensoriais.

Esta atividade se denomina Jardim Sensorial e agora cabe a você, junto com os alunos, explorar os sentidos corpóreos além da visão.

Há, ainda, a possibilidade da interdisciplinaridade. Traga o professor de Ciências. São muitas as narrativas a explorar aqui também. Mostre aos alunos como o mundo está ligado. A areca--bambu, por exemplo, é de Madagascar, que fica a dez mil quilômetros de Tupã.

### Objetivos específicos:

- ❖ estimular o equilíbrio, a percepção, o desenvolvimento cognitivo dos visitantes.
- ❖ Estimular a preservação da natureza e incentivar os visitantes sobre a necessidade de sua preservação.

**Para essa atividade:**

Envelope 4:  
vendas e mapa do Solar

## Atividade 4: As árvores históricas de Souza Leão como um jardim sensorial

### Habilidades a serem desenvolvidas:

Para esta atividade, o aluno irá:

- ❖ Exploração dos sentidos do corpo.
- ❖ Trabalhar com uma perspectiva diferente de explorar um museu.

A realização da atividade é simples e é realizada na área verde do Solar. A atividade buscará explorar os sentidos sensoriais. Nesse caso, além da visão, iremos trabalhar também com a audição, o olfato e o tato.

Para explicar a aplicabilidade dessa atividade, separamo-las por sentidos, cuja aplicabilidade pode ser feita de maneira aleatória. Além, recomendamos que ao trabalharmos com o sentido “visão”, em uma segunda atividade alternativa pode ser aplicada, realizando a atividade com venda nos olhos, por exemplo.



**Visão:** Explore os elementos visíveis que vão além da exposição, o Solar é repleto de imagens e cores para serem percebidas, a riqueza das árvores, plantas, pisos, pedras e azulejos cheio de cores vivas enchem os olhos dos visitantes. Os jogos de luzes que as árvores provocam é também uma coisa a ser explorada!

Explore a beleza das curvas, as silhuetas, sombras, contrastes e tudo aquilo que vai além da narrativa de Souza Leão.

O que as placas descritivas querem dizer? O que há de novo e de antigo no Solar?

**Tato:** Para não causar muitos transtornos, faça a atividade com os pés descalçados, e se possível comece pela casa devido a sujeira.

Os vários pisos internos e externos da casa compostos por os azulejos, pilares, paredes e plantas possuem várias texturas que geram diversas sensações.

Imagine as diferentes texturas que podem ser percebidas, quantos sentimentos e sensações que são geradas ao termos contato com a natureza e com os objetos presentes no museu! Imagine a sensação de andar com os pés na terra, no cimento ou no carpete!!



## Atividade 4: As árvores históricas de Souza Leão como um jardim sensorial

*Dica 1: Há uma outra atividade alternativa de identificar e mapear as árvores do Solar, para isso, no envelope há mapas para a tal atividade.*



**Audição:** Os sons no vasto espaço museal são diversos, internamente temos porta, cortinas, pisos e inúmeros outros utensílios para explorar a sensibilidade do visitante. Fora do Solar, temos os sons das folhas das árvores, os pássaros e outros animais que habitam o Solar, enfim, as possibilidades são inesgotáveis. Imagina como seria ouvir o som da chuva no Solar?

*Dica 2: Registre todos os momentos e sensações!*

**Olfato:** Onde há natureza, há um amalgama de odores para se explorar. O Solar disponibiliza isso! Há diversas madeiras para se sentir o aroma, plantas e flores que enfeitam o quintal também podem ser aproveitadas nessa atividade!!!

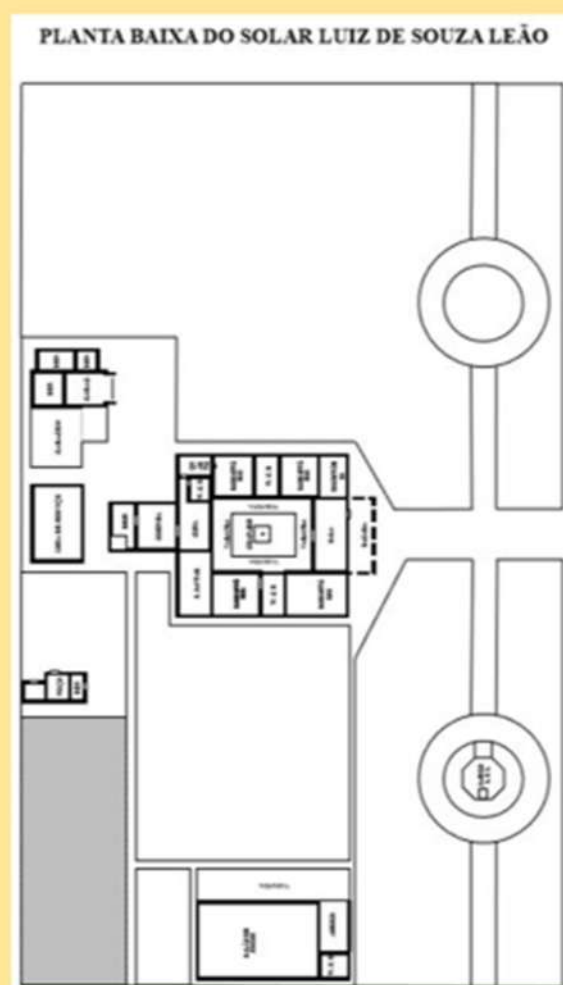


*Dica 3: A tradição municipal diz que é lendário o famoso café feito por Souza Leão, sempre dito por ele que há uma receita secreta que tornavam o aroma e o sabor marcadamente único. Se possível, leve café para aguçar o olfato e paladar dos visitantes, ou trabalhe com grãos de café, explorando vários sentidos e relacionando-os com as atividades agrícolas de Souza Leão.*

*Dica 4: Essa atividade envolve outro dos sentidos corpóreos, o paladar. Por ser de difícil execução, fica aqui a reserva dessa atividade como apenas uma dica. A família de Souza Leão em Pernambuco perpetuou uma receita de bolo que é patrimônio cultural e imaterial de Pernambuco (Lei nº 357, 2007). A receita é de simples execução e pode ser encontrada em qualquer site de culinária (No final da cartilha há uma receita simplificada do bolo. Além disso, há também o café "especial" de Souza Leão, ao qual se adicionava uma colher de sopa achocolatado para cada duas colheres de café.*

## Atividade 4: As árvores históricas de Souza Leão como um jardim sensorial.

Para esta atividade será necessário:





## Atividade 5: Souza Leão, descendente de uma família de portugueses... E nós?

Provavelmente quando adentramos no Solar, nos deparamos com a exposição de retratos que induzem a uma árvore genealógica:



Fonte: Acervo do autor, 2016.

O visitante é levado a pensar no passado nobre do dono da casa, visto que a narrativa do guia colabora para isto. O Brasão ajuda ainda mais nessa ideia. Sendo assim, ao percorrer nos corredores do Solar, cada vez mais o visitante é convencido da nobreza de Souza Leão.

Os solares são construções típicas da Portugal Medieval, quando os nobres construíam suas casas em vastos terrenos e denominavam seus palacetes de Solar. Pensando nessa representação de si, é que esta atividade foi pensada. Convide o aluno a se perguntar qual é o seu maior patrimônio. A resposta é simples: A vida.

Cabe aqui uma exploração da narrativa do aluno. Para isso, convide-o a representar a sua história do mesmo modo que Souza Leão o fez, por meio de uma árvore genealógica.

## Atividade 5: Souza Leão, descendente de uma família de portugueses... E nós?

Para essa atividade:

Envelope 5:

Papel sulfite e exemplo de árvore genealógica

### Objetivos específicos:

- ❖ Construir uma árvore genealógica da família do espectador
- ❖ Compreender a composição social ao redor do espectador

### Habilidades a serem desenvolvidas:

Para esta atividade, o aluno irá:

- ❖ Construir uma árvore genealógica
- ❖ Representar e se expressar por meio de outras formas além da escrita, como por exemplo: desenhos.

Enfatize que, ao representar a árvore genealógica, o desenhista coloque o máximo possível de informações: nome completo de cada parente, profissão e cidade em que habita.

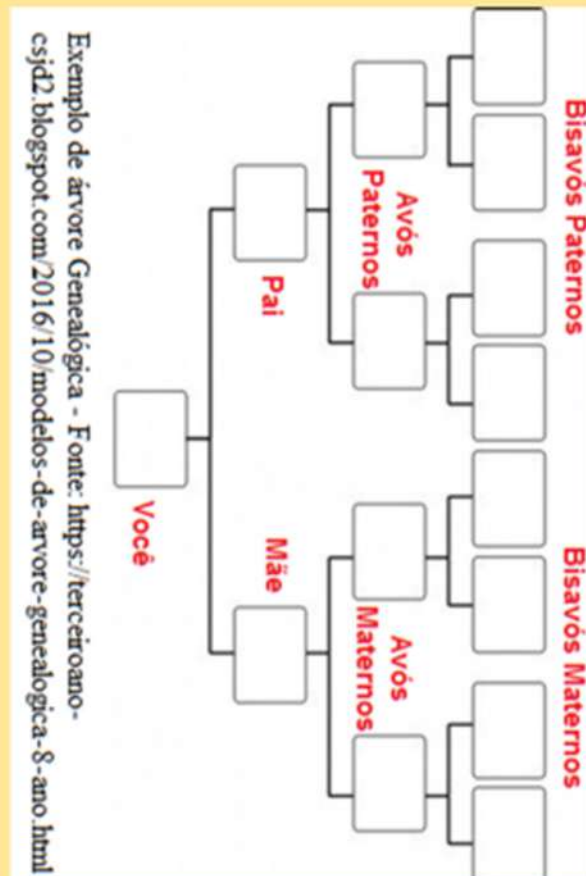
Após isso, peça para que ele dê destaque ao autorretrato. Assim, todos podem compreender como o desenhista se expressa e se representa.

Por fim, faça uma exposição breve das árvores genealógicas no jardim pedindo para que cada autor as explique.

## Atividade 5: O Souza Leão descendente de uma família de portugueses... E nós?

Para esta atividade

:



## Atividade 6: Além dos muros do Solar. Um tour ao centro Histórico de Tupã.

Nos planos de construção do município de Tupã, Souza Leão escolheu um ponto privilegiado para ser sua residência. Em um quarteirão de 2000 m<sup>2</sup>, a residência foi construída em alvenaria. Próxima a ela encontra-se a Praça da Bandeira. Ponto de encontro de diversas atividades culturais, a praça apresenta ainda aspectos arquitetônicos de outras épocas.

A própria arquitetura da praça sofreu alterações conforme os planejamentos urbanos foram acontecendo. Foi pensando nestas alterações que esta atividade foi idealizada.

*Dica: Previamente peça autorização dos pais para andar com os alunos na rua. Leve sempre auxiliares e coloque monitores para ajudar a cuidar das crianças na hora de atravessar as ruas!*

### Para essa atividade:

Envelope 6:

Fotos antigas com mapas e construções presentes na praça.

### Objetivos específicos:

- ❖ Fazer um tour pelos pontos turísticos da praça.
- ❖ Reconhecer patrimônios antigos e situá-los no tempo.

### Habilidades a serem desenvolvidas:

Para esta atividade, o aluno irá:

- ❖ Leitura de mapa e localização espacialmente e geograficamente

Busque fazer da atividade a mais interessante possível, instigando os alunos a procurarem por locais referenciados pelas fotografias. Assim, o aluno conseguirá se localizar geograficamente.

## Atividade 6: Além dos muros do Solar. Um tour ao centro Histórico de Tupã.

Para essa atividade:



Fonte: Foto digitalizada de acervo do Museu Histórico e Pedagógico João Vianello.



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Pedagógico João Vianello.



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Pedagógico João Vianello.



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Pedagógico João Vianello.



Fonte: Digitalizado de acervo do Museu Histórico e Pedagógico João Vianello.



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Pedagógico João Vianello.

## Atividade 6: Além dos muros do Solar. Um tour ao centro Histórico de Tupã.



Foto: Tipografia de Acervo de Museu Histórico e Pedagógico João Vasconcelos



Foto: Tipografia de Acervo de Museu Histórico e Pedagógico João Vasconcelos



Foto: Tipografia de Acervo de Museu Histórico e Pedagógico João Vasconcelos



Foto: Tipografia de Acervo de Museu Histórico e Pedagógico João Vasconcelos



Foto: Tipografia de Acervo de Museu Histórico e Pedagógico João Vasconcelos



Foto: Tipografia de Acervo de Museu Histórico e Pedagógico João Vasconcelos



Foto: Tipografia de Acervo de Museu Histórico e Pedagógico João Vasconcelos



Foto: Tipografia de Acervo de Museu Histórico e Pedagógico João Vasconcelos

## Atividade 6: Além dos muros do Solar. Um tour ao centro Histórico de Tupã.



Fonte: Departamento de Arquivo do Museu Histórico e Pedagógico João Vianari



Fonte: Departamento de Arquivo do Museu Histórico e Pedagógico João Vianari



Fonte: Departamento de Arquivo do Museu Histórico e Pedagógico João Vianari

## Atividade 7: O que é fato e o que é opinião?

Ao longo de sua vida, Souza Leão constantemente dava palestra em diversas localidades e situações. Após a criação do museu, o palestrante gravava algumas de suas palestras e fazia questão de enviá-las para o acervo do museu e de sua própria residência. Esse acervo, infelizmente, se perdeu. Porém recentemente em um trabalho de recuperação da Rádio Tupã, algumas das entrevistas foram recuperadas e uma delas se tomou parte da exposição do Solar.

Nesse discurso, Souza Leão fala da fundação de Tupã misturando fatos históricos, como a compra de terras pela Empresa de Melhoramentos da Alta Paulista, com pontos de vista pessoais, como sua aversão a Getúlio Vargas.

Pensando nisso é que elaboramos esta atividade. Aqui o aluno irá, por meio do discurso de Souza Leão, buscar compreender aspectos constitutivos de um fato histórico e analisar a fala de Souza Leão. Essa atividade é facilmente interligada com a disciplina de gramática.

### Para essa atividade:

Caso não esteja mais disponível a TV com a apresentação, os áudios são facilmente encontrados no acervo fechado do Museu Índia Vanuïre e na Rádio Tupã.

### Objetivos específicos:

- ❖ Relacionar aspectos linguísticos (peça auxílio para o professor de gramática) dentro de um discurso.
- ❖ Diferenciar fato de opinião.

### Habilidades a serem desenvolvidas:

Para esta atividade, o aluno irá:

- ❖ Perceber a constituição de um discurso histórico por meio da fonte oral.



## Atividade 7: O que é fato e o que é opinião?

A atividade é bem fluida e simples. Foi pensada no intuito de não deixar a exposição apenas contemplativa que passa, já que não há placas indicativas ou explicativas sobre a exposição.

Assim, a intenção da atividade é justamente a de não deixar desconectados o áudio e acervo. Cabe os alunos ouvirem todo o áudio.

Após ouvirem o arquivo de som algumas perguntas pode ser realizadas aos alunos:

*Do que se trata?*

*Onde foi gravado?*

*Quem gravou?*

*Onde estava Souza Leão?*

*A que fato histórico o áudio remete?*

*Será que o que foi falado retrata realmente a verdade?*

*O que pode ser definido de verídico no discurso dado por Souza Leão?*

*O que podemos concluir ao ouvir o áudio? Qual o seu posicionamento sobre eles?*

*Qual será a opinião do Souza Leão acerca dos fatos que ele retratou?*

Com estas perguntas, o orientador conseguirá enquadrar e anexar o item que está descontextualizado da exposição do Solar.

## Atividade 8: Propaganda do Solar

Souza Leão faleceu no dia 21 de Setembro de 1980 e sua morte também se rodeou de místicas. Por exemplo, o mito de que ele foi enterrado em pé, e o de que ele só teria morrido após ouvir, pelo rádio que estava sendo inaugurado o Museu Índia Vanuêre.

Desde sua morte, anualmente são realizadas cerimônias solenes em seu túmulo. Nestas honrarias, há a celebrações locais que proferem discursos enaltecedores de Souza Leão e de sua narrativa histórica sobre o município.

Por causa disso, esta atividade foi elaborada. A intenção dela é a de fazer com que os alunos busquem apontar os aspectos positivos e convidativos que o Solar apresenta.

De modo que elaborem uma propaganda para um evento fictício no Solar, os alunos irão pôr sua criatividade em prática.

Após a elaboração, convide o aluno a pensar em sua realidade. O que há de bonito no Solar para se apresentar? E na realidade do aluno? O que há de belo nos arredores de seu bairro?

Para essa atividade:  
Envelope O7:  
Exemplo de propaganda de evento no Solar  
Papel Sulfite  
Lápis de cor, canetinhas coloridas e afins

### Objetivos específicos:

- ❖ Apresentar, de maneira lúdica, as potencialidades do Solar.
- ❖ Usar da criatividade para elaborar panfletos

### Habilidades a serem desenvolvidas:

Para esta atividade, o aluno irá:

## Atividade 8: Propaganda do Solar

- ❖ Capacidade de planejar cartazes e propagandas
- ❖ Elaborar visões diferenciadas sobre a realidade que cerca o aluno

Para esta atividade:

**convite**

**GOVERNO DE TUPÃ**  
 MUNICIPALIDADE E ESPORTIVIDADE  
 SECRETARIA DE CULTURA  
 Rua Manoel de Oliveira 100 - Tupã, SP - 13.160-000  
 @governodetupa

**HOMENAGEM PÓSTUMA  
 AO FUNDADOR LUIZ DE SOUZA LEÃO**

A Prefeitura de Estância Turística de Tupã, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, tem o honra de convidar vossa senhoria e família para a homenagem póstuma de 37anos de falecimento do fundador de Tupã, Luiz de Souza Leão.

**SOLAR**

**LUIZ DE SOUZA LEÃO**  
 TUPÃ SP

*Contamos com sua presença para contribuir ainda mais este evento.*

**Data:** 21 de Setembro (Quinto-Feira)  
**Horário:** 09h  
**Local:** Solar Luiz de Souza Leão

*[Assinaturas]*

Convite: homenagem póstuma a Luiz de Souza Leão. Fonte:  
<http://www.tupacity.com/?b=73650, set., 20, 2017>.

## Atividade 9: A Exposição e seus usos.

Os objetos expostos no Solar são diversos. Ali encontramos mobílias antigas, pratarias e documentos pessoais de Souza Leão. Anteriormente, artigos de ouro eram expostos, mas, infelizmente, assaltantes, na última década do século XX, levaram todos eles.

Muitos dos *semióforos* (objetos corriqueiros que passaram a ser portadores de um sentido diferente do original) ali presentes não são reconhecidos pelos alunos. Isto permite fazer uma atividade lúdica com os alunos sobre esses utensílios que despertam a curiosidade.

O Solar é rico nesses artigos. Nele, há antigas TVs, velhos aparelhos de som e toca-discos. Lamparinas e abafadores de brasa. Discuta sobre como muitos destes objetos se transformaram. Por exemplo, a antiga TV de tubo foi substituída por uma TV tela plana.

A Elaboração da atividade é bem simples. Cabe a você observar o que mais chama a atenção dos alunos durante o passeio e, por meio de uma votação, eleger os itens mais interessantes. Após a escolha, visite os objetos e

- a-) Peça para os alunos batizarem os elementos como eles aparentam ser.
- b-) Peça para eles tentarem explicar para que serve.
- c-) Pergunte se a localização do objeto é adequada.

Após esta breve conversa com os alunos, você pode interferir com a explicação a respeito dos objetos respondendo as questões anteriores e explicar sobre a presença destes objetos no nosso cotidiano.

Realizadas as tarefas, novamente o aluno será levado a se questionar de como estes objetos serão no futuro. Quais seriam substituídos na residência dos alunos? Quais mudanças estes objetos teriam? Seria possível pensarmos em um solar modernizado, futurístico? Como ele seria?

## Atividade 9: A Exposição e seus usos.

Para essa atividade:  
Envelope 9:  
Bloco de anotações e planta baixas do Solar.

Novamente os alunos irão explorar, por meio da imaginação, os objetos existentes. Com as pranchetas e as plantas baixas, peça para os alunos planejarem como seria o Solar com objetos futurísticos. Peça para que eles busquem colocar a explicação e a utilização de cada objeto.

### Objetivos específicos:

- ❖ Reconhecer as diferenças das ações humanas por meio dos objetos.
- ❖ Usar da criatividade para elaborar a descrição

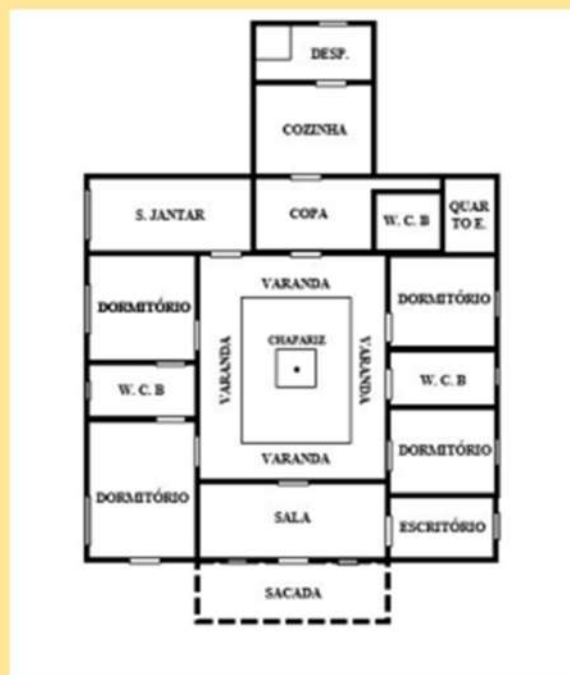
### Habilidades a serem desenvolvidas:

Para esta atividade, o aluno irá:

- ❖ Explorar a criatividade e o estranhamento
- ❖ Usar diferentes formas, como o desenho, para se expressar.

## Atividade 9: A Exposição e seus usos.

Para essa atividade:



## Atividade 10: Cartas para Souza Leão.

Por muitos anos, correspondências eram os principais meios de comunicação. No acervo de Souza Leão há arquivadas inúmeras cartas e rascunhos de cartas e bilhetes destinados ao fundador ou enviados por ele. Porém com o advento de novas tecnologias, a comunicação via cartas ficou quase obsoleta. Na realidade do aluno, cartas são sinônimo de anúncios ou de contas a pagar. A intenção desta atividade é trazer ao aluno uma experiência pouco usual acerca de escrever cartas.

Conectando passado com o presente do aluno, após a visita ao museu e próximo ao livro de assinaturas, o aluno será instigado a escrever uma carta para Souza Leão contando como foi a visita à sua casa, suas impressões e o que ele conseguiu assimilar de todas as experiências do Solar.

### Para essa atividade:

Envelope 10:

Bloco de anotações com o timbre de Souza Leão.

Lápis ou caneta

### Objetivos específicos:

- ❖ Refletir sobre os conteúdos assimilados dentro do Solar
- ❖ Criar novas relações com meios de comunicação pouco conhecidos na atualidade.

### Habilidades a serem desenvolvidas:

Para esta atividade, o aluno terá:

- ❖ Incentivar o apreço pelo uso da escrita.

Após efetuada a carta, coloque-a no envelope, esse material é muito útil para ser trabalhado em sala de aula.

*Dica: Incentive os alunos a escreverem sobre as sensações e tudo aquilo que as*

## Atividade 10: Cartas para Souza Leão.

*atividades feitas da cartilha proporcionaram a ele. Incentive-os a explicar como a visita ao Solar os fez mudar a percepção que ele tinha sobre si e sobre a História.*

*Dica 2: O material recolhido tem como potencialidade de ser uma fonte riquíssima para futuras pesquisas no Solar. Porém devido aos impedimentos legais, deve-se passar por um Conselho de Ética previamente, visto que, o uso de material que vincula pessoas sem a sua consulta prévia, fere as leis no Brasil.*

*Para mais informações, consulte as seguintes leis do CONEP: [http://conselho.saude.gov.br/Web\\_comissoes/conep/index.html](http://conselho.saude.gov.br/Web_comissoes/conep/index.html).*

*Dica 3: Ao invés de mandar uma carta, por que não adaptar a atividade? Por que Souza Leão não poderia receber um whatsapp? (Use um contato fictício ou um e-mail para que seja enviado o recado)*



## Atividade 10: Cartas para Souza Leão.

---

Para essa atividade:



Luiz de Souza Leão  
Casa 55, Alto Paulista  
Tupon

## Considerações Finais

---

Percebe-se que, com pouco, consegue-se muito. Infelizmente o Solar é um espaço pouco atualizado e lhe faltam aportes teóricos mais elaborados. A presente cartilha vem para aproximar o Solar de visões diferenciadas sobre as pessoas e sobre os objetos.

Como utilizam pouco material, as dez atividades aqui trabalhadas permitem rápido preparo. Para elas, é apenas essencial a leitura prévia das atividades. Assim, qualquer professor de qualquer área pode conhecer e trabalhar com o Solar Luiz de Souza Leão tomando mais atrativas as visitas para os alunos e para a experiência pedagógica.

Toda adaptação é válida, portanto as atividades aqui realizadas podem e devem ser adaptadas às diferentes realidades e espaços museais.

Vale citar que todas as imagens possuem seus direitos e aqui são devidamente citadas seus autores. Também é detentor de direitos toda a publicação feita aqui, a reprodução só é permitida por meio da devida citação.

Para facilitar, basta copiar abaixo:

SANCHES, Luis Felipe. *Patrimônio e Educação: O Solar Luiz de Souza Leão (Tupã-SP) em sala de aula*. 2018.

## Indicações de Leituras:

### Sobre a História de Tupã:

LEÃO, Luiz de Souza, **A Fundação de Tupã**. Tupã, 1968.

SILVA, Paulo José. **Os Construtores da torre de Babel**. 2000.

VIZELLI, Arlindo. Et al. **Tupã: Depoimentos de uma cidade**. Tupã. Gráfica & Editora Multi-Gráfica, 2004. P. 373.

### Sobre Nova Museologia:

FRAGA, Hilda Jaqueline de. **Projeto circuitos patrimoniais: visitas históricas ao patrimônio cultural do Pampa**. ANPUHRS.XI Encontro Estadual de História: história, memória, patrimônio, 23-27 jul., 2012, FURG, p.451-458.

KOBELINSKI, M. **As linguagens do Museu Regional do Iguaçu e a nova museologia (2000-2015)**. Diálogos (Maringá. Impreso), v.20, p.147-159, 2016.

### Sobre Autobiografia:

SIBILIA, P. **O show do eu – a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>>. Acesso em: 20 Mar. 2017.

### Sobre a Caixa de História:

\_\_\_\_\_. Caixa de História Local: Criação e recriação na prática docente. In: XVI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2012, Campinas. **XVI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Didática e práticas de ensino na realidade escolar contemporânea: constatações, análises e proposições**. Araraquara: Junqueira&Marin Editores, 2012.

ROCHA, Helenice. Caixa de história local: questões na relação Universidade escola. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, natal. **XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social**. Natal-RN: Universidade Federal do rio Grande do Norte, 2013. p. 1-15.

## Índice de fotos e fontes:

### Foto de capa:

A foto da capa deste álbum foi tirada pelo Autor, e para se colocar a moldura, foi utilizado | o site: <https://www.montagemfotos.com.br/molduras-antigas>. Data de acesso: 22/04;2018.

### Atividade 1: (Re)conhecendo Tupã.

A foto desta atividade foi extraída do arquivo do Museu Índia Vanuïre.

O mapa 1 foi extraído do site da diocese de Marília e foi elaborado por um membro da igreja. [www.diocese.net.br](http://www.diocese.net.br) Data de acesso: 18/05/18.

O mapa 2 desta atividade, estão disponíveis no site: [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org).

### Atividade 2: A Múltipla(s) História(s): As Vozes silenciadas e os Agentes da História.

As fotos desta atividade foram digitalizadas por contribuintes da página do facebook “memórias fotográficas de Tupã” e “memória fotográfica de Tupã II (Pessoas)”, todas elas foram retiradas a partir do arquivo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre

### Atividade 3: Bingo!

Toda a atividade foi elaborada pelo autor, inclusive o convite. A única ferramenta utilizada foi o site: <http://myfreebingocards.com/bingo-card-generator> Data de acesso: 04/06/2018.

No bilhete de convite há uma escrita em próprio punho do nome de Souza Leão extraída de documentos presentes no Solar e digitalizada para o evento.

### Atividade 4: As árvores históricas de Souza Leão como um jardim sensorial.

O mapa desta atividade foi elaborado pelo autor com o apoio de Bianca Bueno Nogueira.

### Atividade 5: O Souza Leão descendente de uma família de portugueses... E nós?

A foto dentro do Solar foi retirada pelo próprio autor, o exemplo de árvore

## Índice de fotos e fontes:

genealógica está disponível em: <https://terceiroano-csjd2.blogspot.com/2016/10/modelos-de-arvore-genealogica-8-ano.html>

Data de acesso: 05/06/2018.

### **Atividade 6: Além dos muros do Solar. Um tour ao centro Histórico de Tupã.**

As fotos desta atividade foram digitalizadas por contribuintes da página do facebook “memórias fotográficas de Tupã” e “Memórias fotográficas de Tupã II (Pessoas)”, todas elas foram retiradas a partir do arquivo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre.

### **Atividade 7: O que é um fato, o que é uma opinião?**

O áudio desta atividade está presente no Solar, porém ela foi gentilmente cedida pela Radio Tupã para a pesquisa.

### **Atividade 8: Propaganda do Solar.**

A imagem utilizada é uma propaganda da prefeitura de Tupã que foi disponibilizada digitalmente no facebook da prefeitura de Tupã.

### **Atividade 9: A Exposição e seus usos.**

O mapa usado é uma digitalização feita de uma cópia da planta baixa do Solar que encontra-se no acervo do Museu Índia Vanuíre.

### **Atividade 10: Cartas para Souza Leão.**

O papel timbrado foi feito pelo autor a partir de pesquisas feitas no acervo do Solar.

## Bibliografia:

- ALMEIDA, A. Desafios da relação museu-escola. **Comunicação & Educação**, Brasil, v. 3, n. 10, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4369/4079>. Acessado em 23 nov. 2016.
- ANSART, Pierre. **Ideologias, conflitos e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ARÉVALO, Márcia Conceição da Massena. **Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto**, 2004. Disponível em: <http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol3n7/marcia.htm>.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 20 Mar. 2017.
- BAUER, Leticia Brandt. O homem e o monumento: criações e recriações de Rodrigo Melo Franco de Andrade. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. 2015.
- BORTOLOZZI, Arléude. Patrimônio cultural em território urbanizado e a reconstrução das cidades contemporâneas: caminhos e possibilidades da educação patrimonial. **Diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales**, 1999-2008. Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica, Universidad de Barcelona, 26-30 de mayo de 2008. <http://www.ub.es/geocrit/xcol/157.htm>. Acessado em: 20 de Jul. de 2017.
- DELGADO, Andréa Ferreira. **Museu e memória biográfica: um estudo da Casa de Cora Coralina**. Sociedade e Cultura, vol. 8, n. 2. UFG, 2005.
- FERNANDES, Antônia Terra de Calazans. **Como Eu Ensino - História das cidades brasileiras**. 1. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012. v. 1. 144p.
- FERRARA, Lucrécia Lucécia D'Alessio. **As Cidades Illegíveis**, p. 61- 80. In: DEL RIO, Vicente. OLIVEIRA, Livia. (org.) – **Percepção ambiental: a experiência brasileira** – São Paulo: Studio Nobel: São Carlos-SP. 1996.
- FERREIRA, Marieta Moraes. **Por um novo ensino de história: os desafios dos anos 1950-60**. In: ROCHA, Helenice. MAGALHÃES, Marcelo. GONTIJO, Rebeca. **O Ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado**. Rio de Janeiro. FGV Editora, 2015. P. 141-162.

## Bibliografia:

FRAGA, Hilda Jaqueline de. **Projeto circuitos patrimoniais: visitas históricas ao patrimônio cultural do Pampa**. ANPUHR. XI Encontro Estadual de História: história, memória, patrimônio, 23-27 jul., 2012, FURG, p.451-458.

JOVIANO, Carlos V. Martins. O Colono e o Índio na ocupação da Nova Alta Paulista. *Revista Científica ANAP Brasil*, V. 4, n.4, jul. 2011, p. 42-51.

KOBELINSKI, M. **As linguagens do Museu Regional do Iguaçu e a nova museologia (2000-2015)**. Diálogos (Maringá. Impresso), v.20, p.147-159, 2016.

KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativa. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2006, 305-327.

LEÃO, Luiz de Souza, **A Fundação de Tupã**. Tupã, 1968.

MAEDA, Ritochi Elton. **Centro de Educação e Artes: A requalificação do Antigo Mercado Municipal de Tupã**, Unesp, Presidente Prudente, 2011.

NADAI, Elza. **O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva**. Revista Brasileira de História, nº 25/6. São Paulo, ANPUH, 1993, p. 155-158.

OLIVEIRA, C. H. L. S. Museu Paulista: espaço celebrativo e memória da Independência. In: Maria Stella Bresciani e Márcia Naxara. (Org.). **Memória e (res) sentimento**. 2a.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, v., p. 197-222

PENA, M.G; SILVA, A.C. A Digitalização de documentos históricos e a gestão eletrônica de documentos para disponibilização on line. In: **Saber digital**. Revista Eletrônica do CESVA/, Valença, v. 1, n. 1, p. 85-102, mar./ago. 2008.

QUIRINO, Thiago. **O QUE REPRESENTA O TÍTULO DE ESTÂNCIA TURÍSTICA?**. Publicado em: 10 de abril de 2012, disponível em: <http://jornalmaisnoticias.com.br/o-que-representa-o-titulo-de-estancia-turistica/>.

ROCHA, Helenice. Caixa de história local: questões na relação Universidade escola. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, natal. **XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social**. Natal-RN: Universidade Federal do rio Grande do Norte, 2013. p. 1-15.

\_\_\_\_\_. Caixa de História Local: Criação e recriação na prática docente. In: XVI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2012, Campinas.

## Bibliografia:

---

**XVI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Didática e práticas de ensino na realidade escolar contemporânea: constatações, análises e proposições.** Araraquara: Junqueira&Marin Editores, 2012.

SANTOS, Corcino Medeiros. **Arrolamento das Fontes Históricas de Tupã (SP).** In: Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História – ANPUH. Goiânia. Setembro de 1971.

SIBILIA, P. **O show do eu – a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

SILVA, Paulo José. **Os Construtores da torre de Babel.** 2000.

TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história. **Antíteses**, vol. 3,n.6, jul.-dez. de 2010, pp. 743-758.

VASCONCELOS, P.A. **As Metamorfoses no Conceito de cidade.** Mercator, Fortaleza, v. 14, n. 4, Número Especial, p. 17-23, dez. 2015.

VIZELLI, Arlindo. Et al. **Tupã: Depoimentos de uma cidade.** Tupã. Gráfica & Editora Multi-Gráfica, 2004. P. 373.



## Fontes:

Algumas fontes carecem e mais explicação. O motivo é de que foram indevidamente arquivadas no Solar, retirando datas, títulos e nomes do acervo.

**Aniversário da fundação de Tupã.** 12 de outubro de 1965.

BARTSH, Adolpho Engracia. **Solar Luiz de Souza Leão - Bosque.** [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida pelo prefeito municipal, em 13 de janeiro de 1995, carta.

**BOLO SOUZA LEÃO.** <https://www.tudogostoso.com.br/receita/2620-bolo-souza-leao.html> (acesso em 20 ago.2018.).

**Bolo souza leão: um pedaço da história de Pernambuco**  
<http://vejabrasil.abril.com.br/blog/quentinhas/comidinhas/receita-de-bolo-souza-leao/> (acesso em 20 ago. 2018.)

FERRI, Thiago. **O Desbravador enterrado no Quintal.** Publicado em: 04/04/2016. Disponível em: <http://circuito.sescsp.org.br/2016/tupa-o-desbravador-enterrado-no-quintal/>. Data de Acesso: 31 de out. de 2016.

Folha do Povo. **Um agradecimento póstumo.** 23 de setembro de 1980.

**FOTO DA ALMERINDA, ESPOSA DE LUIS DE SOUZA LEÃO, JÁ ESTÁ EM EXPOSIÇÃO NO SOLAR.** 2013, Retirado de:

<http://www.tupanoticias.com.br/site/noticias/ver/noticia/3012/foto-de-almerinda-esposa-de-luis-de-souza-leao-ja-esta-em-exposicao-no-solar>. Data da visitação: 19 de outubro de 2016.

Decreto nº 3.131 de 24 de novembro de 1982.

GOUVEA, Irajá. **Restauração e reutilização de prédios tombados: Estudo de caso – Solar “Luiz de Souza Leão” (Tupã-SP).** 2009. Disponível em: <http://arquitetando.xpg.uol.com.br/artigo02.htm> Data de acesso: 20 de out. de 2016.

**Tupã perde seu fundador e benemérito.** Jornal da Região, 23-09-1980.

Jornal de Tupã. 13 de outubro de 1973 p.1

**JORNAL DE TUPÃ, DOMINGOS DE SOUZA LEÃO - O BARÃO DE VILA BELA.** 15 de abril de 1972.

## Fontes:

**Luiz de Souza Leão.** Gazeta de Tupã 20 de setembro de 1959.

NEVES, Jota. **Corrupção administrativa e irregularidades decretam a suposta falência de empreiteira de Tupã-SP.** 2013 Disponível em: <http://jotaneves.com.br/2013/02/corruptao-administrativa-e-irregularidades-em-obras-publicas-levam-ao-fechamento-empceiteira-investigada-pela-cpi-do-espaco-das-artes-em-tupa-sp-mais-informacoes-em-instantes/> Data de acesso: 22 de out. de 2016

**PEDROSO.** Diário de Tupan, 27 de julho de 1956 Ano I Num. 6

**Petição Pública 1.437/72** de 21 de agosto de 1972.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TUPÃ. **Levantamento sobre as árvores do Solar Luiz de Souza Leão.** 13 de janeiro de 1995 pg. 2.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TUPÃ. Op. Cit. pg.1.

RÁDIO TUPÃ, **Solar Luiz de Souza Leão necessita de investimentos.** 2004. Disponível em: <http://unisite.com.br/Politica/10265/Solar-Luiz-de-Souza-Leao-necessita-de-investimento.xhtml>. Data de acesso: 19 de out. de 2016.

**SOLAR LUIZ DE SOUZA LEÃO DEVE SER REABERTO NO INÍCIO DE 2012.** 2011. Disponível em: <http://unisite.com.br/Cultura/31006/Solar-Luiz-de-Souza-Leao-deve-ser-reaberto-no-inicio-de-2012.xhtml>. Data de acesso: 21 de out. de 2016

**SOUZA LEÃO. EMPRESA ESTÁ CONCLUINDO OBRAS DE RESTAURO.** Publicado em: 29/12/2011. Disponível em: <http://unisite.com.br/Geral/31132/Souza-Leao.xhtml>. Data de acesso: 21 de out. de 2016.

**SOLAR.** Publicado em: 07/11/2014. Disponível em: <http://unisite.com.br/Geral/38416/Solar.xhtml>. Data de acesso: 22 de nov. de 2016.

**SOUZA LEÃO; SOLAR FOI REINAUGURADO ONTEM E JÁ RECEBE VISITA DA POPULAÇÃO.** Publicado em: 28 de novembro de 2012. Disponível em: <http://unisite.com.br/Politica/33681/Souza-Leao.xhtml>. Data de acesso: 21 de outubro de 2016.

## Fontes:

---

TUPÃ NOTÍCIAS. **Solenidade marcará 34 anos de falecimento do fundador de Tupã.** Publicado em: 16/09/2014. Disponível em: <http://www.tupanoticias.com.br/site/noticias/ver/noticia/3309/solenidade-marcara-34-anos-de-falecimento-do-fundador-de-tupa>. Data de acesso: 21/09/2016. Data de acesso: 15 de ago. de 2016.

TUPÃ NOTÍCIAS. **35 anos da morte de Luiz de Souza Leão.** Publicado em 30/09/2015. Disponível em: <http://www.tupanoticias.com.br/site/noticias/ver/noticia/5588/35-anos-da-morte-de-souza-leao-fundador-de-tupa>. Data de acesso: 20 de out. de 2016.

TUPACITY. **Tupã pode perder o título de estância.** Disponível em: <http://ginoticias.com.br/tupa-pode-perder-o-titulo-de-estancia-turistica-pela-nao-realizacao-de-eventos-em-2016/>. Data de acesso: 28/12/17.

**TURÍSTICA POR CONTA DOS CANCELAMENTOS DE EVENTOS EM 2016.** Publicado em 06/01/2016, disponível em: <http://www.tupacity.com/?b=53066>. Data de acesso: 15 de ago. de 2016.

## **Acervo consultado:**

---

### **ACERVO CONSULTADO.**

Acervo da Rádio Tupã.

Acervo do Solar Luiz de Souza Leão.

Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre.

Arquivo do Solar Luiz de Souza Leão.

Arquivo do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre.

Jornais de Tupã ativos e inativos.

## Bolo Souza Leão:

---

1kg de massa de mandioca lavada e peneirada. (puba, encontrada nas casas de produtos nordestinos)

2 vidros de 200ml de leite de coco mais duas vezes a mesma medida de água.

800g de açúcar

3 copos americanos de água

10 gemas

1 pacote de manteiga (250g)

Uma pitada de sal

### MODO DE PREPARO

Junte a massa de mandioca com o leite de coco e o sal

A parte, faça o mel com o açúcar com os três copos de água

Leve ao fogo

Quando soltar bolhas, está no ponto certo

Retire do fogo e junta-se a manteiga aos poucos

Quando estiver morno, coloque as gemas uma a uma batendo bem

Junte este mel à massa que se formou com a mandioca e o leite de côco

Passe esta mistura em uma peneira fina de uma a duas vezes

Forma untada só com margarina

Leva-se ao forno por aproximadamente 35 minutos

Fonte: <https://www.tudogostoso.com.br/receita/2620-bolo-souza-leao.html>(acesso em 20 ago.018.)